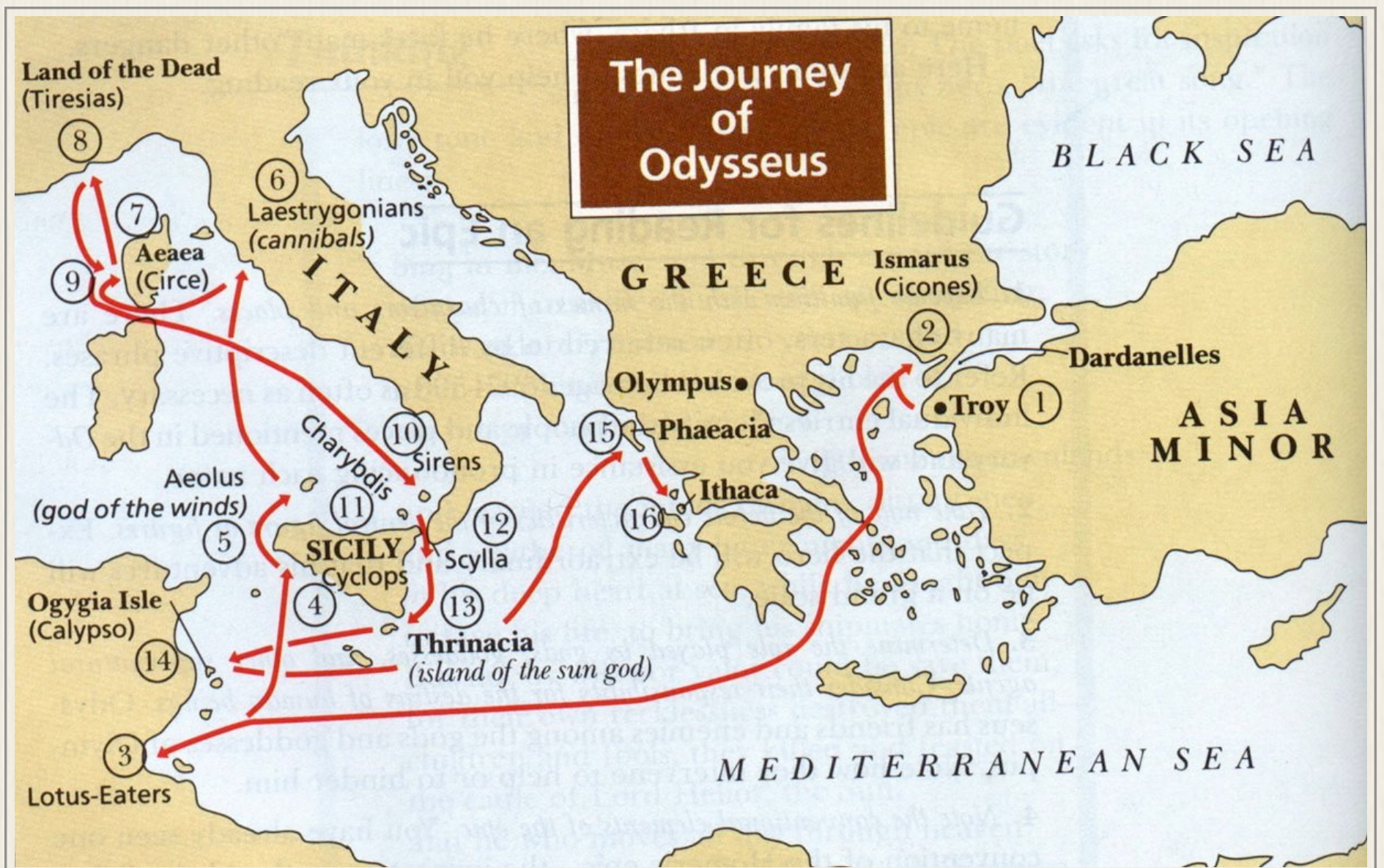

A Odisseia

Homero

ADAPTAÇÃO DE STELLA MARIS BORTONI-
RICARDO



ΟΔΥΣΣΕΙΑ



POLIFEMO, O CICLOPE

Quando a cidade de Troia foi derrotada e destruída pelas chamas, depois de uma guerra que durou dez anos, os gregos vitoriosos apossaram-se dos despojos e dos prisioneiros e, recebida ordem do rei Agamenon, comandante das tropas gregas, todos os chefes que tinham sobrevivido retomaram seus navios e iniciaram a viagem de regresso para suas terras.

Entre estes estava Ulisses, rei da pequena ilha de Ítaca, situada ao largo do continente grego. Sua frota era composta por doze navios de cinquenta remos. Com suas velas desfraldadas ao vento e as proas azuis cortando as ondas, começaram a navegar.

Cada navio levava cerca de sessenta homens. Traziam o coração cheio de inquietante alegria por poder, finalmente, regressar a seus lares, depois de dez anos de penosos sacrifícios e de tremendas batalhas.

Depois de navegarem por alguns dias, Ulisses e seus homens aportaram na terra dos cícones. Estavam tão acostumados às devastações do tempo da guerra que não hesitaram em atacar aquele povo sem qualquer razão, matando muitas pessoas e roubando os seus rebanhos. Dividiram depois os despojos em partes iguais e estavam tão animados com aquela vitória que não deram ouvidos às palavras de seu chefe, que recomendava a partida imediata daquele lugar. Indiferentes, acenderam fogueiras na praia para assar a carne, enquanto bebiam o vinho roubado ao inimigo. Passaram

toda a noite festejando a vitória, comendo e bebendo, esquecidos dos danos que tinham causado e da cidade que tinham destruído.

Os cícones, porém, recorreram aos vizinhos, guerreiros valorosos que lutavam em carros de guerra, e, ao amanhecer o dia, surpreenderam os gregos acampados na praia. Encurralados entre o inimigo e o mar, os homens de Ulisses defenderam suas posições durante algumas horas, mas, percebendo que sua derrota era certa, fugiram para os navios, deixando aos cícones as honras da vitória. Com as baixas desse combate, a tripulação de cada navio perdeu seis homens.

Alguns dias depois, os navios foram desviados de sua rota por forte vento norte e, navegando em direção contrária, aproximaram-se da terra dos lotófagos. Ulisses era muito curioso a respeito dos costumes dos outros povos. Por isso, logo que aportaram, enviou três homens para explorar a região e verificar que espécie de gente habitava aquela terra.

Descobriram um povo pacífico e indolente, cuja única ocupação era comer os seus lótus e divagar o tempo em doces sonhos. Os lotófagos receberam bem os estrangeiros, como era de seu hábito, e lhes deram lótus para comer. Tão logo os homens de Ulisses provaram a fruta, perderam imediatamente o desejo de juntar-se a seus companheiros e de recomeçar sua trabalhosa viagem de volta para Ítaca. Seu único desejo era permanecer naquela terra, esquecidos de suas famílias e de seus lares, saboreando a fruta do lótus, perdidos em seus sonhos.

Preocupado com sua demora, Ulisses reuniu todos os seus homens e partiu para verificar o que havia acontecido.

– Talvez estejam prisioneiros de algum povo selvagem ou talvez já estejam até mortos – disse ele. Devemos chegar a tempo de salvá-los ou então de vingar a sua morte.

Encontrou-os, porém, sentados entre os estranhos habitantes daquela terra, na mais completa calma, decididos a permanecer ali para sempre. E foi entre gritos e protestos que se deixaram arrastar para o navio. Ali foram fortemente amarrados, a fim de que não voltassem para o convívio dos comedores de lótus e se perdessem para sempre. Antes que outros homens também provassem aquela fruta e se esquecessem de seus propósitos, Ulisses ordenou que partissem a todo pano e se afastassem daquela terra.

Encontraram em seguida o país dos ciclopes, povo simples e selvagem, da estatura muito superior à de um homem normal. Eram tão primitivos que não cultivavam a terra, não construíam habitações, nem comerciavam com outras nações. Moravam em cavernas abertas na rocha e ocupavam-se exclusivamente da criação de rebanhos que pastavam nos ricos e verdejantes campos.

Numa noite de denso nevoeiro, os navios chegaram a uma ilha próxima dessa terra, onde viviam rebanhos de cabras selvagens nas cerradas florestas. Os homens desembarcaram e adormeceram. Na manhã seguinte, quando o nevoeiro cessou, verificaram, com surpresa, quão próximos estavam da terra dos ciclopes.

Durante todo o dia, permaneceram na praia, descansando e regalando-se com a carne de cabras da ilha, enquanto Ulisses observava o continente. Dali podia notar o gado que pastava no campo e avistar o fumo das fogueiras acesas pelos pastores ciclopes.

– Amanhã – dizia ele – irei com um navio até o continente e verei quem mora naquela terra tão farta. Por certo, encontraremos um povo amigo, que nos dispensará a hospitalidade tão cara para nós, depois de todos esses dias no mar.

Assim, na manhã seguinte, Ulisses navegou até o continente e ancorou o seu navio numa baía sombreada por rochedos, onde cresciam arbustos por entre as pedras e os goivos que floresciam em cada fenda da rocha.

Bem perto dali, na encosta do rochedo, um pequeno caminho conduzia à entrada de larga caverna, semiescondida por viçosas moitas de capim e cercada por amontoado de grandes pedras.

Percebia-se claramente que ali era a moradia de alguém. Ulisses tomou doze dos seus melhores homens e dirigiu-se para lá, levando um odre de vinho para presentear o morador da caverna.

Por detrás do cercado de pedras, encontraram um pátio com currais para carneiros e ovelhas. Mas não havia nenhum animal ali, pois os rebanhos estavam no campo com seu dono.

– Não há ninguém aqui – disse Ulisses. Vamos esperar dentro da caverna a volta do pastor e de seus rebanhos.

Passando por entre a viçosa folhagem que escondia a entrada, penetraram no interior da caverna. Logo que seus olhos se acostumaram à escuridão, puderam ver vários cabritinhos e cordeiros separados segundo a idade. Do teto pendiam cestos repletos de queijo e o chão estava coberto de baldes de leite. Mas, apesar de toda aquela fartura, a caverna não tinha aspecto agradável ou acolhedor. Os homens de Ulisses, assustados, insistiam em abandonar aquele local, levando consigo todo o queijo e todos os cordeiros que pudessem carregar. Mas Ulisses tinha outra ideia!

– Não podemos roubar um estrangeiro na sua ausência – disse. Ademais, quando voltar, certamente terá prazer em obsequiar os seus hóspedes com maior quantidade de presentes do que poderíamos levar daqui. Seria tolice perder esta oportunidade de reabastecer nossos navios, com esses queijos saborosos e tenros cordeiros, que poderemos repartir com os companheiros que nos esperam na ilha.

Assim, não arredaram pé dali até o cair da tarde, quando o seu anfitrião chegou.

O ciclope era criatura monstruosa, tão alta quanto três homens juntos, e com um único olho no meio da testa. Logo que Ulisses e seus homens o avistaram compreenderam quão temerários tinham sido em permanecer ali.

O gigante trazia consigo enormes braçadas de lenha, galhos de carvalho e pinheiro, como se fossem simples feixes de gravetas. Aterrorizados, os gregos procuraram esconder-se no canto mais escuro da gruta.

O ciclope prendeu os carneiros e cabritos no pátio externo e conduziu as ovelhas e as cabras para o interior da caverna, fechando-lhes a entrada com enorme pedra.

Ulisses e seus homens jamais tinham visto animais tão grandes em toda a sua vida.

Terminada a ordenha das cabras e ovelhas, o monstro as reuniu-as com suas crias e começou a acender o fogo com a madeira que trouxera. O clarão das chamas iluminou toda a gruta e tornou visíveis os pobres viajantes que tentavam esconder-se agachados no extremo da caverna.

– Quem sois, estrangeiros? – rugiu o gigante.

Apesar de todo o terror que a estranha criatura lhe inspirava, Ulisses adiantou-se e respondeu-lhe com voz firme:

– Nós somos gregos, naturais da ilha de Ítaca. É para lá que vamos, depois de demorada guerra contra a cidade de Troia. Os ventos nos desviaram de nossa rota e aqui estamos, esperando gozar de tua hospitalidade até que possamos reiniciar nossa viagem.

Disse o gigante com a sua voz de trovão:

– Eu sou Polifemo, o ciclope, e não tenho o hábito de receber hóspedes a não ser que isso me agrade. Mas, dizei-me, onde foi que ancorastes vosso navio? Em local próximo daqui?

Ulisses desconfiou da intenção de Polifemo de causar algum dano ao navio e deu-lhe astuciosa resposta:

– Nosso navio foi destruído e somente eu e estes doze homens que me acompanham conseguimos escapar.

O ciclope nada disse. Limitou-se a agarrar um homem em cada mão, despedaçou seus crânios, batendo-os contra a rocha, retalhou seus membros e os saboreou, como ceia, diante do olhar esbugalhado de pavor de seus companheiros. Bebeu depois vários baldes de leite e, deitando-se junto ao fogo, adormeceu.

O primeiro impulso de Ulisses foi desembainhar a espada, acercar-se do gigante e matá-lo durante o seu sono. Isto bem pouco adiantaria, porém, pois jamais conseguiriam remover, sozinhos, a imensa pedra que bloqueava a entrada. Resolveu, pois, esperar toda a noite, engenhando a maneira de iludir aquele monstro cruel e escapar dali com seus homens.

Quando raiou a aurora, Polifemo reavivou as chamas de sua fogueira e mungiu suas cabras e ovelhas novamente. Em seguida, apanhou mais dois homens de Ulisses e os devorou com fúria de animal selvagem. Feito isso, desimpediu a entrada da caverna, conduziu seus animais para fora, recolocou a pedra em seu lugar, e partiu para as pastagens, assobiando alegremente, talvez pensando na ceia que o aguardava na volta.

Ulisses e os oito homens restantes sentaram-se junto ao fogo para planejar meio de fugir àquela triste sina e, finalmente, Ulisses teve uma ideia.

Na caverna, encontraram comprido tronco de oliveira seca e dela Ulisses retirou com sua espada grande estaca. Ordenou a seus homens que

fizessem ponta aguda em uma das extremidades e que a colocassem no fogo para endurecer.

– Esta noite – disse ele – nós esquentaremos esta madeira e com ela haveremos de furar o único olho de Polifemo.

Quando a madeira estava preparada, eles a ocultaram e escolheram por sorteio os quatro homens que ajudariam Ulisses a cegar o monstro.

Ao anoitecer, Polifemo voltou com seu rebanho e dessa feita colocou todo o gado, machos e fêmeas, dentro da caverna. Terminada a tarefa da ordenha, sacrificou outros dois homens e já os comia quando Ulisses acercou-se dele e lhe ofereceu uma gamela cheia de delicioso vinho que trouxera do navio.

– Este é o vinho que retiramos do navio antes que ele se despedaçasse contra os rochedos. Tomai-o e provai dele e vereis o quanto é delicioso.

O ciclope apanhou a gamela, sorveu o vinho num único gole e, devolvendo-a a Ulisses, pediu que a enchesse de novo, Assim fez Ulisses e novamente o gigante bebeu.

– Dai-me ainda mais do vosso vinho, estrangeiro – ordenou – e dizei-me o vosso nome. Em troca, vos brindarei com um presente.

Pela terceira vez, Ulisses serviu-lhe o vinho e o ciclope o emborcou. O herói disse-lhe então:

– Meu nome é Ninguém. Dizei-me agora que dádiva dareis a Ninguém pelo delicioso vinho que vos servi.

– Esta dádiva serão algumas horas de vida. Serás o último que comerei – disse Polifemo com estrepitosa gargalhada.

Já, então, embriagado pelo vinho, esticou-se junto ao fogo e adormeceu profundamente.

Sem perda de tempo, Ulisses colocou a estaca entre as brasas até que sua extremidade estivesse incandescente. Depois, ele e os quatro homens escolhidos levantaram-se e cravaram sua ponta no olho do ciclope adormecido.

Entre gemidos e uivos de dor, Polifemo acordou e arrancou a estaca da órbita do seu olho que sangrava. Desesperado pela dor, agitava os braços e trocava trôpegos passos dentro da caverna, em tentativas frustradas de alcançar os homens que se comprimiam contra a parede.

Os ciclopes vizinhos que habitavam pela redondeza ouviram seus gritos e acorreram para ver o que se passava. Do lado de fora da caverna gritaram para ele:

– Que dor te aflige, Polifemo? Por que nos acordas a estas horas com teus gritos? Porventura alguém roubou teu rebanho ou tentou matar-te?

– Meus bons vizinhos, Ninguém com a sua astúcia me está matando.

– Se Ninguém te está matando – responderam os vizinhos – então deves estar doente e nada podemos fazer por ti, pois as doenças são enviadas pelos deuses. Tu nos acordaste em vão. Possam teus males abandonar-te até o raiar da aurora.

E, dizendo isto, voltaram para suas casas.

Polifemo, às apalpadelas, conseguiu chegar até a entrada da caverna, afastou a grande pedra que obstruía a passagem e ali sentou-se de maneira que pudesse agarrar qualquer dos homens que tentasse abandonar o local.

Ulisses e seus homens, no outro extremo da gruta, planejaram meio de escapar. Retirando cerdas do monte de palha onde dormia Polifemo, o ítaco atou os mais lanosos carneiros em grupos de três. Embaixo de cada carneiro que ficava no centro amarrou um dos seus homens. Ele próprio

agarrando-se às compridas lãs do mais lanzudo animal, deitou-se sob seu ventre.

Pela manhã, como se aproximava a hora da partida para as pastagens, os animais inquietos e barulhentos foram-se dirigindo para a saída da caverna. Polifemo, vigilante, antes de deixá-los sair, apalpava o seu dorso. Nem uma vez, porém, lembrou-se de apalpar-lhes o ventre. Isso permitiu que os seis homens evadissem.

Finalmente, aproximou-se o maior carneiro. Caminhava lentamente suportando o peso de Ulisses que se mantinha agarrado ao seu pelo. Polifemo tateou as suas costas e falou:

– Amável carneiro, por que és hoje o derradeiro a deixar a caverna, tu que sempre conduzas o rebanho, tomando-lhe a dianteira? Acaso pretendes confortar o teu dono cego pelas mãos malévolas de Ninguém, com a tua companhia? Eu quisera que pudesses contar-me onde se oculta o miserável que me roubou a visão! Mas parte, meu carneiro. Vai para os campos onde teus companheiros te aguardam.

Dizendo isto, o gigante empurrou-o para fora, e Ulisses, sentindo a luz do sol, compreendeu que estava livre. Abandonou seu esconderijo e tratou de desamarrar seus homens, presos ao ventre dos outros animais. Juntos, sem perda de tempo, foram encontrar os companheiros que os esperavam na enseada e levaram consigo todo o rebanho. Depois de colocar os animais no navio, velejaram para a ilha.

Em meio do caminho, Ulisses, de pé sobre a proa, gritou com todo os seus pulmões:

– Agora, maléfico ciclope, tu aprendeste que desgraças a tua crueldade, para com estrangeiros indefesos, te pôde causar!

Polifemo, em fúria, ouviu as palavras de Ulisses. Abandonou sua gruta, desprendeu da rocha imenso bloco de pedra e arremessou-o na direção

em que lhe vinham os sons daquelas palavras audaciosas. A pedra caiu bem próximo à proa da embarcação, levantando grandes ondas que impeliram o navio de volta à enseada. Servindo-se de longo varapau, Ulisses lutou contra a força das águas revoltas que arrastavam o seu navio, enquanto seus homens, com os remos, procuravam ganhar o alto-mar.

Novamente, Ulisses levantou-se e gritou os seus insultos contra Polifemo. Seus homens, assustados, procuravam contê-lo, pois temiam que outra pedra fosse mais certa e lhes destruísse o navio. Ulisses, porém, continuava a gritar mais alto e mais feroz:

– Polifemo, se algum dia te perguntarem como foi que perdeste a vista, dize que foi Ulisses, rei de Ítaca, quem a tirou de ti!

– Ai de mim! – rugiu o ciclope. Já estava predito que Ulisses, rei de Ítaca, me causaria grande desgraça. Eu esperava, porém, inimigo digno de mim, um homem forte e grande, e apareceu-me alguém pequeno e frágil como tu. Eu te digo, porém, que não gozarás muito a tua vitória, pois Netuno, meu pai, senhor dos mares em que navegas, há de vingar o mal que fizeste a seu filho.

Dizendo isso, estendeu as mãos por sobre as águas e clamou aos céus por vingança.

– Supremo Netuno, senhor de todos os mares, concedei uma graça a vosso filho. Fazei que Ulisses e seus homens jamais retornem à terra onde nasceram. Mas se for vontade dos deuses que ele alcance Ítaca, que ali não encontre um só amigo e que a desgraça o preceda em sua casa.

E, juntamente com essas maldições, Polifemo atirou ao mar outra pedra. Desta feita, entretanto, caiu próximo à ré do navio e o impeliu para a frente.

Sãos e salvos na ilha, Ulisses dividiu o rebanho entre os homens. Como ele era o chefe e tinha provado uma vez mais seu destemor, vencendo o

ciclope, seus companheiros o presentearam com o gordo carneiro que o tinha ajudado a salvar-se.

Durante todo um dia refizeram-se das lidas e banquetearam com carne de cabra. Pela manhã, reiniciaram a viagem, mas não tardou que Poseidon, atendendo aos rogos de seu filho, lhes enviasse grandes dificuldades.

A etapa seguinte de sua viagem foi Eólia, ilha flutuante toda cercada por rochedo e indestrutível muralha de bronze. Ali vivia Éolo, guardião dos ventos, na companhia de sua esposa e de seus filhos, seis moças e seis rapazes.

No seu palácio, a vida decorria entre festas e lautos banquetes de finas iguarias e dos mais puros vinhos. De longe já se podia ouvir o ruído dos festejos e sentir o delicioso cheiro que se exalava dos pratos de carne assada.

Ulisses e seus homens foram bem recebidos na ilha de Éolo. Por trinta dias ali permaneceram, participando da exuberante alegria de seus anfitriões. Ulisses deliciava-os com a narrativa de seus feitos durante a longa guerra contra Troia. Tudo os interessava e ele mal podia responder a todas as perguntas que faziam sobre o que tinham visto e feito desde a partida da ilha de Ítaca.

Ao aproximar-se o tempo de reiniciar a viagem, Ulisses dirigiu-se a Éolo e pediu-lhe que lhes proporcionasse ventos benéficos para a viagem.

Éolo respondeu-lhe que, sendo senhor de todos os ventos que varrem a terra e agitam o mar, ia garantir-lhe ventos favoráveis, para que atingisse em breve as praias de Ítaca. Como precaução, prendeu num saco de couro, que entregou a Ulisses, todos os furacões e temporais que pudessem dificultar a viagem. Assim, bastava conservar o saco fechado que o mar se

manteria calmo, a brisa sopraria suavemente e em poucos dias alcançariam a sua pátria.

Ulisses prudentemente conservava o saco sempre ao seu lado, sem perdê-lo de vista, não permitindo que os seus homens tocassem nele. Esses nem ao menos conheciam a natureza do seu conteúdo.

Depois de navegarem por dez dias, avistaram finalmente, ao longe, o litoral de sua ilha. A medida que se aproximavam, iam divisando no alto das colinas o fumo das fogueiras dos pastores e seu coração enchia-se de alegria.

Esgotado pelos longos dias de trabalho e espreita, Ulisses abandonou o posto de onde vigiava o aparecimento do primeiro sinal de terra e deitou-se para repousar. Seus pensamentos estavam longe. Ansiava por rever a esposa, depois de separação tão longa. A figura da jovem Penélope, tão bela, com seu filhinho nos braços, desenhava-se-lhe na mente. Certamente, os anos tinham transformado aquela mocinha em mulher mais madura e mais formosa. Depois, lembrou-se do filho. Já devia ter dez anos e ser um robusto rapazinho que ainda não conhecia o pai. Talvez o recebesse como a um estranho.

"Voltar para casa e rever minha esposa e meu filho! Poderá haver no mundo alegria maior que essa?"

E, pensando em tudo aquilo que lhes diria ao chegar e na felicidade que causaria à esposa, adormeceu tranquilo.

No navio, os homens, excitados, tagarelavam alegremente.

– Como será bom rever novamente a nossa terra – dizia um.

– E com todos os presentes que levamos haveremos de agradar muito a nossas famílias.

Um dos homens olhou de soslaio para o saco de couro que Ulisses mantinha perto de si e retrucou:

– Ele possui mais do que nós!

– É justo – alguém replicou. Ele é o nosso rei e deve receber porção maior dos despojos.

– Nossa viagem foi tão longa e tão perigosa quanto a dele – afirmou o homem que se mostrava insatisfeito. No entanto, o Grande Éolo não foi tão pródigo para conosco. Se Ulisses protege com tanto empenho este saco é porque ele contém joias de ouro, pratarias, bandejas e taças incrustadas onde beberá seus puros vinhos. Quisera eu possuir objetos tão finos para presentear minha família.

Começaram a discutir e a cobiçar o presente de Éolo, até que a inveja os fez acatar as insensatas palavras de um deles, que dizia:

– Vamos verificar o que há dentro desse saco. Se retirarmos um pequeno objeto para cada um de nós, nosso chefe nem perceberá.

Assim falou e, tomando o saco, abriu-o vagarosamente e olhou para o interior. Imediatamente, os ventos abandonaram sua prisão e retomaram o seu lugar, escurecendo os céus com negras nuvens e levantando gigantescas ondas. O mar, agitado pelo vento, arrastou os navios e os foi afastando das costas de Ítaca, que já estavam tão próximas. Com os gritos desesperados de seus homens, Ulisses acordou ainda em tempo de ver os últimos sinais de sua terra que se perdiam ao longe, enquanto seus navios navegavam em direção à Eólia.

Lá chegados, tomou dois de seus homens e dirigiu-se ao palácio para implorar, uma vez mais, o auxílio de Éolo. Encontrou-o em meio a uma de suas habituais festas e dispôs-se a esperá-lo pacientemente, sentado junto à porta.

Éolo surpreendeu-se ao vê-lo.

– Que fazes aqui, Ulisses? Acaso não te dei ventos favoráveis que te levassem diretamente a casa? A estas horas, julgava que tu já te encontravas lá.

Ulisses, então, contou-lhe pesaroso o que seus homens tinham feito e rogou-lhe:

– Ajudai-nos uma vez mais, amável Éolo, compadecei-vos de nós, pois sem dúvida somos os mais miseráveis dos homens.

Éolo, porém, não lhe deu ouvidos. Muito ao contrário, levantando-se, ele e seus filhos expulsaram Ulisses de sua porta dizendo:

– Abandona imediatamente nossa ilha pois tu és o mais infeliz dos mortais e a calamidade te acompanha onde quer que vás. Afasta-te, pois aqui não queremos semeadores de desgraças.

Sem ter outra alternativa, Ulisses reiniciou a viagem. Como Éolo mantivesse todos os ventos presos na ilha, por seis dias e seis noites, os homens foram forçados a remar constantemente. No sétimo dia, alcançaram Telépio, terra habitada pelos lestrigões. Nessa região, o sol jamais se esconde, de tal modo que um homem, vivendo ali, se não precisasse do sono para recuperar suas forças, poderia ter duas profissões: apascentar carneiros durante o dia e em seguida cuidar do gado, pois as trevas da noite nunca envolvem Telépio.

Os navegantes encontraram ancoradouro flanqueado por rochedo escarpado. Dois promontórios, um de cada lado, avançavam para o mar, formando um estreito. Nessa baía de águas tranquilas, os companheiros de Ulisses ancoraram os seus navios e puderam descansar depois de muitos dias de trabalho fatigante. Ele reteve, porém, sua nau fora da baía, presa às rochas de um dos cabos, pois pretendia escalar a colina. Lá de cima

poderia avistar toda aquela terra em que aportaram e conhecer um pouco os costumes de seus habitantes.

Assim fez. Subiu ao cume de um rochedo e divisou sinais de algumas fogueiras acesas ao longe. Mas não viu casas, rebanhos ou homens. Por isso, enviou três mensageiros para explorar a região e sondar as possibilidades que tinham de conseguir ali as provisões de que precisavam. Talvez até encontrassem um povo amigo que se dispusesse a dar-lhes hospitalidade.

Os três homens partiram e, seguindo por estrada plana e bem cuidada, encontraram uma fonte. Ali, certa moça, encantadora apesar da estatura avantajada, puxava água. Aproximando-se, indagaram-lhe quem era o rei daquele país e onde ficava o seu palácio. Ela respondeu:

– O rei desta terra é Antífates, meu pai, e sua casa é próxima daqui.

Conduziu-os, então, a uma habitação de enormes proporções, rodeada de outras casas igualmente grandes, as maiores que aqueles três homens já tinham visto.

A esposa de Antífates, imensa mulher, veio recebê-los e os entreteve com amáveis palavras. Serviu-lhes comida e vinho e pediu-lhes que esperassem seu marido que já fora avisado da sua presença.

Já horrorizados com o tamanho daquela mulher, semelhante ao de uma montanha, encheram-se de pavor, quando ouviram o ruído dos passos de Antífates que ressoava por toda a casa e fazia tremer os objetos. Ele ainda era maior do que a mulher.

Mal entrou, agarrou um dos infelizes homens, matou-o 'com um único golpe e entregou-o à esposa dizendo:

– Preparai-o para o meu jantar.

Antes que tivessem o mesmo destino, os dois outros levantaram-se e fugiram a toda pressa para o navio, onde Ulisses os aguardava. Nem tiveram tempo de explicar-lhe o que tinha sucedido, pois o gigante já alarmara toda a população. Do alto dos rochedos, os lestrigões atiravam pedras sobre os navios, presos na baía, impedindo-lhes a passagem pelo estreito. As pedras despedaçavam os cascos dos navios e os homens eram lançados ao mar. Desesperados, procuravam salvar-se, lutando contra as ondas, na esperança de alcançar as margens. Seu esforço, porém, era inútil, pois os gigantes os fígavam dentro da água e os carregavam em triunfo para casa, a fim de servirem-lhes de alimento.

Vendo que já não havia salvação para seus homens e navios, Ulisses cortou com sua espada as amarras que prendiam sua embarcação junto ao rochedo e deu ordens para que remassem com todas as suas forças e se afastassem daquele lugar. E assim conseguiu livrar alguns dos seus da terrível carnificina.

Aquela frota que partira de Troia, cheia de alegria e de esperança, ficou reduzida a um único navio, que continuou sua viagem.



CIRCE

Felizes por terem escapado com vida da terra dos cruéis lestrigões, Ulisses e os companheiros prosseguiram viagem. No coração levavam a mágoa da perda de seus pranteados amigos.

Depois de alguns dias de viagem, avistaram as costas da ilha de Eéia, que mais parece encantadora mancha verde perdida na vastidão azul do mar. Sua aparição foi saudada com alegria pelos homens desejosos de pisar terra firme novamente.

Escolhido lugar favorável para aportar, ancoraram seu navio e saltaram na praia de areias douradas. Vinham cansados e o ânimo tinha-os abandonado. Por dois dias e duas noites nada mais fizeram além de chorar e lamentar a triste morte de seus companheiros. Temiam também pelas suas próprias vidas e acompanhava-os o presságio de que jamais voltariam a ver suas famílias e sua terra.

Até mesmo Ulisses deixava-se abater pelo desânimo e a tristeza estampava-se em seu rosto. Sentado junto a uma rocha, com a cabeça em um manto, juntava-se às lamentações de seus homens. Mas não era de seu feitio permanecer muito tempo inativo e desanimado.

Na manhã do terceiro dia, sol maravilhoso enchia o ar de esfuziante claridade. Seus raios formavam sobre as ondas trilhas douradas, que se perdiam no longínquo horizonte. A visão desse espetáculo deu-lhe novas

forças e fê-lo levantar-se e atirar para longe, juntamente com o manto que lhe cobria o rosto, toda a imensa tristeza que lhe enchia o coração.

"Realmente – pensou –, por que continuar aqui impassível, se ainda posso fazer alguma coisa para ajudar meus amigos?"

Tomando sua lança e embainhando a espada, Ulisses dirigiu-se ao sopé de uma colina que se erguia bem próximo à praia e dispôs-se a escalar suas vertentes, pois do alto descortinava-se extensa paisagem. Procurava tomar contato com a região e verificar os hábitos do povo que ali vivia.

Cheio de esperança, foi empreendendo a subida, pisando por entre cíclames cor-de-rosa, de folhas prateadas e botões entreabertos como para receber a luz do sol que era mais dourada naquela manhã. Ficou surpreso, quando, ao chegar ao topo da colina, verificou que por trás dos rochedos, que circundavam a ilha, estendiam-se florestas e vales verdejantes.

Com seus olhos argutos procurava divisar alguma habitação escondida pelas árvores, quando avistou um fio de fumaça que subia da floresta e formava arabescos no céu azul.

"Onde há fumaça há fogo e fogo é sinal de que mora alguém por aqui – pensou ele. Quisera eu saber se os habitantes desta terra são de boa índole ou se assemelham-se aos últimos que encontramos."

Antes de mais nada era preciso verificar isso. Mas Ulisses não sabia se devia aventurar-se sozinho por aquela terra desconhecida, a fim de averiguar as possibilidades que tinham, ou se devia reunir seus homens que o esperavam na praia e penetrar com eles nas florestas.

Enquanto se quedava indeciso, avistou sob a sombra de uma árvore enorme cervo, entretido em beber água num regato que corria por ali. Seu coração pulou de alegria.

"Carne fresca! – pensou. Isto vai dar novo ânimo aos meus homens. Uma boa refeição há de restituir-lhes coragem e valor."

Sem fazer qualquer ruído, preparou cuidadosamente sua lança e arremessou-a contra o animal. Sua mira foi perfeita e o veado caiu fulminado.

Com cerdas de plantas que cresciam às margens do regato e alguns galhos mais flexíveis de um salgueiro, teceu uma corda. Amarrou com ela as quatro pernas do animal e colocou-o sobre os ombros. Voltou a subir vagorosamente até o topo da colina, sob o peso de carga que levava, desceu a outra encosta e dirigiu-se para a praia.

Os homens despertaram com os gritos de Ulisses anunciando a sua caça. Ao avistarem o animal, acorreram ansiosos e mais animados.

– Vinde, amigos! Não deixemos que o desalento tome conta de nós, pois a sorte não nos abandonou de todo. Ainda temos boa carne para comer. Vamos festejar como antes e recobrar a coragem e o ânimo.

Sem perda de tempo, acenderam fogueiras sobre a areia e começaram a assar a succulenta carne. Jarros e odres de vinho foram trazidos do navio e os homens sentados sobre as capas estendidas na areia comeram e beberam até fartarem -se. A alegria voltou a aparecer em seus rostos, seus corpos se encheram de novas forças. Durante todo o dia banquetearam e divertiram-se e à noite o sono os surpreendeu tranquilos e confiantes.

Na manhã seguinte, Ulisses chamou todos para junto de si e falou-lhes sobre a fumaça que vira levantar-se de dentro da floresta.

– É preciso ir até lá e averiguar a quem pertence a habitação – disse. Talvez seremos mais felizes e desta vez encontraremos hospitalidade junto a um bom povo que não nos negará pouso e alimento, até que possamos novamente velejar para Ítaca.

Essas palavras, porém, não encontraram ressonância. Os homens, experimentados no sofrimento, lembravam-se do ciclope e dos lestrigões e não desejavam aventurar-se por lugar desconhecido.

Mas Ulisses era enérgico nas suas decisões. Dividiu, pois, seus comandados em dois grupos de vinte e dois homens cada um e fez de Eurícolo, pessoa de sua confiança, chefe de um deles, e o outro ficou sob o seu próprio comando.

Para resolver qual dos grupos seria o enviado, usou de um recurso. Colocou duas pedrinhas da praia, uma branca e outra preta, dentro de um capacete e tirou sorte. O acaso decidiu que Eurícolo e seus homens empreenderiam a exploração, enquanto os de Ulisses esperavam junto ao navio.

Entre lamentações de desespero e pressentimentos maus, os homens escolhidos despediram-se de seus companheiros e acompanharam Eurícolo.

Seguindo a direção indicada por Ulisses, subiram a encosta da colina e desceram do outro lado em direção às florestas. Quando localizaram o fio de fumo que se elevava para o céu, certificaram-se do caminho e um pouco a contragosto penetraram na mata.

Não tiveram que caminhar muito, pois logo adiante apareceu-lhes uma clareira onde se elevava estranha habitação. Toda feita em pedras polidas, tinha ao centro um pátio que se comunicava com o exterior pela parte dianteira, constituindo ao mesmo tempo um átrio interno e um jardim fronteiro. Seu teto era baixo e à entrada havia bonita porta.

– É uma casa encantadora – disseram eles. Certamente assim também o é quem a habita.

Animados por esta ideia deixaram a sombra das árvores que os ocultava e atravessaram a clareira em direção à edificação.

Em meio ao caminho, pararam aterrados. Nas proximidades da casa avistaram bandos de peludos lobos e leões que investiram contra eles. Num minuto viram-se cercados pelas feras.

"Certamente, este é o nosso fim – pensaram. Jamais voltaremos a ver nosso navio e Ulisses, nosso rei."

Para sua surpresa, porém, os animais não lhes causaram qualquer dano. Os lobos mais pareciam bando de cães domésticos, festejando a volta do seu dono. Lambiam suas mãos e sacudiam a cauda. Os leões rosnavam como gatos e roçavam suas juba amareladas nos ombros dos homens aturdidos. Mas apesar destas manifestações de amizade, eles não confiavam muito e arrepiavam-se ao olhar para aqueles bichos tão extraordinários.

– Vamos procurar maior segurança dentro da casa – gritou Eurícolo.

E antes de maior reflexão dirigiram-se para a porta de entrada, felizes por deixar para trás bichos tão assustadores.

Como nenhum animal os seguisse, confiantes aproximaram-se da casa. De dentro vinha o som de uma encantadora voz feminina que cantava. Era tão melodiosa que lhes infundiu coragem e tornou-os mais calmos. Quem primeiro falou foi Polites:

– Aqui dentro alguma deusa ou mulher entoia linda canção. Seja quem for a dona de tão bela voz não pode possuir coração vil. Gritemos por ela e peçamos hospitalidade.

Todos acataram a sugestão, exceto Eurícolo. Parecia-lhe imprudência penetrar numa casa desconhecida simplesmente porque a moradora tinha voz suave.

Tentou dissuadi-los, mas eles pareciam enfeitiçados pela canção e em altas vozes gritaram pedindo hospitalidade. Imediatamente cessou a música e as grandes portas abriram-se.

À soleira apareceu linda mulher envolta em vestes brilhantes. Trazia os cabelos ondulados, repartidos em anéis, com fitas cor de púrpura. Seus lábios entreabertos em sorriso tranquilo convidava-os a entrar.

– Sede bem-vindos, estrangeiros, em casa de Circe. Entrai e gozai da hospitalidade que vos ofereço.

Dizendo isto, afastou-se para deixá-los passar. Os homens excitados, guiados por Polites que formou a dianteira, foram penetrando na casa, e a porta fechou-se atrás deles. Somente Eurícolo não se moveu. Oculto pelos galhos de uma figueira, assistiu à entrada dos companheiros e, tomado de pressentimento de desgraça, não se atreveu a acompanhá-los.

Circe conduziu seus hóspedes até rico salão guarnecido com finas poltronas, sofás e móveis de preciosa madeira e metal. Convidou-os a sentar e serviu-lhes alimento e vinho.

Eles se reclinaram sobre os confortáveis divãs revestidos de mantos que a própria Circe tecera em seu enorme tear. Sentiam-se tão felizes e bendiziam a grata ideia que tiveram de recorrer àquela fada de suaves cantares.

Pobres homens! Ignoravam que sua anfitrioa era perversa feiticeira que se divertia em transformar homens em animais. Aquelas feras que os surpreenderam no pátio eram homens sob a aparência de bichos e eles seriam as próximas vítimas.

Circe procurava ganhar-lhes a confiança e a simpatia. Tratou-os bem. Trouxe-lhes saborosos bolos de mel e serviu-lhes vinho espumante em taças cinzeladas. Dirigia-lhes palavras amigas e tinha nos lábios aquele sorriso perturbador. Ao vinho ajuntou uma substância mágica que os fez

perder a memória. Seu passado e suas aspirações, tudo se diluiu na agradável dormência provocada pelo álcool.

Quando os viu bem alimentados e embriagados, Circe levantou-se, tomou sua varinha mágica e tocou-os um a um. Todos eles se transformaram em porcos.

Conduziu-os, em seguida, para fora e prendeu-os em um chiqueiro. Os pobres deixaram-se levar. Sob aquela triste aparência suína, conservavam o entendimento de homens e podiam compreender a desgraça que se abatera sobre eles. Seus corações humanos lamentavam o infortúnio.

Para tornar maior sua aflição, ela atirou-lhes azinhas e bolotas de cornisolos, comida habitual de porcos. Os animais, grunhindo e atropelando-se, disputavam desesperados o alimento. Circe olhava-os e ria.

Enquanto isto, Eurícolo, oculto no exterior da casa, não ouvindo as vozes dos amigos, via crescer seus temores. Esperou por algum tempo e como persistiu o silêncio, certo de que seus terríveis pressentimentos se tinham concretizado, afastou-se daquele lugar e em desabalada corrida atravessou a floresta e alcançou a praia.

Quase sem fôlego, foi relatando a Ulisses todos os fatos acontecidos durante a curta exploração: a chegada à casa na clareira, o encontro com os animais, suas estranhas maneiras amigáveis, a imprudência dos companheiros que entraram na casa e que tinham desaparecido.

Ulisses ouviu-o, preocupado, atou à cintura sua espada e dispôs-se a ir em busca de seus homens.

– Guia-me até o lugar onde se encontra essa casa. Eu mesmo irei descobrir o que aconteceu aos nossos amigos.

Eurícolo, debilhado em lágrimas, suplicou-lhe que não o obrigasse a penetrar novamente na floresta.

– Não peças que volte contigo àquele terrível lugar. Estou certo de que nossos companheiros já pereceram. Tu também serás morto se teimas em ir procurá-los. Partamos enquanto há tempo. Abandonemos esta ilha maldita, enquanto estamos vivos!

Ulisses era firme em suas decisões.

– Jamais deixaria meus homens enfrentar sozinho terríveis perigos ou talvez a morte. Se não podes ir, Eurícolo, fica no navio. Talvez alguns dias de repouso, de boa comida e bebida hão de restituir-te a coragem e a força que perdeste. Quanto a mim, partirei só.

Sem mais palavras, voltou-lhe as costas e partiu em direção à colina e às florestas.

Eurícolo e os outros, sentados na praia, próximos ao navio, vendo-o partir choravam por ele, como se já estivesse morto, pois nenhum deles acreditava que pudesse sobreviver.

No meio da floresta, Ulisses procurava apressar seus passos, para afastar os temores que lhe pudessem assaltar. Ia absorto em seus pensamentos, imaginando que espécie de inimigo ia enfrentar daquela vez, quando foi surpreendido por uma aparição. Por entre as árvores, viu surgir a jovem figura de Mercúrio, o eterno adolescente, pressuroso mensageiro dos deuses imortais.

– Aonde vais, ó infeliz mortal? Acaso te apressas em salvar teus companheiros? Pois eu te digo que as artimanhas de Circe, a feiticeira, os transformaram em porcos e que jazem agora presos em imunda pocilga. Indefeso, terás esse mesmo fim. Porém vim para ajudar-te. Com o meu auxílio poderás vencer a poderosa mulher. Dar-te-ei uma erva miraculosa e ouve bem minhas instruções. Quando encontrares a casa de Circe, ela te virá receber. Com doce voz e sorriso nos lábios te convidará a entrar. Em seguida te servirá alimentos saborosos e puro vinho. Neste vinho há uma

droga que te fará esquecer tudo. Aproveitando de tua semi-inconsciência, ela te tocará com a vara mágica para transformar-te em animal. Mas com a erva miraculosa que te darei, os seus feitiços nada poderão contra ti. Quando ela te encostar a vara, avança com tua espada desembainhada como se quisesses matá-la. Isto a amedrontará e ela te rogará por clemência. Aceita a hospitalidade que te vai oferecer então, mas antes faze-a jurar que jamais sua mão se levantará contra ti. Do contrário, ela se aproveitará das tuas horas de sono para fazer-te mal.

Dizendo isto, o mensageiro curvou-se e arrancou do solo uma plantinha de negras e retorcidas raízes e flores alvas como o leite.

– Esta é a planta que os deuses chamam móli. Possui a virtude de anular todos os efeitos maléficos de um feitiço.

Entregou-a a Ulisses e desapareceu tão misteriosamente quanto viera.

Pensativo, Ulisses continuou seu caminho. Ao aproximar-se de seu destino, chegou aos seus ouvidos a maravilhosa voz de Circe que entoava uma de suas canções, entretida em tecer seus mantos de cores brilhantes.

Ele chamou-a e foi atendido imediatamente. As portas abriram-se e deparou-se-lhe o vulto de formosa mulher que, sorrindo, o convidava a entrar.

– Sê bem-vindo, estrangeiro. Entra e goza da hospitalidade que te oferece Circe.

Afastou-se para dar-lhe passagem e logo que o homem transpôs a entrada as portas se fecharam.

Com o coração angustiado, Ulisses seguiu-a. Aceitou a cadeira de brilhante espaldar, enfeitada com prata, que lhe ofereceu, e estendeu suas pernas sobre o tamborete que ela colocara à sua frente.

Em seguida, foi servido, numa taça de ouro, o vinho que continha drogas malélicas. Ulisses bebeu-o e a mulher levantando-se tocou-lhe com a varinha e ordenou:

– Vá juntar-te aos companheiros que te aguardam na pocilga.

Mas cumpriu-se a predição de Mercúrio e o poder de Circe se desfez diante da erva miraculosa que Ulisses trazia consigo. Tomando de sua espada, avançou contra a feiticeira. Assustada, ela jogou-se aos seus pés, implorando que lhe poupasse a vida.

– Quem és tu – gritou – que desafias o poder de minha magia? Certamente, és o grande Ulisses, famoso pela habilidade e esperteza. Tua vinda já me foi profetizada por Mercúrio. Se realmente és esse homem, sê bem-vindo a minha casa. Embainha tua espada. Vem partilhar de minha mesa e gozar da hospitalidade em minha casa.

– Não posso confiar em ti, Circe – replicou Ulisses – a não ser que jures nunca praticar o mal contra mim. Ademais, como poderei aceitar hospitalidade de quem enganou meus homens e perversamente os transformou em animais? Em meu coração sempre haverá receio de que farás comigo o que fizeste a eles.

Circe jurou solenemente jamais planejar malefícios contra Ulisses, e ele guardou a espada.

Ao sinal da anfitriã, acorreram quatro servas que se colocaram às ordens de Ulisses, servindo-o como a um hóspede ilustre.

Uma delas encheu uma banheira com água tépida e preparou-lhe banho. Retirou as roupas usadas e trouxe-lhe finas túnicas de linho e um grosso manto.

Outra revestiu os móveis com tecidos cor de púrpura e estendeu tapetes no chão.

A terceira trouxe mesinhas prateadas que dispôs ao lado das cadeiras.

A última ocupou-se em colocar o vinho nas taças de prata.

Recostado na rica poltrona, era servido pelas quatro, que lhe ofereciam alimentos saborosos em bandejas de ouro, mas Ulisses tinha o coração amargurado. Não se animava a comer nem a beber, pensando nos pobres homens transformados em porcos e presos no chiqueiro.

Circe viu-o recusar os alimentos e pensou que ainda desconfiasse dela. Aproximou-se e falou:

– Por que insistes em nada comer ou beber em minha casa? Porventura temes que o alimento contenha alguma droga venenosa? Tu me julgas mal, quando crês que não cumprirei o juramento de jamais causar-lhe qualquer dano.

Ulisses suspirou tristemente e respondeu:

– Como pode um homem desfrutar de boas iguarias se a alguns passos dele seus amigos estão presos sob a forma de suínos? Se queres que eu realmente goze da hospitalidade que me ofereces, livra os meus homens do terrível encantamento que jaz sobre eles.

Circe aquiesceu. Tomou sua varinha e um potinho de unguento e dirigiu-se para o pátio. Abriu a porta da pocilga e os animais apressaram-se em abandonar aquele lugar. Circe caminhou entre eles esfregando em cada um uma poção do unguento que trazia. No mesmo instante, desfez-se o encanto e voltaram a ser homens como antes.

Entre lágrimas e exclamações de alegria, correram até Ulisses para agradecer-lhe. Seu júbilo grande e seus risos enchiam a casa. Até Circe deixou-se contagiar pela alegria e sentiu-se aliviada por ter libertado aqueles homens.

Dirigiu-se então a Ulisses e falou:

– Vai até a praia e traze os outros que te aguardam junto ao navio, para que venham juntar-se a nós.

Ele imaginou logo o quanto seria difícil convencer aqueles homens de que não corriam qualquer perigo em casa de Circe. Por isso, partiu ele mesmo para a praia.

Ao vê-lo aproximar-se, eles cercaram-no e com manifestações de alegria davam-lhe boas-vindas. Sua alegria era imensa, pois tinham imaginado jamais encontrar seu chefe novamente.

Ulisses narrou-lhe todos os fatos, explicando-lhes como conseguira prevalecer sobre os encantamentos maléficos de Circe com a ajuda de Mercúrio. A narrativa de mais essa vitória encheu-lhes de satisfação. Entretanto, quando lhes transmitiu o convite de sua anfitriã, dizendo que ela os aguardava para oferecer-lhes hospitalidade, encheram-se de temor.

A custo, Ulisses conseguiu persuadi-los e só depois de muita conversa pôde convencê-los de que a bela feiticeira não lhe causaria qualquer malefício.

Começaram a arrastar o navio para a praia, onde ficaria mais seguro, e o esconderam numa caverna próxima.

Eurícolo, porém, não os acompanhou nessas operações. Trazia ainda o coração cheio do pavor que a visita à casa de Circe lhe inspirara. Amedrontado, não ousava voltar àquele lugar e empenhava seus esforços em dissuadir seus companheiros do projeto.

– Meus amigos – dizia ele, Se insistis em acompanhar Ulisses, que é temerário e aventureiro, até à casa dessa bruxa, não retornareis jamais. Estareis condenados a transformar-vos em porcos, leões ou peludos lobos para guardar-lhe a morada. Acaso já vos esquecestes dos companheiros nossos que pagaram com a vida a imprudência de penetrar na caverna de Polifemo, seguindo as alucinações de Ulisses?

Suas palavras foram, porém, baldadas. Os homens confiavam em seu chefe. Ademais, depois de longa permanência no mar, ansiavam pelo conforto de uma casa. Por isto replicaram:

– Amável chefe, partiremos contigo para a morada de Circe. Entretanto, permite, se for de teu agrado, que Eurícolo não nos acompanhe. Ele ficará guardando nosso navio, já que teme partir conosco.

Dizendo isto, foram seguindo Ulisses na direção da colina e das florestas. Eurícolo terminou por segui-los, pois não desejava cair no desagrado de seu rei.



A TERRA DE PLUTÃO

Durante um ano, Ulisses e seus homens foram hóspedes de Circe. Ali permaneceram na mais ociosa alegria, entre festejos e banquetes, descansando seus corpos e distraíndo o espírito.

Quando se escoaram os meses de ociosidade, os homens, cansados de conservar-se inativos, procuraram Ulisses para lembrar-lhe que era hora de partir.

– Vamos abandonar esta vida de luxúria e lassidão. Os nossos propósitos reclamam nossos esforços. Ainda desejamos retornar aos lares e rever nosso povo e a terra que amamos. É tempo de partir.

Ulisses também pensava assim. Dirigiu-se a Circe, falou-lhe sobre o desejo de seus homens e pediu-lhe que o orientasse na maneira mais segura de prosseguir viagem e alcançar Ítaca. Argumentou que a má sorte, os acompanhava, desde que partiram de Troia. Por isso, necessitava de alguém que o guiasse.

– O que estiver ao meu alcance farei de bom grado, para que possas obter êxito nos teus propósitos de voltar a Ítaca – respondeu-lhe Circe. Entretanto, não possuo o poder de prever o que o futuro aguarda para ti. Somente o grande Terésias poderá fazê-lo. Para isto, debes baixar até a morada de Plutão, guardião do Espírito da Morte. Lá encontrarás o

profeta cego que em vida foi o maior vidente de todos os tempos e mesmo morto não há ninguém que o possa superar.

Horrorizado com tais palavras, Ulisses soltou um grito de pavor.

– Como poderei alcançar, em vida, o Reino da Morte? Jamais nenhum vivente penetrou na morada de Plutão, o guardião dos mortos!

Mas Circe acalmou-o:

– Nada tens a temer, Ulisses, pois os caminhos se abrirão para ti. Desfralda as velas brancas de teu navio e deixa que o vento norte te conduza através do oceano. Quando atingires a costa plana e os bosques sagrados da terra dos cimérios, encalha tua nau e encaminha-te para a região onde o Piriflegonte e o Cocito, dois rios da terra de Plutão, confluem para o Aquerone. Nesse lugar, sacrifica um cordeiro e uma ovelha negra em honra de todos os mortos e invoca o espírito de Terésias. Então, aguarda por uns instantes e ele surgirá pronto para responder tuas perguntas.

Na manhã seguinte, bem cedo, Ulisses acordou seus companheiros. Sentiam-se felizes por novamente retornar a seu navio. Porém, quando lhes falou que seu destino era a terra de Plutão, e não Ítaca, como imaginavam, seu coração encheu-se de temor. Apesar disso, apressaram-se nos preparativos da partida. Uma desgraça ainda os aguardava, porém, naquela manhã. Elpenor, o mais jovem deles, que no combate ainda não era muito denodado, como na véspera, à noite, estivesse muito quente, deitara-se no telhado, que era plano, para refrescar-se. Acordou com os gritos dos companheiros que se dirigiam para a baía. Na azáfama da viagem, ergueu-se sobressaltado, esquecendo-se do lugar onde se encontrava. Na ânsia de juntar-se a eles, avançou em frente e precipitou-se do teto, quebrou as vértebras do pescoço e seu espírito baixou ao reino de Plutão.

Entretanto, na praia, os homens continuaram seu trabalho diligente. Retiraram o navio da gruta onde o tinham escondido um ano atrás. Caminharam por sobre as ripas para verificar seu estado de conservação. Removeram a areia que o vento soprara para ali e que cobria toda a embarcação. Testaram as cordas tecidas de couro de boi. Esticaram-nas e prenderam-nas no navio para certificar-se de que ainda aguentavam a pressão das tempestades. Finalmente, escovaram as velas para limpar as teias de aranha. Com as cordas na proa azul arrastaram o navio para a borda, suspenderam o mastro sustentado na dianteira e na traseira, por suportes.

Tudo pronto, com um empurrão final colocaram a embarcação no mar. Subiram a bordo, retomaram os remos e foram navegando para o alto-mar. Então, içaram as velas, desfraldando-as ao vento.

Tal qual Circe dissera, fresco vento boreal encheu as velas quadradas e o navio foi cortando as ondas levemente, guiado por mãos invisíveis.

Assim atingiram a terra dos cimérios, nos confins do mundo, onde nevoeiro denso cobre a terra, jamais visitada pelos raios dourados do sol ou pela luz prateada do luar.

Entraram pelo leito de um rio e ali ancoraram a nau. Caminhando entre os bosques sagrados de Perséfone, passaram por entre altos e negros álamos de folhas sussurrantes e salgueiros cujos frutos não vingam e atingiram o lugar indicado por Circe. É neste local que o Piriflegetonte, rio de águas escuras que queimam e refulgem como o fogo, une-se ao Cócito, o rio dos lamentos, e vão engrossar a corrente do Aquerone, de águas melancólicas.

Diante dos rios, pararam. Ajudado por Eurícolo e outro homem escolhido dentre os seus, Ulisses cavou fosso quadrado, cujos lados tinham um côvado de largura. Em volta do fosso fez três libações em honra dos

mortos, primeiramente com leite mesclado de mel, em seguida com vinho, depois com água. Por cima, espalhou branca farinha de cevada. Feito isto, sacrificou um carneiro e uma ovelha negra, que Circe lhes tinha dado. Finalmente invocou o espírito de Terésias.

Ato contínuo, surgiram das profundezas de Plutão os espíritos dos mortos. Na frente veio Elpenor, o jovem que morrera em casa de Circe, precipitando-se do telhado. Seu corpo ainda estava insepulto pois os companheiros, na pressa de partir de Eeia, não tiveram tempo de construir pira funerária e só intencionavam fazer isto quando retornassem à ilha.

Trazia a expressão costumeira no rosto jovem, o olhar ligeiramente assustado e ansioso por encontrar-se com seu rei.

Ao vê-lo, Ulisses sentiu profunda dor e perguntou-lhe com voz amargurada:

– Meu amigo, como chegaste a este lugar escuro, coberto de névoa e desolação? Que caminhos cruzaste, que te permitiram chegar antes de nós que cortamos os mares em navio tão ligeiro?

Elpenor suspirou tristemente e respondeu:

– Meu rei Ulisses, grande e nobre senhor. Certamente, a desgraça caiu sobre mim e guiou meus passos falsos, provocando minha queda do telhado da casa de Circe. Na minha ânsia de juntar-me aos companheiros, não pensei em dirigir-me à escadaria e precipitei-me da altura. No mesmo instante, meu espírito abandonou o corpo e imediatamente me vi conduzido à morada de Plutão, deus de todos os mortos. Aqui estou e permaneceréi para sempre. Mas tu, meu rei, e todos que te acompanham deverão em breve retornar a Eeia. Por isso te suplico que não partas para Ítaca deixando meu corpo sem sepultura e sem lágrimas. Eleva-me um túmulo na praia e sobre ele crava o remo que pertenceu a mim, para que

minha ausência fique marcada para sempre. Isto eu te rogo em nome daqueles que amas e que deixaste há tantos anos. Em nome de teu pai, meu amo, Laerte, e de Penélope, tua encantadora mulher, minha rainha. E, enfim, em nome de teu filhinho, que um dia voltarás a ver. Em seu nome, Ulisses, faze o que te peço.

Entre lágrimas, Ulisses garantiu-lhe que seu desejo seria realizado.

– Meu pobre amigo, teus companheiros jamais se olvidarão de ti e teus pedidos serão satisfeitos por nós.

Tranquilizado pela promessa, o espírito de Elpenor voltou a desaparecer na densa bruma.

Sobreveio, então, dentre a multidão de mortos que ocorrera às evocações de Ulisses, a alma de Terésias, o profeta, empunhando cetro de ouro, e assim falou:

– Ulisses, filho de Laerte, vieste procurar-me na ânsia de conhecer os acontecimentos que te aguardam, na volta para Ítaca? Na verdade, grandes desgraças estão preparadas para ti, pois enfureceste o grande Netuno, senhor de todos os mares, quando cegaste o seu filho, Polifemo. Porém, se fores cuidadoso, conseguirás atingir tua terra, apesar da maldição. Partindo daqui, arribarás na ilha de Trinácia, propriedade de Hélio, deus que governa o nascer e o morrer do sol, onde pastam seus ricos rebanhos de robustos carneiros e novilhos. Esteja atento a que nenhum dos teus homens cobice ou chegue a causar dano a esses animais. Do contrário, teus homens encontrarão morte certa no mar. Tu mesmo, se conseguires escapar, chegarás à tua terra, depois de muitas privações, só e desamparado, e encontrarás em casa inimigos que pretendem a mão de tua fiel esposa e dissipam teus bens. Graças à coragem que tens poderás vencer os inimigos e viverás o resto de teus dias em paz, gozando de conforto do lar rodeado da família e de teu povo.

Dito isto, desapareceu igualmente e multidão de outras almas aproximou-se de Ulisses.

Entre elas, reconheceu muitos que lutaram a seu lado em Troia e ali tombaram. Outros havia que ele conhecera na sua juventude. Foi com um grito de surpresa e de dor que divisou, entre tantos, o espírito de sua pobre mãe, Anticleia, que deixara viva em Ítaca.

– Minha querida mãe – chamou –, dize-me como vieste para cá?

– Meu filho – respondeu-lhe com voz distante –, de tanto sentir tua falta e chorar tua ausência, meu corpo se enfraqueceu e meu coração não pôde suportar por mais tempo aquela dor.

– Dize-me, mãe, meu pai Laerte também habita o reino de Plutão?

– Teu valoroso pai ainda vive, mas é infeliz, atormentado por imensas saudades de ti. Já não habita o palácio e retirou-se para o campo, onde vive coberto de farrapos como pobre pastor. Para dormir não tem leitos de seda macia. No inverno, deita-se junto aos escravos sobre as cinzas e, no verão, as folhas secas lhe servem de cama. Ali, entre os vinhedos, deita-se consumido pela tristeza, sofrendo tua longa ausência.

Ao ouvir estas palavras, Ulisses chorou de dor e estendeu seus braços para abraçar e beijar sua mãe pela última vez. Mas seu vulto evadiu-se de suas mãos como se tudo não passasse de um sonho que se esquece ao acordar, ou efêmera sombra que desaparece, quando uma nuvem esconde o sol. Por três vezes, tentou debalde alcançá-la e por três vezes ela desapareceu.

Desanimado, Ulisses perguntou-lhe:

– Mãe querida, por que não permites que eu te toque?

– Isto é impossível, meu filho. Eu agora pertencço ao reino das trevas e da desolação. Porém tu ainda possuis longa vida e teu mundo é cheio de sol e claridade. Parte, meu filho. Abandona este lugar de tristeza.

Dizendo isto, seu vulto desapareceu e sua voz calou-se para sempre.

Depois que partiu, Ulisses ainda falou com muitos outros espíritos. Encontrou grandes damas do passado e antigos companheiros seus que ansiavam por vê-lo e falar-lhe.

Ali estava o grande Agamenon, poderoso chefe das forças gregas na guerra de Troia. De volta às suas vastas terras em Arges, foi morto traiçoeiramente por um primo que o odiava por questões de família.

Ulisses ouviu-o narrar o terrível episódio e exclamou:

– Infeliz Agamenon, que triste recepção aguardava-te em tua casa!

E Agamenon respondeu-lhe:

– Certamente, Ulisses, serás bem mais feliz que eu. Ao voltares para casa encontrarás esposa e filho que te amam e que se alegram pelo teu regresso. Entre aqueles que vivem à tua roda não haverá ninguém que planejará tua morte à traição.

Em seguida, apareceu o espírito do formoso Aquiles, acompanhado de seu amigo inseparável, Pátroclo. Ambos tinham sido mortos na guerra de Troia, no esplendor de sua juventude. Atrás dele surgiu Antíloco, filho do velho rei Nestor. Aquiles esperou sua vez de falar e dirigiu-se a Ulisses.

– Por que vieste até nós, tu que ainda estás vivo?

– Aqui estou para consultar Terésias sobre as desventuras que ainda me aguardam na acidentada viagem de volta. Desde que parti de Troia só tenho encontrado infortúnios e desgraças. Na verdade, eu sou o mais infeliz dos homens e invejo tua sorte, Aquiles. Foste em vida grande

príncipe e agora que habitas a morada de Plutão ainda és respeitado e honrado tal qual na terra.

Aquiles, suspirando, replicou:

– Enganas-te, amigo. Preferiria estar na terra e ser escravo do mais miserável dos homens, habitar a morada mais humilde, que reinar sobre os mortos que nada são. Mas dize-me, Ulisses, acaso sabes o que foi feito de meu filho? Deixei-o ainda muito jovem e nada mais sei sobre ele. Já deve ser um forte rapaz, agora. Certamente até mesmo lutou contigo na guerra!

– Neoptólemo, teu filho, Aquiles, é muito jovem ainda, mas é cômico de seu dever de guerreiro. Herdou o valor do pai. Em Troia, ninguém o superava em agilidade durante a luta e na resistência com que sustentava o combate. Apesar de sua pouca idade, estava incluído entre os gregos mais valorosos. Para que possas convencer-te de que falo a verdade, ouve o que te tenho a dizer. Ao final do cerco de dez anos, que ia minando nossas forças, compreendemos que a cidade era inexpugnável e só com muita astúcia poderíamos vencê-la. Usamos, então, um ardil. Construimos enorme cavalo de madeira, engenhosamente talhado, sobre suporte também de madeira e que se movia sobre rodas. O seu interior era oco. Este cavalo foi levado até as portas da cidade. Em seguida, com grande ostentação, retomamos os navios, com velas desfraldadas, dando a impressão que o sítio terminara e que nós retornávamos às nossas terras. Mais tarde, um dos nossos navios, encoberto pelas trevas da noite, voltou a Troia. Nele vinham os mais valentes guerreiros da nossa armada. Aportamos e, dirigindo-nos ao local onde deixáramos o corcel, subimos até o seu bojo e ali nos escondemos. Pela manhã, chegaram os troianos e, ao avistar o animal de madeira, julgaram que fosse presente que os deuses nos tinham obrigado a oferecer-lhes. Entre festas, abriram os portões que se conservavam fechados há dez anos e puxaram o cavalo para dentro das

muralhas. No interior do cavalo nossos corações batiam de ansiedade. Durante todo o dia permanecemos ali presos entre aquelas paredes de madeira. A espera era tão cansativa que chegou a abater o ânimo de alguns dos homens. Muitos até mesmo desejaram não ter sido escolhidos para aquela missão. Um, porém, conservou-se sereno, naquela prisão escura. Era tal seu entusiasmo que precisávamos dissuadi-lo de começar logo o ataque. Em nenhum momento sentiu medo. Dirigia-se de vez em quando para mim e eu percebia em sua voz a ansiedade de iniciar o combate e derrotar aquela cidade que nos vinha desafiando. Esse homem, Aquiles, era o teu filho. E na verdade te digo que ele nunca soube o que é sentir medo.

Quando Ulisses terminou suas palavras, um sorriso de alegria iluminou o rosto de Aquiles. Sem dizer mais nada virou-se, sempre acompanhado de Pátroclo, e foi caminhando levemente, a cabeça erguida, cheio de orgulho pelo que acabara de ouvir. Aos poucos, foi-se mergulhando nas densas névoas do reino da morte. A sua passagem, ia espalhando luminosa réstia de estrelas cor de âmbar.

Ulisses ainda permaneceu longo tempo ali, respondendo às perguntas que lhe faziam os mortos, procurando aliviar-se um pouco de sua desolação. Depois, retirou-se em direção ao navio ancorado nas margens do rio. Remando animadamente, atingiram o oceano e iniciaram viagem de volta à ilha Eeia.

Sua primeira diligência, ao chegar, foi construir na praia uma pira com troncos de grossos carvalhos, faia e sândalos perfumados. Sobre ela colocaram o corpo de Elpenor, sua armadura e espada, que Ulisses, com uma tocha, incendiou.

Ao redor da fogueira, os homens esperavam até que o fogo tudo consumisse. Naquele mesmo local, formaram monte de terra e ali

cravaram o remo que pertencera a Elpenor. Tudo fizeram de acordo com sua vontade e para que ele jamais fosse esquecido.

Ao entardecer, Circe chegou, acompanhada das escravas, trazendo alimento e vinho. Sentados sobre a areia, os homens comeram e beberam, enquanto narravam às mulheres sua viagem ao país dos mortos. Quando caiu a noite, deitaram-se ali mesmo para repousar. Circe, então, aproveitou para falar a sós com Ulisses.

– Tu ouviste, caro Ulisses, da boca de Terésias, os perigos que te aguardam se ousares causar dano aos rebanhos do Deus-Sol. Entretanto, é preciso conhecer outras precauções que deves tomar se não quiseres perecer com teus homens, no oceano. Próximo daqui acha-se pequena ilha habitada por sereias. Sempre atentas, observam todo navio que veleja por lá e quando se aproxima enfeitiçam os marinheiros com seu canto. Não há no mundo canções mais belas, nem vozes mais doces do que a das sereias. Ao ouvi-las, um homem se esquece de tudo e só tem um desejo: partir com elas para sua ilha. Ali se encontram numerosas ossadas humanas, tudo o que resta dos marinheiros imprudentes que se deixaram atrair. Todos eles pereceram por falta de alimento e de água, definhando-se aos poucos sem perceber, enfeitiçados pelas mágicas canções. Cuida bem que tu ou teus homens não ouçam a voz das sereias. Quando tiveres ultrapassado essa ilha, terás que escolher entre duas rotas que se abrirão diante de ti. A primeira conduz até os rochedos que os deuses chamam de planetas, onde a força dos vagalhões é tão grande que nem um pássaro pode sobrevoar a região. Por ali jamais passaria ileso um navio. Do outro lado, aperta-se um estreito entre dois rochedos: um alto e escarpado e outro mais baixo, sobre o qual cresce uma figueira. No centro do primeiro rochedo abre-se a caverna habitada por Cila, a terrível criatura que ladra como cadela. Seu aspecto é assustador, possui doze pernas e seis pescoços que sustentam outras tantas pavorosas cabeças. Mantém o corpo dentro

da gruta e com as cabeças para fora vigia os navegantes incautos que passam por lá. Quando o navio se aproxima, com cada cabeça agarra um marinheiro para seu alimento. No sopé do rochedo, onde se ergue a luxuriante figura, vive a famosa Caribdes, ocupada em engolir a negra água salgada. Expele-a três vezes ao dia e três vezes a absorve com espantoso fragor. Não estejas lá quando isto acontecer, pois nada poderia salvar-te e aos teus da morte certa, afogado nas águas revoltas. se queres salvar teu navio é melhor que sacrifiques seis dos teus homens e passes nas proximidades da morada de Cila. Depois que teu navio transpuser esse estreito, avistarão ao longe a ilha Trinácia, onde pastam os ricos rebanhos. Lembra-te das admoestações de Terésias e abstenha-te de causar algum mal a esses animais. Aquelas sábias palavras junto meu conselho. Se desejas voltar a ver Ítaca não te esqueças desta condição que te é imposta.

Quando Circe terminou suas palavras e Ulisses gravou-as bem, a aurora de róseas luzes já se anunciava e os raios do sol douravam a água do mar.



CILA, CARIBDES E OS REBANHOS DE TRINÁCIA

Uma vez mais, Ulisses e os companheiros reiniciaram a viagem para sua terra. Para minorar um pouco suas dificuldades, Circe enviou-lhes brisa suave, que lhes permitia dispensar a ajuda dos remos.

De pé, na praia, a deusa viu o navio afastar-se até que desapareceu no horizonte.

Já navegavam em alto-mar, quando Ulisses preveniu seus homens sobre o canto das sereias. Recomendou-lhes que nenhum deveria ouvir as vozes que enfeitiçavam. Entretanto, seu espírito aventureiro aguçava-lhe a curiosidade e desejou escutar tão formosas sereias. Ordenou a seus homens que, ao aproximar-se a ilha, o amarrassem fortemente ao mastro do navio. Assim poderia resistir ao convite mais tentador. Para proteger seus homens, cortou com a espada pedaços de cera de abelha, amassou-os na mão e, ajudado pelo calor do sol, conseguiu amolecê-los. Com eles vedou os ouvidos de toda a tripulação. Por seu turno, três dos homens prenderam-no ao mastro com grossas cordas que apertaram fortemente. Velejaram ainda por algum tempo, até que sobreveio estranha calmaria. Os homens tomaram os remos e foram-se aproximando da ilha das sereias.

Lá estavam elas pousadas sobre a ilha. Ao seu redor, um campo coberto de viçosas flores. Aos lírios mesclavam-se as anêmonas e florinhas amarelas. Mas do lado das flores jaziam as ossadas humanas, embranquecidas pelo sol e semicobertas pelas areias da praia.

As sereias tinham corpos de aves, recobertos de penas, duas largas asas e garras nos pés. Suas cabeças, porém, eram humanas e tinham faces tão perfeitas que fariam inveja a qualquer mulher. Nos lábios traziam sorriso meigo e bondoso. Seus longos cabelos esvoaçavam no ar. Essas estranhas criaturas cantavam com voz bela e doce como jamais se ouviu em toda a terra. A canção que entoavam era convite insistente para que Ulisses se quedasse ali para ouvi-las.

– Vem, ó valoroso Ulisses, o mais nobre filho da Grécia! Aproxima-te de nós para ouvir os nossos cantos. Todos, que por aqui passam, interrompem sua viagem e vêm escutar-nos. Isto os torna mais fortes e mais sábios. Somente os loucos e os tontos não atendem ao nosso convite. Vem, nós te cantaremos todos os fatos e aventuras que aconteceram desde o início do mundo!

Ouvindo esses cantares, Ulisses esqueceu-se de tudo, de seus propósitos e sua força. Nada mais importava a não ser seguir as donas de vozes tão doces. Com acenos e piscar de olhos pedia a seus homens que afrouxassem as cordas que o prendiam. Desesperado, remexia-se na ânsia de libertar-se. Entretanto, os homens, que já previam isto, nem se moveram, tal qual lhes ordenara. Enfeitiçado, procurava, com gestos violentos, desprender-se do mastro. Temendo que conseguisse seu intento, Eurícolo levantou-se, foi até o mastro, onde Ulisses se debatia, reforçou os nós e atou mais algumas cordas.

Remando sempre, foram deixando para trás a terra das sereias e a sua voz foi ficando mais longínqua até que desapareceu. Só então os homens

retiraram a cera que lhes obstruía o ouvido e libertaram Ulisses das amarras que o prendiam.

Todos desejavam saber as impressões do chefe sobre os famosos cantos daquelas mulheres-aves. Ulisses, porém, nem teve tempo de responder a todas as perguntas, pois chegou aos seus ouvidos o ruído de turbilhão de água e compreendeu que estavam próximos da morada de Caribdes. Não se enganou. Pouco depois, depararam com o estreito apertado entre dois rochedos: um que se alteava entre a névoa e outro, baixo, onde crescia enorme figueira. Os homens aterrorizados abandonaram seus remos.

Ulisses procurava infundir-lhes coragem com palavras de ânimo:

– Amigos, temos enfrentado juntos grandes perigos e conseguimos até hoje sobreviver. Desde que saímos ilesos do antro do ciclope, podemos confiar em nosso próprio valor e encarar as dificuldades com maior esperança. Confiai em mim que vos tenho protegido e remai com toda a força como jamais o fizestes. Olhai só para a frente e em breve deixaremos para trás este estreito.

Dirigiu-se depois ao piloto que segurava o leme e recomendou-lhe:

– Afasta a nau das proximidades do rochedo baixo, onde as águas revoltas podem engolir nossa embarcação. Mantém sempre o navio próximo ao rochedo alto.

Entretanto, nada lhes falou a respeito do perigo que corriam, passando ao alcance das cabeças de Cila. Temeu que o medo lhes invadissem o coração e afrouxasse seus membros, impedindo-os de remar.

Ele próprio não temia o monstro. Desejava mesmo decepar-lhe uma das cabeças, no instante em que o navio passasse defronte à caverna. Para isto, colocou o capacete e protegeu-se com o escudo. Segurando firmemente a espada, em pé sobre a proa, aguardava o momento do combate. Seus olhos ansiosos procuravam divisar o vulto de Cila enquanto

seus ouvidos atentavam para o ladrar do monstro. A sua frente, porém, nada via além do íngreme rochedo, cujo pico se perdia na névoa. As vertentes, polidas, brilhavam como espelho.

A largura daquela passagem era pequena. Do navio divisava bem o outro lado do estreito, onde o rochedo, mais baixo, abrigava a morada de Caribdes. Por sobre ele, erguia-se a figueira de inúmeros galhos cobertos de folhas e frutos verdes.

Ulisses podia observar os movimentos da respiração daquele monstro. Quando sugava a água, podia ver, num relance, até o fundo do mar. Ao contrário, quando vomitava o líquido que engolira, provocava verdadeiros vagalhões, Parecia imensa chaleira de água, borbulhando sobre o fogo. O ar enchia-se de vapores e o ruído escoava por toda a região.

Impressionado com o barulho que aumentava, à medida que o navio avançava para dentro do estreito, Ulisses afrouxou a vigia sobre o rochedo de Cila, para observar o movimento das águas no lado oposto. Nesse exato momento, o monstro, escondido pelo nevoeiro, estendeu suas horrendas cabeças até o navio, agarrando seis dos melhores remadores. Aos seus gritos correu Ulisses, porém já era tarde. Tentou ainda atingir o monstro com golpe de espada, mas o navio avançava e a salvo, na entrada da caverna, Cila mantinha presos os homens. Em cada cabeça tinha três fileiras de dentes afiados. Com eles despedaçava suas vítimas e as devorava entre seus gritos de agonia e desespero.

Remando sempre com todas as forças, terminaram a travessia do estreito e saudaram com alívio o mar que novamente se alargava diante deles.

Sabiam, porém, que perigos maiores os aguardavam. Não se esqueciam das admoestações de Terésias e Circe sobre os rebanhos de Trinácia.

Lamentando a triste sorte dos seus companheiros mortos, prosseguiram viagem. Ulisses levava consigo o consolo de ter perdido apenas poucos homens, conseguindo salvar o navio e o resto da tripulação dos dois monstros que o ameaçavam.

Ao entardecer, avistaram os primeiros sinais de terra. Os homens, cansados, ansiavam por aportar e o primeiro que enxergou a ilha gritou com alegria para os companheiros:

– Enfim, a sorte nos sorri. Ainda esta noite poderemos pisar em terra firme, comer e dormir sossegadamente e refazer-nos das fadigas do mar.

Quando o navio se aproximou, avistaram, por entre campos verdejantes, ricos rebanhos de bois, novilhos e carneiros que pastavam calmamente. Podiam também ouvir os mugidos do gado bovino e o balir dos carneiros. Eram animais de garboso porte, de aparência saudável e de tamanho superior ao de animais comuns. Seu pelo era lustroso e as lãs que cobriam os carneiros eram douradas pelos raios do sol. Animais assim tão lindos só podiam pertencer a um deus imortal.

– Esta ilha é a de Trinácia e o gado que vemos são os famosos rebanhos que pertencem a Hélio, o Deus do Sol – falou Ulisses. Ainda estão frescas em nossas memórias as palavras do profeta Terésias e de Circe, a deusa de voz humana. Ambos foram incisivos nos seus conselhos. Não devemos causar qualquer mal a esses animais, se queremos voltar a ver nossos lares. Passemos ao largo, amigos. Não aportemos nesta ilha. Com um pouco de sacrifício, poderemos evitar catástrofe fatal.

Os homens não acataram essas palavras. Estavam fatigados do mar e desejavam ardentemente procurar alimento em terra firme. Por isso, falavam-lhe de sua fadiga, explicando que por dias consecutivos não tinham abandonado os remos, enquanto seu chefe permanecera ocioso, observando o movimento das ondas.

Ulisses sabia que tinham razão. Mesmo assim, fez ouvidos moucos às suas súplicas e ordenou que continuassem a remar sem interrupção, enquanto perdurasse a calmaria.

Os homens obedeceram, exceto Eurícolo, que levantou a voz com azedume e falou:

– Porque tens o coração forte como o ferro, e teu corpo resiste às mais duras privações, não permites que descansemos um pouco nossos membros fatigados. Ao contrário, obrigas-nos a remar em meio à escuridão, expondo o navio ao risco de esfacelar-se contra um rochedo e nós ao de perdermos a vida sepultados nestas águas. Ainda que seja por uma única noite, deixa que aportemos na ilha. Poderemos então fazer fogo para cozer os alimentos, esticar o corpo sobre a areia e repousar. Amanhã, quando a aurora se levantar, retomaremos o navio e prosseguiremos viagem.

A essas palavras, os homens juntaram suas vozes, numa súplica em uníssono:

– Sim, Ulisses. Permite que repousemos sobre a praia. Ao amanhecer, levantaremos ferros e nenhuma desgraça nos poderá atingir.

Atormentado pelos múltiplos pedidos, Ulisses teve de ceder. Mas antes fê-los jurar solenemente que, uma vez em terra, nem sequer tocariam nos rebanhos sagrados. Para alimento teriam de contentar-se com as provisões que Circe lhes oferecera.

Ancoraram o navio numa baía, próximo a uma fonte de águas cristalinas. Acenderam fogueiras na praia e ali cozinharam seu alimento. Esvaziaram, em seguida, um odre de saboroso vinho feito com as uvas da ilha de Eeia. Satisfeitos, deitaram sobre a areia e adormeceram profundamente protegidos pelas espessas capas.

Durante a noite, sobreveio tempestade e o vento sul soprou violentamente. Ao amanhecer, verificaram que não poderiam embarcar, pois a procela não abrandava e o mar estava revolto.

Preocupado com aquela permanência forçada naquele local, Ulisses reuniu seus homens e uma vez mais lembrou-lhes a proibição que lhes fora imposta. Os animais que pastavam nas proximidades não podiam servir de alimento. Recomendou ainda que as provisões que lhes restavam deviam ser racionadas e que cada homem recebesse apenas determinada porção por dia.

Enquanto durou o alimento que traziam nenhum homem hesitou em cumprir as ordens de Ulisses. Eles também temiam a vingança dos deuses contra os mortais que ferissem qualquer animal dos rebanhos sagrados.

Por trinta dias consecutivos, o vento sul soprou ininterruptamente, afastando toda possibilidade de reiniciarem viagem. Aos poucos, foram-se esgotando e ao final começaram a sentir fome. Na ilha não existia nenhum animal de caça. Esquentavam água da fonte e o caldo quente entretinha seus estômagos vazios. Desesperados, cavavam a terra em procura dos bulbos dos lírios-do-mar que cresciam junto à praia e remexiam as pedras, na esperança de encontrar algum caranguejo marinho. Suas tentativas de pesca também eram infrutíferas. Raramente apanhavam algum peixe insignificante. Remexiam as pedras, retiravam o limo que reveste os rochedos costeiros e vasculhavam o interior das grutas, procurando crustáceos que pudessem comer.

De uma feita, quase atingiram um pássaro marinho que voava sobre a praia. A pedra, porém, resvalou pela cabeça do animal e perdeu-se nas águas.

Esta busca desesperada de alimento aumentava-lhes a fome. Famintos, ouviam o balir dos carneiros e o mugido dos bois e novilhos que pastavam

perto. Algumas vezes, alguns animais dirigiam-se para as proximidades da praia. A visão de seu pelo lúcido ou de seus corpos carnudos, lanudos e robustos aumentava o desespero dos homens fatigados.

Certa tarde, no vigésimo dia de sua permanência na ilha, Ulisses afastou-se na esperança de encontrar alguma caça. Depois de muito caminhar, encontrou um sítio protegido dos ventos e da chuva. Enfraquecido pelo longo jejum, dominou-o o sono e dormiu por longo tempo.

Aproveitando sua ausência, Eurícolo começou a concitar os companheiros com palavras de rebelião:

– A desgraça é nossa fiel companheira. Sem dúvida, estamos condenados a morrer. É nosso direito, pois, escolher o gênero de morte menos penoso. Se aticamos ainda mais a fúria dos deuses contra nós, eles destruirão nosso navio e as águas nos sepultarão para sempre. Entretanto, é preferível morrer fulminado no mar a este martírio lento que nos rouba as forças e a vida. É melhor perecer lutando contra as ondas que morrer de fome. Aproveitamos a ausência de Ulisses e tomemos algumas reses mais gordas do rebanho.

Os homens famintos deixaram-se convencer facilmente, pois a perspectiva da morte próxima os amedrontava.

Separaram e mataram algumas novilhas e prepararam-nas para comer. Recortaram largas postas de carne, salgaram e puseram em espetos para assar. Na sua ansiedade, mal podiam esperar que ficasse pronta.

O cheiro da carne assada despertou Ulisses. Num instante, compreendeu o que se passava. Desesperado, deitou-se a correr em direção à praia. Ali chegando, despejou toda a sua ira em palavras amargas e duras, dirigidas aos companheiros, censurando-lhes a desobediência. De nada, porém, adiantavam palavras. Os animais já

estavam irremediavelmente mortos e sua carne servia de repasto para aqueles que os sacrificaram.

Este crime clamava por vingança e Hélios, o grande deus do Sol, não deixaria impunes os homens que desrespeitaram seus rebanhos sagrados.

Ulisses procurava convencer disso seus homens.

– Os deuses imortais hão de vingar este sacrilégio. Em toda a terra não haverá salvação para nós.

Pouco depois, começaram a surgir os primeiros sinais da ira dos deuses. As postas de carne, presas ao espeto, começaram a mugir como animais vivos. E as peles que secavam sobre a areia puseram-se a mover. Isto, porém, não demoveu os homens de sua intenção de comer os assados. Era tão grande a fome que se atiraram com fúria sobre o alimento, consumindo-o todo.

Durante seis dias, permaneceram na ilha. Na manhã do sétimo dia, o forte vento sul amainou e uma brisa suave começou a soprar em direção contrária.

Sem perda de tempo, Ulisses ordenou que arrastassem o navio para o mar e, desfraldando a vela, partiram deixando aquele lugar fatídico, onde passaram dias tão infelizes e onde tinham preparado sua desgraça.

Ajudados pelo vento, foram-se afastando da ilha até que a perderam de vista. Navegavam em alto-mar, quando apareceu no céu uma nuvem densa que se colocou sobre o navio. No mesmo instante, sobreveio do oeste um vendaval que agitou as ondas e partiu o mastro que caiu, matando, na queda, o piloto. Antes que os homens aturdidos socorressem o companheiro, um raio abateu-se sobre a nau, despedaçando-a. Toda a tripulação foi atirada ao mar e pereceu afogada nas águas revoltas pelo vento.

Ulisses, porém, logrou salvar-se. Agarrou-se aos escombros do navio até que um golpe do mar desconjuntou o pouco que restava da embarcação. Uma quilha desprendeuse e juntamente com o mastro flutuava sobre as águas. Ulisses amarrou um ao outro com fortes cordas de couro de boi e, servindo-se daquela rústica jangada, deixou-se levar ao sabor do vento.

Por algum tempo, o forte vento oeste continuou a soprar. Aos poucos foi diminuindo sua violência, até que conduziu Ulisses na direção do estreito, onde viviam Cila e Caribdes.

Ulisses navegou por toda a noite e a aurora veio surpreendê-lo bem próximo ao redemoinho de Caribdes. Compreendeu logo que o mastro e a quilha seriam engolidos pelo monstro, sem que nada pudesse fazer para impedir.

No momento em que a jangada resvalava para dentro do precipício, Ulisses, num salto, conseguiu agarrar-se ao tronco da verde figueira, que se levantava sobre o rochedo. Ali ficou preso com as pernas e os braços, impossibilitado de atingir os galhos muito altos e sem poder descer ao rochedo que se encontrava muito abaixo. Conservou-se naquela posição por alguns momentos, como morcego pousado numa parede. Quando sua jangada foi devolvida pelo monstro, saltou para dentro da água e subiu na embarcação. Remando com as mãos, foi-se afastando da morada de Caribdes, temendo que com outra sucção não lograsse escapar de morte certa.

Durante nove dias navegou, sem rumo, pelo mar. Extenuado, mantinha-se agarrado às compridas traves que o salvaram. No décimo dia, as ondas o atiraram nas praias da ilha de Ogígia.



CALIPSO

A ilha de Ogígia pertencia a Calipso, ninfa de decantada formosura e de eterna juventude. Sua casa era larga gruta aberta na rocha, cercada por alameda de árvores altas. Ciprestes negros entrelaçados às viçosas cepas e os álamos de folhas sussurrantes protegiam a entrada da caverna da força dos ventos que sopravam do oceano.

Em frente à gruta cresciam flores que lhe emprestavam aspecto encantador. Anêmonas brancas e coloridas abriam seus botões para receber os raios do sol. Toda uma gama de cores, desde o branco-marfim ao lilás das violetas, mesclava-se sobre o verde do capim, num espetáculo de singela beleza.

De quatro fontes vizinhas manava água fresca e cristalina. Ao derredor estendiam-se campos de aipo, donde exalava suave perfume que enchia o ar, e canteiros onde florescia violetas.

A caverna ainda abrigava ninhos de diversos pássaros: falcões de asas ligeiras, gralhas de voz aguda e corujas de piar melancólico.

Próximo à entrada da caverna levantava-se viçosa vinha de onde pendiam, durante todo o ano, graúdos cachos de uva cor de púrpura.

O interior da gruta ainda era mais suntuoso e belo. Ricamente mobiliado, dividia-se em vários cômodos, As paredes eram revestidas de tecidos espessos e coloridos. No assoalho estendia-se tapete de relva macia.

Sobre ele espalhavam-se mesas e cadeiras artisticamente construídas com preciosa madeira. No ponto da gruta onde a visibilidade era melhor, erguia-se o enorme tear da deusa, onde ela passava horas intermináveis, ocupada em tecer panos maravilhosos que desafiavam a ação destruidora do tempo.

Calipso, a deusa inigualável em formosura, estava passeando pela praia, quando deparou com o corpo inerte de Ulisses, caído sobre a areia. As forças tinham-no abandonado durante sua luta contra as ondas. Ali jazia semimorto e inconsciente.

A ninfa condeu-se daquele pobre mortal, levou-o para o aconchego de seu lar e pelas virtudes de drogas mágicas restituiu-lhe as forças e o ânimo. Os dias passaram-se e ele se foi recuperando até que voltou a ser forte e saudável como sempre.

O convívio com aquele belo forasteiro despertou no coração de Calipso imenso amor. Apaixonada, desejou tê-lo sempre a seu lado e ofereceu-lhe em troca de sua permanência na ilha a imortalidade dos deuses e juventude eterna.

Ulisses, porém, não se esquecia da jovem esposa que o aguardava, pacientemente, na longínqua Ítaca. Seu coração confrangia-se de saudades e o desejo de voltar aos entes queridos era cada vez mais forte. Por isso, recusou de maneira carinhosa os oferecimentos da bela ninfa e conformou-se em deixar-se prender na ilha, gozando da companhia da deusa que o amava e que o reteve por sete longos anos.

Ali tinha tudo o que um mortal pode almejar: o amor de linda mulher e os confortos de vida transcorrida entre paz e felicidade. Entretanto, sempre que podia, refugiava-se na solidão da praia e seus olhos miravam longamente o horizonte sobre as águas azuis, e lágrimas de saudades rolavam-lhe pelas faces.

Longe dali, nas alturas do monte Olimpo, onde habitavam os deuses imortais, alguém acompanhava com desvelo as sofridas lágrimas de Ulisses. Minerva há muito interessava-se por aquele valente mortal que vinha encontrando tantas desgraças e sofrendo tantas provações e sentia pena dele. Ademais, agradava-lhe a vida de Ulisses, cheia de aventuras e de rasgos de coragem.

Levantou-se, então, na assembleia dos deuses, envolta em vestes brancas, sustentando o cetro de pálido azul brilhante e, com a severa beleza no rosto, dirigiu-se a Júpiter.

– Meu pai, Todo-Poderoso Júpiter, e deuses imortais que me ouvis. De que vale a um homem atravessar a vida com virtude, espalhando bondade, e governar seus súditos com justiça, sempre procurando fazer o bem, se não recebe dos deuses qualquer recompensa pelas suas boas obras? Se os infortúnios são distribuídos tanto aos bons quanto aos maus, é melhor que se torne um ímpio, semeador de desgraça e de mortes e abandone a vida de justo. Havia um rei, em Ítaca, Ulisses era seu nome. Jamais alguém governou com maior sabedoria e benevolência. Seu povo o estimava e vivia em paz e alegria. Na ocasião da guerra em Troia, deixou sua terra e, juntamente com os demais governantes gregos, partiu para o combate. Depois de anos de luta, a cidade foi tomada, e Ulisses retomou sua frota para voltar a Ítaca. Porém a má sorte embarcou com ele. Seus navios foram destruídos, seus homens pereceram e ele, depois de escapar a muitos perigos, arribou na ilha de Ogígia, morada da ninfa Calipso. Ali permanece, derramando lágrimas de saudades e consumido pelo desejo de rever sua terra e sua gente. A ninfa apaixonou-se por ele e não o deixa partir. Sem navio que o conduza através do vasto oceano, desprovido de poder que lhe permita vencer a influência maléfica e encantamento de Calipso, ele está indefeso e abandonado dos deuses e dos homens. Poderoso Júpiter e divindades imortais que conheceis o glorioso passado

desse herói, sua bravura e sua virtude, acaso julgais que merece os infortúnios que pesam sobre ele?

Do alto de seu trono, Júpiter, deus supremo dos céus e da terra, assim lhe respondeu:

– Filha, não nos é possível esquecer os gloriosos feitos desse mortal, nem sua coragem e sabedoria. Tampouco cremos que são justas as desgraças que se abatem sobre ele. Porém não fomos nós que as enviamos. O autor delas é Netuno, meu irmão, senhor de todos os mares. Sua fúria desencadeou-se contra Ulisses, quando esse cegou seu filho, o ciclope Polifemo. Desde então, tem-no perseguido e causado o malogro de todas as tentativas de Ulisses para atingir sua terra. Netuno é o único responsável pela malfadada viagem do herói por quem zelas.

Sem hesitar, Minerva tornou a insistir:

– Júpiter, meu pai, permiti que seja de vosso agrado libertar Ulisses do domínio da ninfa Calipso. Enviai vosso mensageiro, o fiel Mercúrio, e obrigai-a a soltar seu prisioneiro.

Júpiter sorriu ao ver o profundo interesse que a filha dedicava ao caso.

– Se assim queres, assim será.

Chamou Mercúrio, que acorreu imediatamente, e disse-lhe:

– Vai, corre até Ogígia e leva a Calipso minha ordem para que liberte Ulisses de seu domínio e lhe devolva a liberdade para retornar a seu lar. Porém é vontade de Netuno que ele alcance sua terra, só, e depois de muitas penas e labores. Portanto, ordena que ele próprio construa uma jangada e com ela se lance ao mar. Parte, meu filho, e transmite tal mensagem a Calipso.

Ao ouvir a ordem, Mercúrio imediatamente preparou-se para cumpri-la. Calçou as sandálias dotadas de asas, presente de Júpiter, que lhe

permitiam atravessar as distâncias, correr sobre terras e mares, mais depressa que o vento. Tomou seu bastão mágico que, ao mais leve toque, adormecia ou despertava um mortal, de acordo com sua vontade, e deixou a morada dos deuses imortais. Ligeiro, sobrevoou as ondas como pássaro e dirigiu-se para a ilha de Ogígia.

Encontrou a ninfa só, ocupada em seu tear. Ulisses retirara-se para a praia, refugiando-se uma vez mais com sua amargura e solidão.

Calipso usava vestes prateadas que refulgiam como a suave luz do luar. Cingindo-lhe a cintura tinha uma corrente de ouro e sobre os cabelos trazia um véu que, de tão fino, parecia flutuar. Sentada ao lado do tear, movia com agilidade seus hábeis dedos, tecendo fios de magníficas cores, que se juntavam com tal rapidez que um olho humano não podia acompanhar. Enquanto fiava, entoava lindas canções.

Mercúrio, ao chegar, postou-se na entrada, sob a viçosa vinha, e saudou-a.

– Eu te saúdo, amável Calipso.

Virando-se, a ninfa viu-o e reconheceu-o como o mensageiro dos habitantes do Olimpo. Os imortais conhecem-se uns aos outros, mesmo que não se avistem amiúde. Quando um deles se disfarça sob outra aparência, para enganar os homens, é imediatamente reconhecido pelos da sua espécie.

Abandonando seu trabalho, Calipso convidou-o a entrar.

– Eu também te saúdo, ligeiro Mercúrio. Sê bem-vindo em minha casa.

E conduziu-o para uma cadeira de refulgente espaldar. Achas de sândalo queimavam-se no fogo e enchiam a gruta com seu inebriante perfume.

Colocou mesa diante dele e sobre ela serviu-lhe deliciosa ambrosia, alimento exclusivo dos deuses, numa bandeja de ouro. Em seguida, apresentou-lhe taças de cristal cheias do rosado néctar, bebida de que nenhum mortal se pode servir.

Depois que comeram, beberam e trocaram entre si palavras cordiais, Calipso perguntou-lhe a razão da inesperada visita.

– Dize-me, Mercúrio, por que atravessaste o imenso oceano que separa nossos lares e vieste hoje até aqui? É raro aparecer por estas paragens distantes um habitante do Olimpo. Por isso, estou ansiosa para conhecer o objetivo de tua visita.

Mercúrio sorriu e respondeu-lhe:

– Tens razão, amável Calipso, quando afirmas que imensa extensão de água se entrepõe entre nossas terras. Ninguém se dispõe a fazer viagem tão longa e tediosa, sem que o anime missão a cumprir. Foi Júpiter que me enviou a ti. Não fora sua ordem e jamais estaria ao teu lado, gozando do prazer de tua presença.

– Dize-me, sem rodeios, a mensagem que Júpiter, nosso pai, destinou a mim.

– Ela diz respeito ao mortal que habita esta ilha. Aqui vive um homem, o mais infeliz dentre todos os gregos, valoroso guerreiro que lutou em Troia, o rei de Ítaca. Seu nome, tu o sabes, é Ulisses. Seu coração está cheio de saudades da família e de sua terra e ele sofre, aqui, ao teu lado. É desejo de Júpiter que tu te apresses em libertá-lo e o deixes partir para Ítaca.

Por alguns instantes, Calipso, surpreendida, não pronunciou palavra. Aos poucos foi-se serenando e quando falou sua voz era áspera.

– Como são cruéis os deuses que habitam o Olimpo! Por inveja, querem privar-me de meu maior bem e roubar-me a felicidade. Encontrei Ulisses semimorto, abandonado sobre a areia da praia. Compadeci-me dele e o trouxe para minha casa. Com drogas miraculosas restituí-lhe a vida. E dei-lhe muito mais. Ofereci conforto, hospitalidade e meu amor em troca da sua permanência ao meu lado. Como é privilégio das divindades obsequiar àqueles que lhes agradam com o dom da imortalidade, quis transformá-lo num deus imortal que gozasse da eterna juventude. Porém ainda estão vivas na sua memória a lembrança da terra longínqua onde o espera a esposa. Seu coração pertence a ela. Nos seus sonhos, ele a vê jovem como a deixou, esquecido de que ela não pôde fugir à marca do tempo, nestes dezessete anos de separação.

Eu guardava comigo a esperança de que um dia haveria de conquistar seu amor. Com o passar dos anos, Ulisses acabaria por esquecer a mulher e, então, juntos, viveríamos para sempre na eterna felicidade que desfrutam os deuses. Mas agora vens procurar-me e dizes que devo privar-me da companhia desse mortal. Com estas palavras, deixaste meu coração vazio de esperanças,

– Elas não são minhas, divina Calipso, São ordens de Júpiter, divindade suprema, a quem todos nós devemos obediência.

– Longe de mim a intenção de rebelar-me às suas ordens. Se essa é a vontade de Júpiter, permito que Ulisses parta tão logo ele o deseje.

E Calipso, elevando a voz, num misto de tristeza e raiva, continuou:

– Porém, nada farei para ajudá-lo a partir. Que o faça Júpiter, a quem pertence a ideia de devolver Ulisses ao mundo dos mortais. Que ele o conduza são e salvo até Ítaca. Eu não disponho de navios para singrar esses mares violentos e ademais não tenho intenção de facilitar-lhe a viagem. Já me é suficiente dar-lhe permissão de partir.

Mercúrio ouviu-a até o fim e retrucou gentilmente:

– Não te zangues tanto por esta exigência de nosso deus. Ajuda no que estiver a teu alcance para que Ulisses retorne a sua casa. Acaso desejas vê-lo perecer sepultado nas ondas bravias do mar? Não te importa a sua sorte?

Calipso ficou-se silenciosa por uns instantes. Aos poucos, seu rosto foi-se abrandando e de sua boca brotou um sorriso. Por fim, falou:

– O seu destino e sua felicidade são muito importantes para mim. Eu o amo e estou disposta a ajudá-lo a ser feliz, longe daqui. Parte tranquilo, que saberei cumprir fielmente a ordem que me transmitistes.

Logo que o mensageiro se afastou, Calipso caminhou até à praia. Encontrou Ulisses sentado sobre uma rocha, com o rosto oculto entre as mãos, numa atitude de supremo desânimo. Suavemente tocou-lhe no ombro e falou:

– Escuta-me, Ulisses. Tua tristeza e lamentações chegaram ao fim. Depois de permaneceres por sete anos, insatisfeito, em minha companhia, dar-te-ei permissão para partires. Farei mais ainda. Terás forte brisa que te conduza rapidamente até a terra que tanto anseias tornar a ver.

Ulisses dirigiu-lhe o olhar e, com voz descrente, perguntou-lhe:

– Como poderei atravessar esses mares se não disponho de navio? De que me serve a tua complacência se faltam-me os meios para navegar e procurar minha terra?

Calipso ouviu-o imperturbável e respondeu-lhe:

– Dar-te-ei um machado que te permita cortar toras de madeira. Com elas construirás forte jangada, que possa resistir à força das águas e ao bater das ondas agitadas pelo vento. Coloca sobre ela um mastro e uma vela. Para proteger-te do frio dar-te-ei roupas grossas, levarás alimento e

vinho em abundância e de minha casa farei soprar uma brisa que te poupará os remos.

Ulisses nada replicou. Continuou silenciosamente, sentado sobre a pedra, com expressão de desalento, sem crer nas palavras da ninfa. Calipso, porém, voltou a insistir com ele, procurando com mais palavras doces fazê-lo acreditar nela:

– Por que te trancas nesse mutismo? Julguei que as notícias te devolveriam a alegria e a confiança e permaneces desanimado e triste!

– Queres obrigar-me a crer numa realidade fantástica. Esses mares destroem navios fortes e bem construídos. Como poderia frágil jangada, feita por mim, sobreviver à violência do vento e à fúria das ondas? Se esperas que eu me lance nesta louca aventura, perdes teu tempo. Não me arriscarei a partir e expor-me a perigo sem salvação. Se tal desejas é porque planejas a minha morte e queres minha destruição.

Calipso recebeu aquelas frases injustas, sorriu para ele com doçura e, tomando-lhe as mãos entre as suas, murmurou:

– Ulisses, quando hás de convencer-te de que eu te amo e só desejo verte feliz? Por que continuar a duvidar da minha afeição por ti?

– Se dizes a verdade, faze juramento solene de que não tramas qualquer desgraça contra mim.

– Se assim ordenam tua prudência e precaução, assim farei: Presto juramento que desejas e que me obrigará por toda minha vida imortal. Por certo hás de ficar satisfeito.

Sem hesitar, a ninfa prestou o juramento e Ulisses acreditou nela. Dispôs-se a construir a jangada tal qual lhe fora recomendado.

Reconciliados, dirigiram-se para casa, onde os esperava saboroso jantar. Terminada a refeição, Ulisses recostou-se junto às achas de sândalo que

queimavam ao fogo e enchiam a gruta de suave fragrância. Ali deixou-se ficar embebido em seus pensamentos. Traçava planos sobre a confecção da jangada, descobrindo meios de executá-la e rejeitando as ideias inúteis. Sua face iluminada pelas chamas tinha expressão de ansiosa expectativa, e seus olhos, um brilho que Calipso jamais vira antes.

Sorrindo tristemente ela o encarou com ternura e perguntou:

– Estás tão impaciente por deixar-me que já nem pensas em trocar algumas palavras comigo e te esqueces da minha presença? Será que meu amor nada vale para ti? Nem mesmo por momentos podes esquecer-te da esposa a que amas? Como é ela, Ulisses? Que fascínio tem essa mulher mortal, que deixa teus olhos cegos para qualquer outra beleza? Será porventura mais linda que eu?

Ulisses sacudiu a cabeça, olhando-a, e procurou consolar aquela deusa que o amava tanto.

– Nenhuma outra mulher é mais bela que tu. Jamais qualquer mortal poderia igualar-te. em formosura. Nem mesmo Penélope, minha querida esposa, Porém, eu a amo, e por isso ela é para mim a mais bela e a mais perfeita. Para que compreendas o quanto amo minha mulher basta que te lembres que por ela renunciei à felicidade eterna que me ofereceste ao teu lado.

– A escolha coube a ti e já decidiste. Porém se pudesses adivinhar os perigos e desgraças que te esperam, antes que possas alcançar Ítaca, haverias de preferir permanecer comigo, e aceitar minhas ofertas. Lembra-te, Ulisses, que não sou mulher desesperada que procura amedrontar-te com palavras, para que fiques ao meu lado. Se afirmo que muitos infortúnios te aguardam, é porque eu os posso antever, como deusa que sou.

– Já não duvido de ti, divina Calipso. Sei que dizes a verdade. Aceito, porém, o risco de perecer, antes que consiga voltar a Ítaca. Não poderei lutar com forças superiores às minhas, mas não deixarei de fazer o que está ao meu alcance, para conseguir meu intento. Compreendo quão perigosa é a viagem que vou empreender, mas nem por isso deixarei de partir.

Ouvindo isto, a ninfa ficou silenciosa e ficou pensando quão incompreensíveis são as decisões dos homens mortais.

Na manhã seguinte, Calipso deu a Ulisses um machado de bronze afiado e uma pua. Conduziu-o em seguida para uma região da ilha onde cresciam árvores altas e esguias. A paisagem parecia juntar-se à alegria do coração de Ulisses. Por sobre a relva verde abriam-se anêmonas coloridas e entre os galhos das árvores os pássaros, esvoaçando, enchiam o ar com suas ruidosas vozes. Ulisses caminhava, embriagado pela felicidade, e diligentemente ia escolhendo os troncos que melhores lhe pareciam.

Escolhidas vinte árvores, tratou de derrubá-las. Isto tomou-lhe algum tempo e exigiu-lhe esforço. Porém não esmoreceu. Desgalhou os troncos e cortou quinze deles num só tamanho. Nas extremidades perfurou com a pua e, servindo-se de cavilhas de madeira, foi unindo um tronco ao outro. Formou assim plataforma tão larga quanto o casco de um navio de carga. No centro, plantou o mastro preso com uma verga e na popa ajustou um leme. Levantou cobertura feita de vigas bem juntas e cercou os lados com tábuas compridas. Para proteger a jangada das ondas, entrelaçou varas de vime e colocou pedaços de madeira sobre a plataforma. Calipso trouxe pano para as velas, tecido por ela própria. Ulisses cortou-os com habilidade, às vistas da ninfa que o observava, ligou-lhes às adriças, escotas e relingas. Colocadas as velas, cuidou dos detalhes finais. Teceu cordas com embiras e juncos flexíveis. Fortaleceu a base do mastro e o leme.

Finalmente, depois de quatro dias de trabalho incessante, a jangada ficou pronta. Em pouco tempo construíra embarcação bastante resistente. Para colocá-la na água serviu-se de rolos de madeira.

Passou ainda uma noite em casa de Calipso. Pela manhã, tomou os odres de vinho e água que ela lhe oferecera, um saco de couro com alimento e agasalhos para protegê-lo do frio do alto-mar.

A ninfa acompanhou-o até a praia. Ali se despediram e ela ficou observando, enquanto ele colocava a bordo as provisões que trouxera. Finalmente, Calipso fez-lhe a última advertência:

– Conserva sempre a constelação da Ursa Maior à tua esquerda. Assim poderás atingir, em poucos dias, a terra dos feaces.

– Lembrar-me-ei de tuas palavras – respondeu-lhe Ulisses.

E continuou:

– Senhora, tudo o que tenho para dar-te em troca do que fizeste é profunda gratidão. Aceita-a e não guardes rancor de mim.

– Não me agradeças, Ulisses. Nada deves a mim. Não fora a ordem que recebi de Júpiter a quem os homens e deuses devem obediência e neste momento meu coração estaria cheio de gozo, e tu, por certo, não terias essa expressão de alegria. Parte agora. Eu te desejo todo o bem. Mas apressa-te, não permitirei que vejas uma deusa imortal chorar a perda de sua felicidade.

Ulisses despediu-se uma vez mais. Desfraldou as velas que logo se encheram com a quente brisa que a ninfa lhe concedera. Ajudado pelo vento, foi deixando atrás de si a terra onde passara tantos anos e o coração da ninfa que chorava a sua partida.

Durante dezessete dias navegou sem qualquer incidente. O vento soprava brando, o mar estava calmo e a jangada conservava-se sempre à

esquerda da Ursa Maior. Quando se completavam dezoito dias de viagem, avistou terra. Com o coração cheio de felicidade, foi conduzindo a jangada na direção do litoral, onde divisava, semiocultas pelo nevoeiro, as escarpas de rochedos.

Sua alegria, porém, pouco durou. Netuno, senhor dos mares, vendo-o prestes a concluir arriscada viagem, lembrou-se do voto de vingança implacável e procurou impedi-lo de chegar à terra. Soltou os quatro ventos que agitaram as águas, encheu os céus de negras nuvens e a noite desceu sobre o mar. Desencadeou-se tremendo vendaval. A pequena embarcação jogava-se de um lado para outro, ao sabor das ondas enfurecidas. De repente, formou-se vagalhão de descomunais dimensões, verdadeira montanha de água e espuma que se foi aproximando da jangada. Num relance, Ulisses compreendeu que estava perdido. Agarrou-se desesperado ao leme, enquanto em sua cabeça confundiam-se pensamentos desordenados.

– Sem dúvida este é o fim. Não há salvação para mim. Melhor seria ter tombado nos combates em Troia. Ali, teria amigos para prantear minha morte e levar a Ítaca a notícia de que eu morrera como herói. Bem mais inglória é a morte que me espera, afogado nas águas do mar, sepultado para sempre no oceano, sem que minha esposa saiba como morri.

No momento em que essas ideias passavam por sua mente, a enorme onda despenhou-se sobre ele, virou a jangada, arrancou-lhe das mãos o leme que segurava e atirou-o nas águas escuras. O mastro fendeu-se em dois e o castelo de popa desmantelou-se. As pesadas roupas que Calipso lhe dera dificultaram-lhe o nado e Ulisses fez esforços imensos para chegar à tona e conseguir subir na jangada, sentando-se no centro, para evitar ser arrastado pela água que a invadia. A embarcação era atirada de um lado para outro, como se os ventos das quatro direções se divertissem com o jogo.

Naquele estado, Ulisses não poderia resistir por muito tempo, porém, uma vez mais recebeu a ajuda dos deuses. Uma ninfa do mar viu sua aflição e como também fora mortal, compadeceu-se dele, Em vida tinha sido rainha. Depois que a morte a feriu, sua alma mergulhou nas profundezas do oceano e os deuses deram-lhe a divina faculdade da existência eterna e dos poderes sobrenaturais. A felicidade constante que sua condição de ninfa lhe permitia gozar não a fez esquecer os longos anos de dificuldade que enfrentou durante sua vida de mortal. Por isso, ocorreu solícita em socorro de Ulisses. Atravessou as ondas revoltas e, disfarçada sob a forma de gaivota, pousou ao seu lado sobre a jangada. Suas asas tinham reflexos de pálido marfim e na cabeça conservava os cabelos soltos ao vento. Dirigiu-se ao homem e sua voz era profunda, semelhante ao rumor dentro de imensa concha. A Ulisses, porém, pareceu nítida e ele a ouvia perfeitamente, apesar do barulho da tempestade.

– Infeliz Ulisses, desencadeaste contra ti a ira de Netuno, o senhor dos mares. Mas não desesperes, pois ele ainda não conseguirá tirar-te a vida desta vez. Ouve meu conselho e poderás salvar-te. Despe as roupas que envolvem teu corpo para que te tornes mais leve para nadar. Abandona a jangada ao sabor dos ventos e nada até o litoral que vês ao longe. Dar-te-ei um véu com que envolverás teu dorso. Ele possui misteriosos poderes e enquanto o usares não sucumbirás vencido pela força das ondas. Quando atingires terra firme, dá as costas para o mar e atira nas águas o véu que te dou. Toma e o coloca em volta de ti. Não percas tempo. Lança-te às águas.

Ulisses pegou o esvoaçante tule que lhe era oferecido, e ao virar-se novamente nada mais viu sobre a jangada. A ninfa desaparecera sem o mais leve ruflar de asas, misteriosamente como são os deuses. Ulisses viu-se só em meio à escuridão. Apenas o diáfano véu que trazia nas mãos lhe garantia que não se tratava de alucinação.

Não era seu feitio acreditar facilmente em tudo que lhe diziam. Ademais tinha razões de sobra para duvidar das palavras de Ino. Talvez fosse enviada pelo próprio Netuno com o fito de sugerir-lhe abandonar a proteção precária da jangada e atirar-se às ondas traiçoeiras.

"Melhor será conservar-me aqui enquanto estes troncos me puderem sustentar – pensou ele, Quando não me oferecerem mais abrigo, procurarei alcançar a nado as costas desta terra. Terei certamente distância menor para nadar."

Mal tomou esta decisão, sua jangada foi abalroada por enorme onda que caiu sobre ela, arrebatando as tábuas que a cercavam e desmantelando a plataforma de troncos. Ulisses foi atirado na água. Procurou apoiar-se numa prancha, tirou as roupas que Calipso lhe dera e cingiu o véu milagroso de Ino, amarrando-o firmemente. Sem ter outra alternativa, começou a nadar para a praia.

Durante dois longos dias e duas noites, Ulisses debateu-se nas águas. Algumas vezes, com esforço Imenso, conseguia vencer longa distância, mas logo vinha uma onda mais forte que o empurrava para trás e via baldado seu sacrifício. A custo podia manter-se à tona. O mar estava tão agitado que as águas o cobriam e atiravam-no de um lado para outro.

Ao amanhecer do terceiro dia, o vento cessou e as águas revoltas tornaram-se plácidas e calmas. Isso deu novas forças aos membros extenuados de Ulisses que num esforço supremo procurou alcançar o litoral. Mas que triste surpresa teve ao aproximar-se! Quando a distância lhe permitiu divisar o litoral, percebeu que era íngreme e escarpado. A água batia com impetuosidade contra falésias e rochedos e não havia nas proximidades praia onde pudesse aportar. Seu corpo estava fraco e não suportaria a força das águas batendo contra a rocha. Tinha de escolher entre continuar no mar ou ser esmagado contra as pontas dos rochedos.

Enquanto revolvia tais pensamentos, enorme vaga atirou-o de encontro à rocha da costa. Feliz stratagem, porém, salvou-o da morte certa. Ao ser atirado, agarrou-se com ambas as mãos numa pedra e ali se manteve firme até que arrefecesse a força da enorme vaga. Quando a onda voltou ao mar, Ulisses foi arrebatado e novamente encontrou-se em meio às águas. Suas mãos sangravam. Mesmo assim afastou-se daquele lugar de arrebatamento e nadou ao longo do litoral, procurando as areias de uma praia para penetrar naquela terra.

Persistiu na busca por várias horas e já se dispunha a abandonar-se ao sabor das vagas para ser despedaçado contra os rochedos, quando avistou a embocadura de um rio que se abria para o oceano. Mal pôde crer no que vira e nadou sofregamente para ali. Ao sentir terra firme sob os pés, deixou-se cair ao chão completamente exausto. Passado o primeiro instante, porém, sentiu-se um pouco mais animado e, lembrando-se do conselho de Ino, desatou o véu que lhe envolvia o dorso e atirou-o à água, sem virar-se para olhar que direção tomava.

Apesar de sentir-se fraco, Ulisses compreendia que era perigoso permanecer ali, pois à noite, juntamente com as trevas, vem o frio, que não poupa os desavisados que se expõem ao relento. Ademais, de que adiantava vencer tantos perigos para depois abandonar-se extenuado às margens do rio e morrer de frio?

Por isto, resolveu alcançar o bosque que crescia nas proximidades. Para dentro, alargava-se verde prado que se estendia na direção da nascente do rio.

Arrastando-se, Ulisses conseguiu penetrar por entre as árvores e encontrar o abrigo que buscava. Duas oliveiras emaranhadas formavam uma moita. Ulisses deitou-se sob ela, que o protegia da chuva e da fresca brisa do mar. Para vencer o frio, cobriu-se de largas folhas que cresciam na

região. Repousou a cabeça num monte de folhas secas e, reconfortado pelo calor, adormeceu profundamente.



NAUSICA

Enquanto Ulisses enfrentava esses perigos, lutando contra a morte no mar, no palácio de Alcino, chefe dos feaces, Nausica, a jovem filha do rei, teve um sonho que a deixou cheia de ansiedade.

Nausica era moça que conservava ainda traços da infância de que mal saíra. Tinha um rostinho encantador e nos seus lábios sempre brincava sorriso muito meigo. O pai, vendo-a transformar-se em bela mulher, começava a preocupar-se com seu futuro. Entre os nobres rapazes da terra procurava um que fosse digno de receber a filha para esposa.

Na noite que precedeu a chegada de Ulisses à ilha Feácia os deuses enviaram a Nausica mensagem sob a forma de sonho. Viu uma de suas companheiras, moça de sua idade, que lhe fazia uma advertência:

– Nausica, como podes permanecer indolente quando há tanto trabalho reclamando por ti? Por pouco tempo ficarás solteira. Em breve, teu pai escolherá um marido para ti. É preciso que te prepares para o casamento. É obrigação de toda noiva levar consigo, para a nova casa, arca de metal acinzelado ou de preciosa madeira, com finas e claras roupas do seu enxoval. Ademais, os convivas que vão presenciar a cerimônia deverão trajar-se com vestes bem lavadas. Não queres ver as moças que entoarão as canções nupciais vestidas com elegância e cuidado? Teus irmãos também precisam ter as roupas lavadas e preparadas para a ocasião. Tu és uma princesa e teu casamento deve superar todos os outros.

Não permitas que roupas usadas e sujas ofusquem o brilho da festa. Reúne todas que carecem de ser lavadas e parte para as margens do rio. Um dia de trabalho te proporcionará muita alegria na data de teu casamento.

Ao acordar, Nausica repassou essas palavras e achou as acertadas. Procurou o pai para pedir autorização de partir.

– Querido pai, cede-me um carro que me possa levar até as margens do rio. Desejo lavar toda a roupa usada que se amontoa nas dependências do palácio. Tu és rei e é bom que tenhas sempre vestes limpas e bem passadas para te apresentares nas assembleias da corte. Meus cinco irmãos também já reclamam roupas lavadas para usarem nos passeios e festas.

Não se referiu, porém, ao casamento, porque se acanhava de falar nisso em presença do pai. Mas rei Alcino conhecia bem sua filha, compreendeu quais eram seus verdadeiros desejos e imediatamente acedeu, com satisfação, por ver o interesse que começava a despertar-lhe o sucesso da cerimônia do casamento.

– Podes partir tão logo queiras. Leva contigo servas para ajudar-te no trabalho. Escolhe o carro que desejares e duas fortes mulas para puxá-lo.

Nausica não perdeu tempo. Ajudada pelas criadas reuniu as roupas e guarnições dos aposentos do palácio, enquanto, lá fora, atrelavam-se as mulas. Quando se dirigiram para o carro levavam diversas trouxas, onde se amontoavam as roupas brancas, os tecidos coloridos que revestiam as paredes e as vestes luxuosas do rei. Para que nada faltasse às moças, a rainha Arete, mãe de Nausica, entregou-lhe um cesto de víveres e um jarro com vinho. Colocaram as trouxas sobre o carro, Nausica subiu para a boleia e tomou as rédeas. Com elegância, foi atravessando as ruas da cidade até ganhar a estrada que levava à foz do rio. Não permitia que os animais trocassem muito depressa para não se distanciar das outras moças que seguiam a pé, conversando animadamente.

Avançando sempre, foi deixando para trás campos dourados pelo trigo que crescia e arvoredos coloridos pelas flores. Nas amendoeiras, as florzinhas brancas começavam a colorir-se de rosa, anunciando que em breve chegariam os frutos. Nausica ia observando a paisagem e distraíndo-se pelo caminho.

Ao chegar ao rio, apressaram-se em retirar a roupa e a colocaram sobre a grama. Desatrelaram os animais para que pudessem pastar e iniciaram o trabalho. Debruçadas sobre as bacias naturais, que se formavam entre as pedras nas margens do rio, com as saias arregaçadas para não molhar, foram esfregando peça por peça, tirando cuidadosamente todas as manchas e sujios. Quando tudo estava bem lavado começaram a torcer. Sacudiram toda a roupa para fazer desaparecer as rugas e dobras e estenderam sobre os brancos seixos para secar ao sol.

Depois de tanto trabalho, Nausica e as companheiras tiraram as túnicas, prenderam o cabelo no alto da cabeça e entraram na água para um refrescante banho. Banharam-se animadamente. Depois de enxutas, tornaram a vestir as túnicas e sentaram-se para pentear os longos cabelos. O sol estava a pino e, para fugir ao seu calor, refugiaram-se sob a sombra de frondosa árvore e sentaram-se na relva, onde cresciam narcisos perfumados. A cesta de alimentos foi aberta. Comeram e beberam e depois deixaram-se ficar indolentemente colhendo as alvas flores em forma de taças e tecendo colares para adornar-se.

Assim ficaram por longo tempo, até que o sol, descambando no poente, deu a uma das moças a ideia de organizar um jogo.

– Senhora – falou ela –, o sol recolhe-se e seus raios já não estão quentes. Vamos aproveitar e jogar bola.

– Boa ideia – respondeu a princesa, dando um salto. Mas onde conseguiremos a bola?

A moça que falara correu até o carro e retirou uma dali. Escolheram por sorteio uma entre elas que ficou no meio. As outras, ao redor, jogavam a bola sobre sua cabeça de um lado para o outro. A moça do centro procurava agarrá-la e quando conseguia tomava lugar na roda e a outra ia para seu posto. Enquanto jogavam, iam entoando canções alegres que Nausica sustentava com voz firme e melodiosa. Ficaram entretidas no brinquedo, até que entrou na roda uma jovem alta. Nausica, que segurava a bola, procurou lançá-la bem alto para que não fosse agarrada. Atirou, porém, com muita força, não puderam segurá-la e ela caiu no rio. Ao vê-la perdida, as meninas correram gritando e agitando-se.

– Senhora, nunca mais recuperaremos a bola que atiraste na água. O rio é profundo neste lugar e é perigoso nadar até o meio para pegá-la.

Faziam tamanha balbúrdia que suas vozes excitadas chegaram até Ulisses, que dormia no bosque, sob a oliveira, e o acordaram. Caminhou de gatinhas até a orla do arvoredos para verificar quais eram as criaturas que gritavam tão alto. Quando avistou o grupo de jovens que se amontoavam à margem do rio, respirou aliviado. "Parecem amigáveis e bondosas – pensou. Sem dúvida, terão piedade de um pobre náufrago andarilho." Depois, lembrando-se de sua nudez, pensou:

"Não estou em condições de apresentar-me a essas estrangeiras, porém, necessito tanto de alimento e pousada que terei de dirigir-me a elas. Que tenham pena de mim."

Abandonando o esconderijo entre as árvores, foi-se aproximando das moças. Logo uma delas a avistou e com um grito atraiu a atenção das outras. Apavoradas, saíram correndo em todas as direções. Somente Nausica não se mexeu. Talvez fosse sua condição de princesa, filha do rei, que a tornava corajosa e capaz de enfrentar os perigos que surgiam. Ficou parada, entre o rio e o homem que se aproximava, o vento agitando sua

túnica branca, o coração batendo descompassado e os olhos completamente abertos. Na frente trazia ainda a coroa de narcisos.

Ulisses vendo-a tão jovem e tão destemida não sabia se devia ajoelhar-se a seus pés ou conservar distância, temeroso de, aproximando-se muito, ofender a jovem dama.

Parou a alguns metros e cuidadosamente escolheu as palavras para dirigir-lhe uma saudação e seu pedido. Julgou que seria de boa política fingir que a confundia com uma deusa.

– Nobre senhora, não sei se tenho a honra de falar a uma deusa imortal ou a uma ninfa que se diverte, passeando às margens do rio. Formosa assim, haveria de jurar que és deusa. Contudo, se fores moça mortal, como eu, bendito são teus pais que têm filha tão linda, e felizes daqueles a quem chamas de irmãos. Porém o mais afortunado, sem dúvida, será aquele que te receberá por esposa. Sejas quem fores, deusa, ninfa ou mortal, venho implorar tua piedade para este pobre náufrago, que o acaso trouxe até as praias de tua terra, depois de vinte tormentosos dias no mar. Ignoro quais sejam os habitantes desta terra, porém coloco-me sob tua proteção, implorando algumas vestes que cubram meu corpo e pedindo que me digas onde encontrar uma cidade.

Ouvindo estas palavras, Nausica tranquilizou-se, pois compreendeu que o homem, que assustara tanto suas companheiras, não passava de pobre náufrago que pedia sua proteção.

– Esta é a terra de Feácia – respondeu-lhe. Nosso rei é Alcino, meu pai. Posso assegurar-te que terás boa acolhida entre nós, porque somos povo amigável que recebe bem os estrangeiros.

Chamou em seguida as servas, que se tinham ocultado nas redondezas, e censurou-lhes a fuga e o medo que sentiram daquele infeliz andarilho.

– Apressai-vos e vede o que restou de alimento e vinho do nosso almoço, enquanto procurarei, entre a roupa que lavamos, uma túnica e uma capa para oferecer a esse estrangeiro.

Enquanto diligentemente preparavam-lhe comida e roupa, Ulisses banhou-se no rio, retirando a camada de sal que se acumulara sobre sua pele. As moças colocaram sobre a relva pão, vinho e bolinhos de cevada que haviam sobrado. Nausica escolheu para ele grossa capa de lã e túnica de linho, habilidosamente bordada pelas mãos da rainha Arete, onde apareciam desenhos de cachos de uva.

Ulisses, banhado e vestido, serviu-se do alimento e do vinho, enquanto as moças, seguindo determinações da ama, iam dobrando a roupa seca e colocando-a novamente no carro. Estavam todas excitadas, lançavam olhares de relance para o inesperado conviva e faziam observações sobre ele. A certa altura, Nausica murmurou para as companheiras:

– Depois que se banhou e vestiu as roupas que lhe demos, o estrangeiro tem aparência de belo homem. Que os deuses o façam permanecer entre nós. Assim, quando chegar meu dia de tomar esposo, poderei escolhê-lo para casar-se comigo.

Depois que as roupas foram recolhidas, Nausica deu ordem de atrelarem os animais e dirigiu-se a Ulisses com palavras de grande prudência.

– Estrangeiro, é hora de regressarmos para a casa de meu pai, pois o sol já se esconde no poente. Se queres acompanhar-nos conduzir-te-emos até a cidade. Há longo caminho a percorrer. Enquanto estiveres atravessando os campos e bosques, podes seguir meu carro e caminhar ao lado de minhas servas. Porém, quando chegarmos junto às muralhas da cidade, no local em que se ergue um arvoredor de esguios álamos, deves parar e esperar que nos distanciemos. Não quero que nos vejam juntos, voltando

de passeio às margens do rio. O povo haveria de murmurar e comentar que sua princesa não aceita a companhia dos mais nobres rapazes da terra e se deixa acompanhar por desconhecido, nos seus passeios no campo.

– És prudente e ajuizada, princesa – replicou Ulisses com cortesia. Admiro tua sabedoria. Seguirei à risca as ordens. Esperarei embaixo dos álamos o tempo necessário para que chegues à casa de teu pai.

A moça ouviu-o e replicou:

– Encontrarás facilmente o palácio. Qualquer pessoa, até mesmo uma criança, te mostrará o caminho. Quando chegares, atravessa a pátio, penetra no saguão. Lá encontrarás, junto à lareira, Arete, minha mãe, ocupada em tecer. Meu pai respeita sua palavra acima de tudo e é bom que te coloques sob sua proteção.

Em seguida, Nausica subiu para o carro, tomou as rédeas e apressou-se em voltar para casa. Ulisses e as servas foram caminhando atrás.

Ao cair da tarde, alcançaram os muros da cidade. Ali se despediram. Ulisses permaneceu por algum tempo sob as árvores até que julgou ter esperado o suficiente para Nausica chegar a casa. Só então deixou o bosque, dirigindo-se para a muralha, e transpôs os portões.

Encontrou encantadora cidade construída ao lado de uma baía. De um lado, abria-se enseada onde se abrigavam numerosos navios junto ao cais. A distância, Ulisses só divisava os negros cascos que se desenhavam contra o brilhante pôr do sol. Os feaces eram povo amante das viagens marítimas. Por isso, construíram o palácio da assembleia bem próximo ao mar. Na frente, um muro de pedra limitava pátio de grande extensão, de chão arenoso, próprio para festas e jogos.

Ulisses, pelo caminho, encontrou uma juvenzinha que o conduziu até a casa do rei. Era uma construção baixa, cercada de jardins e pomares, onde abundavam os mais diversos tipos de árvores frutíferas e hortaliças.

Cresciam ali macieiras, pereiras, figueiras, oliveiras e romãzeiras. Mais afastado, erguia-se viçoso vinhedo e canteiros bem-dispostos estavam repletos de verduras e legumes.

De duas fontes jorrava água fresca e cristalina. A primeira era aproveitada para o consumo do palácio. As águas da outra eram desviadas até o grande portão, onde a população da cidade vinha encher suas vasilhas.

Ulisses atravessou os jardins e parou à soleira da porta, maravilhado com a suntuosidade do interior do palácio. As portas eram douradas, os portais, de prata e bronze. Ladeando a entrada principal, erguiam-se duas enormes estátuas de cães, talhadas em prata, que se alteavam como se fossem os guardiães da casa.

Depois de contemplar, por alguns minutos, aquela riqueza, Ulisses foi penetrando no vestíbulo, onde se elevavam pilastras, e atingiu a porta do saguão. Esse cômodo era ainda mais requintado que o anterior. As paredes eram de bronze, com frisos azuis e, junto a elas, alongavam-se fileiras de poltronas, acolchoadas com tecidos brilhantes e coloridos. Sobre as poltronas, amontoavam-se macias almofadas. Espalhados entre os assentos, havia consolos que serviam de pedestal para estatuetas de ouro: jovens mancebos que sustentavam nas mãos tochas para a iluminação nos dias de festa.

Rei Alcino estava sentado em seu trono, rodeado de amigos e conselheiros. A rainha, imponente senhora de cabelos grisalhos, reclinada ao tear, ocupava-se em tecer, junto ao calor da lareira. Vendo-a, Ulisses lembrou-se da recomendação de Nausica e caminhou para junto dela resolvido a implorar-lhe proteção. Aproximou-se afoitamente e, ajoelhando-se a seus pés, disse:

– Eu vos saúdo, rainha Arete, e auguro-vos longa vida e felicidade. Vim procurar-vos e pedir vosso auxílio para um pobre estrangeiro, afastado de sua terra. De vós dependem minha sorte e a possibilidade de volver ao meu país.

Disse tudo isto num só fôlego e sentou-se sossegadamente na borda da lareira para esperar a reação dos moradores da casa.

Por algum tempo, nada disseram, tão surpreendidos estavam com aquela aparição inesperada. Finalmente, um pobre ancião de respeitável aspecto dirigiu-se ao rei com estas palavras:

– Não é costume, rei Alcino, permitir que um estrangeiro fique sentado entre as cinzas e impedir que tome assento ao nosso lado para participar de nossa mesa.

O rei olhou para Arete, a fim de pedir sua opinião. Como a rainha sorrisse, concordando, levantou-se, foi ao encontro de Ulisses e tomou-lhe a mão.

– Sê bem-vindo entre nós, estrangeiro. Vem participar de nossa mesa.

Conduziu Ulisses até o lugar de honra, à sua direita. A cadeira estava ocupada por Laodamante, o primogênito do rei, que se levantou e cedeu com prazer o lugar ao hóspede.

Foram servidos finas iguarias e vinho e o banquete durou até alta noite, com grande cordialidade. Quando os últimos convivas se levantaram para retirar-se, Alcino lembrou-lhes que, para comemorar a estada do ilustre estrangeiro na terra de Feácia, deviam ser organizados programas de entretenimento e jogos no pátio do Palácio da Assembleia. Urgia apressar os preparativos para que o hóspede pudesse assistir a eles antes de reiniciar a viagem de volta para casa. Era desejo seu que levasse grata recordação da acolhida no país dos feaces.

As palavras do rei encontraram grande receptividade. Um por um foram-se despedindo e ao deixar o palácio levavam os planos para os festejos do dia seguinte.

Os cinco irmãos de Nausica também se retiraram para seus aposentos, deixando Ulisses a sós com o casal de reis. Os escravos trabalhavam diligentemente, limpando as mesas e recolhendo as sobras do banquete.

Alcino puxou duas cadeiras para junto da lareira, onde a esposa fiava, e sentaram-se os três, em silêncio. Arete foi a primeira a falar. Desde o momento em que vira Ulisses ajoelhar-se a seus pés, reconhecera a túnica que o vestia e, desde então, desejava fazer-lhe algumas perguntas.

– Estrangeiro – falou –, quem és e de onde vens? Dizes que vieste por mar. Conta-me então onde conseguiste a túnica que usas.

– Amável rainha, procedo da ilha Ogígia, onde passei sete longos anos prisioneiro da ninfa Calipso, a quem pertence aquela terra. Terminado esse tempo, construí com minhas próprias mãos rude jangada e empreendi a arriscada viagem de volta. Naveguei dezessete dias, até que se esfacelou a embarcação. Lutei contra as ondas dois dias e, finalmente, ontem, fui atirado nas praias de tua terra, próximo à foz do rio. Adormeci oculto num arvoredo. Fui acordado por rumor de vozes. Eram sua filha e as servas que brincavam. Aproximei-me e lhe pedi vestimentas para cobrir-me. Ela retirou, dentre a roupa que tinham levado, a túnica e capa que estou usando. Depois, perguntei-lhe onde podia encontrar a cidade. Seguindo seu carro, juntamente com as servas, atravessei a estrada que leva ao rio e cheguei às portas do muro. Ali deixou-me. Antes, porém, assegurou-me que em casa de seus pais eu encontraria hospitalidade.

– Minha filha falou acertadamente – disse Arete. Sem dúvida és muito bem-vindo a nosso palácio.

Alcino, que ouvira em silêncio o diálogo, completou as palavras da esposa:

– Não leves em conta as atitudes de Nausica. É ainda jovem e inexperiente. Era seu dever conduzir-te até nossa presença e narrar-nos seu encontro contigo. Fez mal, abandonando-te à entrada da cidade e obrigando-te a caminhar por ruas desconhecidas e a chegar só a nossa casa para pedir auxílio.

Ulisses compreendeu que o gesto de Nausica não agradara ao pai e apressou-se em remediar a situação.

– Não deveis censurá-la, rei Alcino, pois só a mim cabe a responsabilidade desse gesto. Na verdade, ela insistiu comigo para que a acompanhasse até aqui. Preferi, porém, esperar, um pouco, à sombra dos álamos, pois temi não aprovásseis o nosso passeio, juntos, pela cidade. Eu não vos conhecia e procurei ser prudente, pois há chefes de família que se irritam quando veem as filhas na companhia de estranhos. Ademais, julguei que poderíeis pensar que me aproveitava da ingenuidade de vossa filha.

Com essa mentira, Ulisses conseguiu acalmar Alcino, que sorriu satisfeito ao ver que o estrangeiro era homem de bom-senso e por verificar que a filha tivera a delicadeza de permitir ao hóspede completa liberdade nas suas decisões. Sorrindo, falou:

– Podes verificar agora que não pertenço à categoria de homens irritadiços. Acredito que as explosões de mau gênio devem ser evitadas. Ao julgar uma atitude, levo em conta as características pessoais de quem a praticou e as situações que a promoveram. Não me prendo a padrões predeterminados. Alegro-me por reconhecer em ti qualidades de nobre criatura. És realmente o homem a quem daria com prazer minha filha em

casamento. Se quisesses permanecer entre nós e tomá-la por esposa, tornar-te-ias membro da família com direito a propriedades e bens.

Por alguns instantes, Ulisses permaneceu calado, imaginando meio de recusar a gentil oferecimento, sem ser indelicado. Alcino, percebendo sua hesitação, continuou.

– Se preferes retornar à tua terra, ponho à disposição um dos meus navios. Terás tripulação completa para o manejo dos remos. Nós, os feaces, somos amantes da arte da navegação e nenhum povo pode competir conosco nesse setor. Desde tenra idade, nossos rapazes são treinados para tornar-se bons marinheiros.

Estas palavras deixaram Ulisses tão feliz que mal pôde pronunciar um agradecimento. Finalmente, via suas provações chegar ao fim e seu coração enchia-se de alegria.

– Possa vossa bondade ser recompensada – disse ele a Alcino.

Como a noite avançava, retiraram-se para dormir. Desde que deixara Ogígia, Ulisses não tinha o conforto de uma cama. Regiamente instalado no quarto, junto ao saguão, especialmente destinado aos hóspedes, adormeceu.



REI ALCINO E OS FEACES

No dia seguinte, pela manhã, os feaces reuniram-se no local da assembleia, como tinham combinado. Rei Alcino compareceu, trazendo Ulisses a seu lado e, aproveitando a presença de todos, contou-lhes como seu hóspede alcançara as praias da terra de Feácia. Falou-lhes também da promessa que fizera de facilitar-lhe a viagem de volta à sua casa.

– Ide – ordenou aos homens –, juntai duzentos e cinquenta entre os melhores remadores. Preparai o navio mais veloz de nossa armada e aprestai-vos para que o desconhecido que nos visita possa em breve concluir sua viagem.

Ouvindo a ordem do rei, alguns homens retiraram-se para tomar tais providências. Os outros foram-se dirigindo para o palácio real, onde estava preparado grande banquete em honra de Ulisses. Havia abundância de alimentos e vinho e à mesa conversavam animadamente, enquanto se regalavam com finas iguarias. Quando o almoço chegava ao fim, rei Alcino ordenou que buscassem Demódoco, poeta e cantor de raro talento, para abrilhantar a festa com sua arte. A sua chegada, o rei dirigiu-lhe a palavra:

– Vem, Demódoco, delicia-nos com tua música. Canta alguns dos feitos heroicos que conheces, pois sem teus cantos nossa festa não é completa.

Demódoco era cego e tinha a mais bonita voz em toda a Feácia. Os homens guiaram-no até macia cadeira de alto espaldar. Depois de tirar alguns acordes de sua lira, começou a cantar. Todos calaram-se atentos à sua voz. A canção narrava um episódio da guerra de Troia, durante o longo cerco que os gregos fizeram à cidade. Tratava de contenda entre Aquiles e Ulisses, dois capitães do exército de Agamenon, que assistia com prazer à luta. Estava predito que um desentendimento entre dois aliados seria bom presságio de vitória para seu exército.

Aos feaces, este canto trouxe alegria e entretenimento. Ulisses, porém, ouviu-o com profunda tristeza. Recordava-se de seus dias às portas de Troia, dos companheiros que tombaram por lá, do bravo e jovem Aquiles, sua coragem, seu temperamento impetuoso e o cabelo louro que lhe caía sobre o rosto. Lembrou-se também do último encontro no reino de Plutão, quando fora consultar Terésias. Essas recordações encheram-lhe o espírito de tristeza e ele cobriu o rosto com a capa para ocultar as lágrimas que não pôde conter.

A Alcino, que estava bem próximo, não passou despercebida a emoção de Ulisses. Para evitar que se prolongasse mais, levantou-se e sugeriu que voltassem ao pátio de jogos.

– Conselheiros e amigos, nós nos deliciamos com lauto banquete e brindamos nosso espírito com a fina música de Demódoco. Já é tempo de nos retirarmos para a ágora e darmos início às competições. Mostremos a nosso hóspede quão hábeis são os feaces no arremesso de discos, na corrida e na luta. Assim quando ele voltar à sua pátria, poderá falar da admiração pela destreza de nossos homens.

Uma vez no local dos jogos, Ulisses acompanhou o rei e os anciãos e sentou-se nos lugares nobres da arquibancada de pedra. Os jovens reuniram-se ao longo do pátio de areia prontos para a demonstração de suas habilidades lúdicas. Entre eles, achavam-se três dos filhos de Alcino:

Hálio, Clitônio e Laodamante que, por ser primogênito, era o favorito do pai.

A primeira prova foi de velocidade. Ao sinal de partida, os moços precipitaram-se em desabalada corrida, levantando nuvem de areia. Quando a longa distância foi percorrida, Clitônio, que fora o primeiro a atingir o ponto final, foi declarado o vencedor.

Veio em seguida a luta. Dezenas de pares dirigiram-se para o pátio. Atracaram-se e debateram-se, cada qual procurando atirar a companheiro ao chão. Se um dos contendores caía três vezes, seu adversário era considerado vencedor. Euríalo, jovem de corpo robusto e formas atléticas, distinguiu-se na prova. Derrubou primeiro seu par, em seguida foi eliminando os outros, um por um, até sagrar-se único campeão.

Chegou então a vez dos saltos. Foi feito um risco no chão. Cada concorrente, segurando peso de metal, corria para ganhar impulso e pulava, girando a braço que sustinha o peso. No lugar em que caía, fazia-se marca. A vitória cabia ao que pulasse a maior distância.

A essa prova, seguiu-se o lançamento de discos. Colocados em linha reta, os moços atiravam discos de metal, depois de fazerem um círculo no ar, com o braço, usando toda a sua força.

O pugilato foi o esporte final naquela tarde. Os lutadores usavam luvas de couro de boi e soqueavam até que um caísse por terra. Para alegria do rei Alcino, Laodamante foi vencedor dessa prova, conquistando a vitória com facilidade e elegância.

Os assistentes correram para cumprimentar o rei pelo desempenho brilhante dos filhos e neste momento ocorreu a Laodamante uma ideia, que expôs aos que o rodeavam.

– Vamos convidar o estrangeiro para que participe de nossos jogos. Já não é muito jovem, mas tem excelente aspecto. Por certo, há de querer exercitar os músculos e demonstrar sua força.

Euríalo, o forte rapaz que vencera as lutas, ouviu essas palavras e imediatamente replicou:

– Feliz ideia a tua. Vai ao encontro dele e transmite o convite.

Laodamante dirigiu-se a Ulisses e falou cortesmente:

– Estrangeiro, não sabemos se és dado à prática dos jogos ou se algum de nós te pode exceder em destreza. Entretanto, instamos contigo para que venhas participar de nossas provas. Qualquer um de nós terá prazer em medir-se contigo. Sei que em teu coração só abrigas o desejo de viajar para tua terra, mas algumas horas que percas pouca diferença farão.

Ulisses ouviu com um sorriso o convite do jovem príncipe e retrucou com voz bem-humorada:

– Espero que minha recusa ao teu desafio não te faças rir. Não fossem os longos anos de privações por que passei e que enfraqueceram meus membros, aceitaria de bom grado. Hoje, porém, só anseio por retornar ao meu lar e na minha mente não há quaisquer ideias de contendidas.

O jovem aceitou polidamente as escusas do hóspede e já se dispunha a retirar-se, quando Euríalo, que o seguira, ouvindo as palavras de Ulisses, sorriu com arrogância e falou:

– Estrangeiro, fomos tolos em insistir contigo para tomar parte nos jogos, pois não me parece teres prática habilidade para competir nessas provas masculinas. Teu aspecto mais se assemelha ao de um mercador, que vai de porto em porto, negociando e apressando os marinheiros no mar para conseguir bom resultado nos negócios.

Ouvindo tais palavras, Ulisses encheu-se de cólera.

– Ouve, jovem feace – disse. Não se pode julgar um homem considerando-se apenas seu aspecto físico. A muito poucos os deuses concedem todas as qualidades. Um homem pode ser pobre e de triste aparência, porém, ao abrir a boca, poderá encantar a todos com a sabedoria de suas palavras. Suas ideias convencem os homens e persuadem toda uma Assembleia de anciãos ilustres. Ao contrário, certos jovens assemelham-se a deuses imortais pelo seu garboso porte, porém suas palavras demonstram a veleidade de seu juízo e a futilidade de suas ideias. Este sem dúvida é teu caso. És belo rapaz, ninguém o pode negar, mas é pobre tua sabedoria. Crê que, no vigor de minha juventude, ninguém se me igualava em valor e habilidade. Agora, meu corpo já não tem a resistência de antes, mas como me desafiaste com tua descortesia disponho-me a provar a veracidade do que digo.

De um salto, Ulisses levantou-se e dirigiu-se para o lugar onde estavam os discos. Afastou para um lado a capa, que lhe tolhia os movimentos, e escolheu o disco mais pesado, que ninguém ousara pegar. Apesar de a vestimenta tolher-lhe um pouco, girando o braço, atirou-o. o disco foi cair bem adiante dos que tinham sido jogados anteriormente.

Um murmúrio de admiração correu pela assistência. Ulisses, mais calmo, procurou Euríalo entre os outros e disse-lhe:

– Vem, agora, e procura superar-me no arremesso de disco. Ou se preferes a luta, o pugilato ou a corrida, escolhe, e estarei pronto para medir-me contigo. A mim não assusta qualquer espécie de competição, pois sou ágil na prática de todas elas. Sou também denodado no combate. Posso vergar um arco e atirar uma lança à distância que poucos homens alcançam com uma flecha. Somente na corrida, tua juventude te deixará levar vantagem sobre mim. A agilidade das pernas é coisa que se vai perdendo com o passar dos anos. Mesmo assim, estou pronto a concorrer contigo ou com qualquer dos jovens que me ouvem.

Ninguém se moveu nem ousou aceitar o desafio. A prova do arremesso foi suficiente para mostrar-lhes que o estrangeiro era insuperável na prática de qualquer jogo, pela habilidade de seus membros e robustez de seus músculos.

Foi Alcino quem primeiro tomou a palavra e o fez com desejo de reconciliação.

– É justo que as palavras insensatas de Euríalo tenham incitado tua zanga. Porém vamos esquecer tudo isso e continuar nosso programa com a cordialidade de amigos. Senta-te a meu lado e assiste às danças que te vamos exhibir. Verás que, se os feaces podem ser superados nos esportes, jamais outro povo poderá sobrepujá-los na arte marítima e na dança. A primeira, em breve poderás verificar, quando subires a bordo do nosso navio.

Resta então apreciares nossos dançarinos, e guardarás, para sempre, a lembrança de um espetáculo inolvidável. Quando reencontrares os teus terás entre tantas outras a narrativa desta maravilhosa festa para contar-lhes.

De bom grado, Ulisses aceitou a convite e tornou a assentar-se ao lado do rei. Os rapazes e meninos foram se preparando para a dança. O cego, Demódoco, guiado por alguém, sentou-se numa cadeira colocada ao centro da pista. Tangeu as sete cordas da lira para verificar se estavam afinadas e finalmente começou a cantar. Tinha expressão de contentamento no rosto enquanto tocava.

A música era alegre e os hábeis pés dos dançarinos moviam-se com agilidade acompanhando o ritmo animado. Demódoco narrava divertido conto sobre o amor entre os imortais. Os personagens eram Marte, poderoso deus da guerra e dos combates, e a encantadora Vénus, deusa da beleza e do amor.

Ulisses observava maravilhado a graça e habilidade dos jovens que dançavam. Jamais vira bailado tão perfeito e ordenado. Sem dúvida, haveria de lembrar-se sempre daquela tarde de festa. Quando terminou a dança, apressou-se em dizer isso a Alcino.

O rei não escondia seu contentamento por ver a admiração do hóspede.

– Isto não é tudo – exclamou.

Chamou seus dois filhos, Laodamante e Hálio, que executavam a dança da bola com perícia jamais vista.

– Nenhum dançarino se lhes pode igualar – disse Alcino com orgulho.

Os dois jovens colocaram-se ao centro, cercados dos outros que batiam palmas marcando o ritmo. Hálio e Laodamante atiravam a bola cor de púrpura a tal altura que a perdiam de vista e tornavam a apanhá-la num salto, pegando-a sempre sem que seus pés tocassem o solo. Pareciam flutuar no ar e seus corpos acompanhavam os movimentos da bola, que nem uma vez caiu no chão. O ruído das palmas, cada vez mais rápidas, crescia sempre até que culminou com estrondoso barulho de apoteose. Era o final da dança.

Ulisses virou-se para seu anfitrião e com sinceridade falou-lhe de seu entusiasmo.

– Na verdade, jamais vi em toda minha acidentada vida espetáculo tão fino e agradável. Crede que não são apenas os melhores na terra de Feácia mais sim em todo o mundo.

Lisonjeado pelas palavras de Ulisses, Alcino levantou-se e dirigiu-se ao povo:

– Amigos e conselheiros, o estrangeiro teve gesto de simpatia elogiando a dança de nossos moços. Mais algum tempo e nos estará deixando para

retornar à sua pátria. Antes que parta, vamos obsequiá-lo com presentes que o façam recordar para sempre este povo. Objetos manufaturados pelos nossos artesãos fá-lo-ão lembrar-se de Feácia.

Toda a assistência concordou com a ideia de Alcino e cada homem mandou buscar em sua casa alguma coisa própria para presentear Ulisses. Euríalo, desejoso de desculpar-se com o visitante, foi o primeiro a chegar trazendo rica espada de bronze, de punho de prata, envolta em bainha esculpida em marfim.

Acercou-se dele e falou:

– Estrangeiro, rogo-te que aceites esta espada como prova de que minhas palavras desrespeitosas e grosseiras foram esquecidas. Que olvides o triste incidente e ao olhares para este presente recordes apenas os votos de felicidade que te desejo.

Ulisses sorriu e tomou a dádiva.

– Tudo que se passou entre nós já foi esquecido, Euríalo, e esta bela espada somente me lembrará um jovem nobre da terra dos feaces, que supera a todos em formosura e destreza nos jogos.

Dizendo isto, dependurou no ombro a alça de couro que se prendia à bainha de marfim.

Um a um os nobres desfilaram em frente de Ulisses, oferecendo-lhe presentes, taças lavradas em ouro e prata, vasos de amálgama de bronze, odres de vinho, túnicas ricamente tecidas, finas vestimentas, cintos de fivelas de prata, broches e alfinetes dourados, joias e muitas outras coisas.

Os servos de Alcino iam carregando tudo para o palácio e colocando em arcas de madeira. O casal de reis acrescentou àqueles presentes outras dádivas que eles próprios ofereceram.

Finalmente, ao cair da tarde, foi programada a última festividade em honra do hóspede. No palácio preparou-se grande banquete para o qual foi convidada multidão que lotou todo o saguão e a grande sala.

Quando Ulisses atravessava os umbrais da porta, avistou, oculta entre as cortinas, a figura de Nausica que o observava. Parou um momento em frente dela e seus olhares cruzaram-se. A moça verificou se ninguém os ouvia e falou com um sorriso.

– Lembra-te de mim algumas vezes, quando voltares para tua terra. Não te esqueças que de todos os feaces fui eu quem primeiro te ajudou.

Ulisses ouviu aquelas palavras gentis e respondeu com sinceridade:

– Com a mesma intensidade com que desejo voltar à pátria, lembrar-me-ei de ti quando estiver lá. Em minha lembrança serás deusa imortal a quem dirigirei orações cada dia de minha vida, pois foste tu que tornaste possível para mim reconquistar a felicidade.

Trocadas estas palavras ligeiras, penetrou no salão. As tochas acesas enchiam a sala de brilho e luz e do exterior podia-se ouvir o barulho das ruidosas vozes dos presentes.

Uma vez mais aquele povo deu provas de sua rara hospitalidade. A cadeira de Ulisses foi colocada à direita do rei. Para ele foram reservadas as mais deliciosas porções das iguarias e os melhores vinhos.

Enquanto ceavam, ocorreu a Ulisses o desejo de ouvir o cego menestrel cantar outros episódios da guerra de Troia. Apesar de trazer-lhe saudades, gostava de ouvir os feitos dos valorosos companheiros. Cortou uma fatia de assado, que fora colocado a sua frente, arrumou-a numa pequena bandeja de prata e ordenou a um dos servos que a entregasse a Demódoco, com seus cumprimentos.

– Dize-lhe – ordenou ao escravo – de minha admiração e respeito para com os poetas e cantores. Para mim são superiores a todos os homens, pois narram os episódios de bravura que, não fossem suas vozes, seriam esquecidos por todos.

Ao aproximar-se o final do festim, Ulisses voltou a dirigir-se ao cantor. Desta vez mandou-lhe perguntar se conhecia todos os fatos ocorridos na guerra de Troia, inclusive o estratagema do cavalo de madeira e a tomada da cidade.

Demódoco, como resposta, tomou sua lira e fez-se silêncio em todo o salão. Os dedos foram retirando acordes e começou sua narrativa. Falou sobre a construção do enorme corcel e a retirada da armada grega que tanto iludiu os troianos. Contou como puseram fogo no acampamento e se afastaram em seus navios e como os troianos arrastaram o cavalo para dentro das muralhas.

"Durante todo um dia – dizia o canto – desde o amanhecer até o pôr do sol, discutiram sobre o melhor destino a dar àquele corcel. A alguns parecia melhor destroçá-lo ali mesmo, pois de seu interior poderia advir malefício. Outros sugeriram que fosse empurrado até a praia e atirado ao mar. Finalmente, prevaleceu a ideia de aceitar o presente, arrastá-lo para junto do Palácio da Assembleia e louvar aos deuses pela vitória. Assim fizeram e, ao anoitecer, os troianos retiraram-se para suas casas, deixando desavisadamente o cavalo no centro da cidade. Então, logo que as sombras da noite cobriram a cidade e a população abandonou-se ao sono, abriu-se o interior do corcel e de lá saíram os guerreiros gregos. Silenciosamente, caminharam pelas ruas e abriram os grandes portões. Caíram depois sobre os troianos adormecidos e combatendo com valor dominaram a cidade e massacraram o inimigo. Muitos são os heróis desse combate, porém o que mais se distinguiu foi Ulisses, rei da ilha de Ítaca, o astuto e denodado guerreiro do exército de Agamenon. Esse homem partira com

Menelau, rei de Esparta, para guerrear contra a cidade de Troia. Graças a ele, Menelau reconquistou a esposa, Helena, que fora roubada por Páris, príncipe troiano. Ulisses, ao deixar o esconderijo no bojo do cavalo de madeira, dirigiu-se para a casa de Deífobo, filho do rei de Troia, onde Helena se hospedava. Ali lutou como um bravo. Venceu os soldados que guardavam a casa e logrou reaver para o amigo a esposa fugitiva.

Demódoco narrava com tanta precisão que Ulisses abandonou-se ao pranto e lágrimas de saudade molhavam-lhe o rosto.

Ao ver tal coisa, Alcino pediu ao cantor que se calasse dizendo:

– A música enche de tristeza o coração de nosso hóspede e não desejo vê-lo sofrer. Enchamos nossas taças com o puro vinho e brindemos em honra do estrangeiro que nos visita pois é a melhor forma de lhe mostrarmos apreço.

Depois, virou-se para Ulisses e continuou:

– Estrangeiro, aproxima-se a hora de partires e contigo levas os melhores votos de viagem segura e feliz chegada em seu lar. Antes que partas, não te agradaria dizer-nos teu nome e o da terra de que provéns? Cedo ou tarde, terás de fazê-lo para que os marinheiros saibam em que direção conduzir o navio. Ao ouvir a narração do menestrel ficaste triste. Acaso pertences ao rol dos que lutaram em Troia? Que triste lembranças o canto te evoca? Perdeste ali algum ente querido? Ou talvez tenhas algum irmão que para lá se dirigiu e não voltou?

– Rei Alcino, – respondeu Ulisses – acertaste ao dizer que tristezas não têm lugar em festas e banquetes. Ao bom vinho e às finas iguarias não se podem misturar lágrimas. Porém pediste que mostrasse minha identidade. És meu anfitrião e aqui logrei receber acolhida jamais encontrada noutra parte. Perguntas meu nome. Respondo-te que sou Ulisses, rei de Ítaca, o mesmo Ulisses de que ouviste os feitos pela voz de Demódoco. Ítaca é

apenas uma pequena ilha, porém é meu lar e é cara para mim. Não possui largos campos e seu relevo é escarpado e montanhoso. Não temos estrada e só possuímos gado montanhês. Porém é berço de homens robustos e valentes e, acima de tudo, meus amigos. amo-a porque é minha pátria.

Feitas tais revelações, Ulisses prosseguiu, contando-lhes uma por uma todas as aventuras da acidentada viagem. Falou-lhes dos comedores de lótus, dos ciclopes, de Polifemo, dos cruéis lestrigões e da morada de Circe. Contou-lhes como viajara até o reino de Plutão, d ‘escreveu-lhes o canto das sereias e o perigo do estreito onde habitam Cila e Caribdes. Com grande dor falou da desobediência de seus homens que desrespeitaram os rebanhos sagrados e explicou como tinham perecido no mar.

– Finalmente, meus amigos – continuou –, permaneci sete anos preso na ilha de Ogígia, onde vive a ninfa Calipso. Lancei-me depois ao mar numa jangada construída por mim. As fortes vagas destruíram minha embarcação e atiraram-me às margens da foz de um rio em vossa bendita terra. Espero ter encontrado aqui o término de minhas provações.

Os feaces ouviram atentamente a narração de Ulisses. Em silêncio observaram-no, maravilhados por ter diante de si um homem que enfrentara com coragem tantos perigos.

Ulisses falou durante várias horas e, ao terminar, Alcino dirigiu-se aos súditos lembrando-lhes ser hora de se recolherem. Recomendou ainda que viessem ao romper eia manhã despedir-se do ilustre hóspede. Para homenageá-lo, uma vez mais, agora que conheciam sua identidade, sugeriu que trouxessem novos presentes.

Todos concordaram e foram-se retirando, comentando ainda os feitos que tinham acabado de ouvir.

Ao amanhecer, chegaram ao palácio outras dádivas, joias de rica lavra, taças e vasos cravejados com pedras preciosas. Novamente, tudo foi

empacotado e transportado para o navio que ia conduzir Ulisses até sua casa. Na proa, estenderam tapetes onde ele pudesse descansar durante a tediosa viagem.

Os remadores manejavam os remos com perícia e Ulisses dormia calmamente. Viajaram um dia e uma noite e ao alvorecer do segundo dia avistaram as costas da ilha.

Ulisses estava adormecido e não o quiseram acordar. Aportaram e levaram-no para a praia onde, recostado sobre a areia e protegido por grossas capas, continuou seu sono. Em volta dele foram colocados os presentes. Em seguida retomaram o navio e foram-se afastando vagarosamente.

Porém, Netuno, o senhor dos mares, viu-os reconduzir Ulisses são e salvo à sua terra e encheu-se de rancor. Esperou até que o navio se aproximasse da terra de Feácia e, estendendo a mão por sobre a quilha, transformou-o em escuro rochedo. Do continente, os homens podiam ver aquela estranha rocha, semelhante a um navio.



MINERVA EM ÍTACA

Durante os dias em que Ulisses navegava na jangada em busca de terras, depois de sua partida de Ogígia, Minerva, a mais sábia das deusas, deixou as alturas do Olimpo e dirigiu-se para a ilha de Ítaca. Disfarçada sob a forma de viajante de meia-idade, encaminhou-se para a casa de Ulisses.

Construída com blocos de pedra escura, a casa era tão simples que não seria reconhecida como residência do rei, se não fosse a melhor construção da cidade. A sua frente havia largo pátio fechado por muro onde se abriam dois portões de madeira. O pátio estava dividido em currais e estábulos para o gado trazido das fazendas e canis para os cães de caça. A um lado, gansos de garboso porte bicavam grãos de milho e de trigo e bebericavam água em uma gamela, suspendendo as cabeças para o alto. Junto às paredes da casa, empilhavam-se achas de lenha e gravetas. Uma fonte protegida da poeira por ser coberta de capim ficava ao centro.

A casa tinha alpendre, sustentado por colunas, tão amplo que era usado para reuniões e conversas. Transpondo as portas de brilhante madeira, entrava-se num vestíbulo que se abria num saguão, onde hóspedes e estrangeiros recebiam pousada. O telhado era sustentado por duas fileiras de colunas que partiam do saguão. Ao centro estava colocado a lareira. Numa das paredes laterais abria-se uma porta, que dava para um corredor, que conduzia até a despensa. Do lado oposto, outro corredor

levava até os demais quartos da casa, que se ligavam por escadas até os aposentos da rainha Penélope.

Minerva chegou ao portão da casa, no momento em que começava a ser servido o jantar. Esperou ali até que sua presença fosse percebida.

Sentada no alpendre, viu um grupo de rapazes que, esperando a hora da refeição, conversavam indolentemente. Alguns jogavam damas, outros brincavam com dados. A um canto, um jovem observava-os calado, com olhar de desaprovação. Era Telêmaco, o filho que Ulisses deixara recém-nascido, dezanove anos atrás, e que se transformara em rapaz esguio e elegante, em tudo semelhante ao pai.

Telêmaco estava recostado numa coluna e, no momento em que levantou os olhos avistou junto ao portão o viajante desconhecido. Sua face trazia sinais dos desconfortos das viagens debaixo de sol e chuva. Trazia capa que pendia dos ombros, envolvendo-lhe todo o corpo, e apoiava-se numa lança.

Ao vê-lo, o moço convenceu-se de que era uma vergonha deixar um hóspede esperando, sem que ninguém o atendesse.

“Enquanto tivermos alimento para oferecer a todos que nos visitam, esta casa não negará hospitalidade a ninguém. Nossas portas estão abertas mesmo na ausência do chefe da família.

Pensando assim, correu até o portão e foi-se encontrar com Minerva, que se disfarçara de viajante.

– Saudações, estrangeiro! – disse Telêmaco. Sê bem-vindo! Atravessa esta porta e vem participar de nossa mesa.

Conduziu Minerva através do pátio. Passaram junto aos homens que conversavam no alpendre, atravessaram o vestíbulo e penetraram no

grande salão. Ali Telêmaco tomou das mãos do hóspede a lança e recostou-a na parede junto com outras pertencentes ao pai.

Os servos ocupavam-se nos últimos preparativos para jantar. Colocavam mesas e cadeiras e despejavam nas pesadas taças de prata o fino vinho que traziam nos vasos de porcelana.

Telêmaco chamou um dos criados e ordenou-lhe que os servisse à parte, num canto da sala, pois o barulho dos outros talvez desagradasse ao hóspede.

Trouxeram vinho e alimento para servi-lo e Telêmaco falou:

– Daqui a pouco a sala estará cheia do ruído das vozes dos jovens que viste lá fora. Um homem de meia idade como tu, certamente prefere cear em calma, longe da agitação dos rapazes.

– És bastante ajuizado e te agradeço – respondeu-lhe a deusa, enquanto tomava assento.

Telêmaco sentou-se junto dela e jantaram.

Minerva observava com prazer as maneiras cavalheirescas do filho de Ulisses. Por sua vez, Telêmaco procurava meio de indagar a estrangeiro se sabia alguma notícia de seu pai.

Terminavam a refeição, quando a sala foi invadida pela multidão de rapazes, precedida por Medonte, o arauto da casa de Ulisses. Vinham rindo e conversando, e aos que já estavam no alpendre tinha-se juntado o grupo que viera da cidade. Ao todo perfaziam o total de cem homens.

Sentaram-se displicentemente à mesa e nem para comer diminuía a algazarra. Gritavam de um extremo para o outro as últimas novidades da cidade e os acontecimentos do dia. Fêmio, o menestrel, entoava canções, mas não era ouvido, tal a balbúrdia que reinava no salão.

Telêmaco, sentado junto ao estrangeiro, observava-os tristemente. Por fim não conteve mais sua indignação e queixou-se:

– Eles servem-se da casa alheia como se estivessem nos próprios lares. Emborcam o vinho e devoram o alimento sem maiores considerações para com os donos da casa. Como gostaria de ver de volta o chefe da família, pois ele haveria de expulsá-los, um por um.

Recobrou depois a serenidade e desculpou-se com o hóspede.

– Não devo aborrecer-te com minhas queixas. Antes dize-me teu nome e o de teu país, para que possamos conversar.

– Meu nome é Mentos – exclamou Minerva – e sou chefe dos tálios. Meus negócios trouxeram-me até as proximidades de Ítaca e ocorreu-me a ideia de visitar meu velho amigo Ulisses, pois desejava reencontrá-lo saudável e próspero. Creio que tomei o caminho certo. Reconheço a casa e nos teus traços vejo que deves ser seu filho. Acaso me engano?

– Realmente, sou filho de Ulisses, o mais desditoso entre todos os gregos. Dos que partiram para a guerra de Troia, ele é o único desaparecido. Não retornou à sua casa nem tampouco foi visto tombar nos gloriosos campos de batalha. Já faz dez anos que a cidade foi capturada e minha mãe e eu não temos quaisquer notícias de meu pai. Não sabemos se está vivo ou se pereceu em alguma terra distante.

– O que me dizes deixa-me triste. Lamento-o por ti e por Ulisses, meu grande amigo. Porém, lembrando-me da coragem e nobreza de teu pai, posso afirmar-te com certeza que, se ainda estiver vivo, conseguirá retornar a seu lar. Dize-me agora a razão deste festim. Por que essa multidão se amontoa em casa de Ulisses, durante sua ausência? Acaso estão celebrando a cerimônia do casamento de um deles? Ou estarão festejando importante data? Todos esses são teus convidados?

Minerva fez tais perguntas para experimentar o rapaz, pois conhecia de sobra a verdade. Telêmaco apressou-se em responder-lhe.

– Esses homens que vês não estão festejando casamento, embora seja este seu desejo. Não foram convidados por mim. São intrusos dentro desta casa. Esgotam nossas provisões e dissipam os bens de meu pai. Aproveitam-se do fato de eu ser apenas um jovem recém-saído da infância e não acatam minhas palavras nem obedecem minhas ordens. Jamais concordarão em retornar a suas casas, a não ser que minha mãe decida por um deles. Pois deves perceber que todos são pretendentes que desejam casar-se com ela. São jovens nobres, solteiros vindos de todo o país e até mesmo das ilhas vizinhas. Procedem de Dulíquio, de Same e da arborizada Zacinto e, embora não tenham certeza da morte de meu pai, consideram minha mãe viúva e a cortejam. Ela é ainda jovem e bela e é grande sua fama de prudência e virtude, por isto todo homem deseja recebê-la por esposa. Nós dois ainda temos esperança de ver de volta meu extremado pai. Penélope passa seus dias trancada em casa, esperando e desejando a volta do marido e recusa-se a aceitar qualquer dos pretendentes. Como não se decide, não arredam pé de nossa casa, pois querem estar presentes, quando ela desistir de esperar por meu pai. Ademais, agrada-lhes a vida indolente que levam aqui. Desfrutam de nossa mesa e dão ordens aos servos como zombam de mim, dizendo que deveria dar-me por satisfeito, tendo mãe tão bela a quem todos desejam por esposa.

– Na verdade é desesperadora tua situação, meu jovem, e isso muito me entristece. Porém, deves ter confiança, pois teu pai há de retornar e nesse dia todos os intrusos receberão o castigo que merecem. Envergonho-me só de pensar que em Ítaca e nas ilhas vizinhas haja homens capazes de ter comportamentos tão indecorosos.

Telêmaco suspirou tristemente e retrucou:

– Agradeço tuas palavras de simpatia. Porém não posso permanecer inativo, esperando a volta de meu pai. Talvez aconteça que ele jamais retorne.

Minerva colocou carinhosamente a mão sobre o ombro do rapaz, dizendo-lhe:

– Sou bem mais velho e mais vivido que tu. Permite, pois, que te dê um conselho e aceita-o mesmo sendo de um estrangeiro. Mostra que és realmente filho de Ulisses, seguindo-lhe os passos na virtude e na coragem. Não permaneças em casa. Vá amanhã ao Palácio da Assembleia e, em presença dos conselheiros e anciãos, exponha teu problema. Conta-lhes como os pretendentes de tua mãe dissipam teus bens e abusam de tua casa. Quando tiveres a adesão daqueles anciãos sábios e ilustres, volta a exortar os homens para que abandonem teu lar e aguardem pacientemente em suas próprias casas a decisão de Penélope.

Os olhos de Telêmaco brilharam de entusiasmo e cerrou com força as mãos. Depois de alguns instantes, falou:

– Nobre Mentos, agirei exatamente como sugeriste. Depois de falar com os anciãos, os homens atacam minhas palavras.

– Mas não é só – continuou Minerva. Prepara um pequeno navio de vinte remos e navega até Pilos, no sul, onde reina o bom e justo Nestor. Vai colher notícias com ele, pois lutou junto com teu pai em Troia, e lá estava seu filho. Talvez possam dizer-te onde Ulisses foi visto pela última vez desde que saiu de Troia. De Pilos, toma uma carruagem ligeira, que te leve em dois dias de viagem até Esparta. Lá encontrarás o rei Menelau e sua esposa, a rainha Helena, que foi a causa da guerra. Eles terão notícias para ti.

– Farei tudo como dizes – falou o moço – e talvez consiga alguma informação útil.

– Não te arrependerás por isso. Nada tens a perder. Se acaso ouvires dizer que teu pai está morto, pelo menos terás certeza em lugar de dúvida que te atormenta. Se nada conseguires saber, ainda assim terás o consolo de teres feito o que estava a teu alcance. Voltarás então para esperar com paciência, por mais algum tempo, a volta de Ulisses. Se dentro de doze meses ele não voltar, considera-o morto e aconselha tua mãe a aceitar um pretendente. Quando se casar, deixar-te-á em posse desta casa e dos bens que te pertencem por herança.

Minerva procurava com estas palavras experimentar Telêmaco. Queria ver se o filho de Ulisses tinha herdado o espírito aventureiro e a bravura do pai.

O moço tinha os olhos brilhantes de entusiasmo, o rosto em fogo e as mãos agitadas. Levantou e aproximou-se do viajante tão rapidamente que atraiu a atenção de dois homens que jantavam na sala. Porém o barulho não lhes permitiu ouvir as palavras de Telêmaco.

– Estrangeiro, sou-te profundamente grato pelos conselhos. Eu os seguirei à risca.

Minerva levantou-se para partir e respondeu:

– Espero que tuas tristezas cheguem ao fim e que em breve possas gozar da companhia de teu valoroso pai. O sol já se esconde no poente e devo reiniciar minha caminhada. Adeus, bravo filho de Ulisses, que a boa sorte te acompanhe nas tuas aventuras.

– Nobre Mentis – replicou Telêmaco –, se quisesses permanecer alguns dias sob este teto, seria grande honra para mim. Recebi de ti conselho e ajuda de que tanto precisava como se fosses meu próprio pai.

Minerva sorriu ao ver a sinceridade dessas palavras. Tomou a mão do rapaz e disse:

– Muito te agradeço, Telêmaco, mas tenho urgência de partir.

– Espera pelo menos até que encontre presente digno para oferecer-te. Nenhum hóspede deve deixar uma casa sem que o anfitrião o brinde com uma dádiva. O que daria a ti em troca de teus sábios conselhos?

– Não procures reter-me por mais tempo, meu rapaz, pois tenho pressa.

Dizendo isto, Minerva desapareceu, deixando Telêmaco perplexo, olhando boquiaberto para o lugar onde ela estivera sentada. Maravilhado, começou a desconfiar que tinha sido visitado por um habitante do Olimpo, pois nenhum mortal tem poder de evadir-se tão misteriosamente.

– Se assim for – pensava –, certamente a sorte voltará a sorrir para esta casa.

Fêmio, o menestrel, ainda cantava. Telêmaco esgueirou-se por entre os pretendentes, arriscando-se a ser interrogado sobre a viajante com quem conversava. Sentou-se à mesa e ficou ouvindo a música.

O menestrel escolhera uma canção sobre o final da guerra de Troia e a volta dos valentes guerreiros. Era tão melodiosa que se fizera silêncio na sala e todos escutavam com atenção.

Um dos servos deixara aberta a porta do corredor que comunicava com os aposentos das mulheres. A voz de Fêmio chegava até o quarto de Penélope, que, sentada entre as aias, a ouvia tristemente.

Fêmio cantava o triunfo dos gregos vitoriosos, e sua partida de Troia para o regresso às suas terras, carregados de despojos e riquezas. Os olhos da fiel esposa de Ulisses enchiam-se de lágrimas ao escutar a canção, que lhe recordava sua triste e infindável espera.

Levantou-se, deixando de lado o tecido que bordava, chamou duas servas para acompanhá-la, desceu as escadas e dirigiu-se ao salão, onde os homens se reuniam. Parou sob o portal, procurando dominar-se e conter

as lágrimas para poder ordenar que cessasse a música que a fazia sofrer. Finalmente, reprimindo os soluços, chamou com voz trêmula o nome do menestrel e pediu-lhe que escolhesse outra canção.

– Fêmio, conheces tantas histórias sob temas diversos. Canta uma delas, se estes senhores não puderem prescindir de música, mas não continues narrando a volta dos gregos, vitoriosos em Troia, para suas casas. Bem sabes que entre eles há um valoroso guerreiro que ainda não regressou e a esposa chora tristemente sua ausência.

O cantor silenciou sua voz e seus dedos abandonaram as cordas da lira. Os homens, surpreendidos pela inesperada aparição de Penélope, olhavam-na com espanto e admiração. Com o rosto envolto num véu, ela continuava junto à porta.

Telêmaco compreendeu que as palavras de sua mãe davam-lhe ensejo de começar a pôr em prática seu plano de afastar os pretendentes. Dirigiu-se a Penélope, dizendo:

– Querida mãe, deixa que Fêmio prossiga o canto. Não lhe cabe a culpa da desgraça que caiu sobre meu pai, pois se não voltou foi pela vontade dos deuses. Ulisses não foi o único a desaparecer na guerra troiana. Muitos outros tiveram a mesma sorte. Portanto, permite que se cante em memória deles. Quando meu pai nos deixou, eu era ainda criança indefesa. Hoje, passados quase vinte anos, já sou homem feito. Volta, pois, para junto do tear e deixa comigo, minha mãe, o encargo de dirigir a casa de Ulisses.

Penélope ouviu com prazer as palavras do filho. Sentia orgulho por vê-lo tão destemido e percebia que Telêmaco já não era criança. Talvez agora seus pretendentes, sentindo a presença de um homem em casa, tivessem atitudes mais respeitadas. Sem qualquer réplica, virou-se e abandonou a

sala, seguida pelas servas. Ia mais tranquila e um pensamento agradável acompanhava-a.

"Possa Telêmaco afirmar-se como homem valoroso tal qual o pai. Esta casa está há muito tempo carecendo de um chefe."

Se Penélope teve reação tão favorável diante do gesto do filho, com seus pretendentes não aconteceu o mesmo. Receberam aquelas palavras com desagrado, trocaram de relance olhares entre si, sacudiram os ombros com arrogância, murmuraram e chegaram a fazer troças. Nenhum, porém, ousou levantar a voz, pois todos temiam que Penélope ouvisse de seus aposentos e não era conveniente aborrecê-la ainda mais. Quando Telêmaco viu a mãe afastar-se da sala, virou-se para os inoportunos hóspedes e falou-lhes claramente.

– Terminemos hoje esta ceia com música, pois amanhã pretendo convocar os habitantes de toda Ítaca, ao átrio da assembleia, para reclamar meus direitos como filho e herdeiro de vosso rei. Em presença de todo o povo, instarei convosco para que retornéis a vossas casas ou procureis hospedagem junto a outras famílias. Há muito permanecéis aqui, dissipando nossos bens, e estou farto do vosso desrespeito e glotonaria. Se sois homens de bem, acatai minhas palavras. Se, depois de ter-vos exortado na assembleia a deixar esta casa, insistirdes em permanecer, possam desgraças e a morte cair sobre vós, ainda que seja sob meu teto.

Os homens quedaram perplexos. Aquela atitude inusitada de Telêmaco deixou-os surpresos. Estavam acostumados a vê-lo tímido e cordato, quieto em seu canto, e consideravam-no criança que não merece atenção nem importância.

Apesar de não terem qualquer intenção de respeitar as ordens de Telêmaco, nenhum deles encontrava resposta, pois sabiam que os direitos

do filho do rei eram legítimos e seu pedido, justo. Finalmente, Antino, filho de um nobre de nome Eupites, que era o mais arrogante de todos, exclamou com voz zombeteira.

– Reconheceste ainda há pouco, Telêmaco, que és recém-saído da infância. Vejo que te tornaste num rapaz gabola, arrotando valentia. Jamais um povo pacífico e bom como o nosso te aceitará para rei.

– Na verdade, Antino – retrucou Telêmaco no mesmo tom. –, eu escolheria para mim destino melhor do que ser rei em Ítaca. Reis são respeitados, bem como suas casas e bens, e quisera eu receber uma parcela desse respeito e deferência.

Parou por uns instantes e continuou em seguida com voz mais áspera:

– Entretanto, parece-me que basta ao rei afastar-se e os súditos esquecem seus deveres e considerações.

Animado pelas palavras que ouvira de Minerva e inspirado pela deusa, Telêmaco continuou a falar com destemor, desafiando os pretendentes de sua mãe, pela primeira vez.

– Quando for provado que Ulisses já não vive, não caberá a ti decidir quem será o novo rei. Mas pelo menos desta casa e dos bens que meu pai ajuntou para mim o senhor serei eu.

Antino recebeu tais palavras com expressão de rancor nos olhos. Já se dispunha a responder, quando Eurímaco se adiantou, com voz mais moderada, porém sarcástica:

– Ninguém pode contestar-te, Telêmaco. Só cabe ao povo decidir pela inspiração dos deuses quem sucederá teu honrado pai. Também teus direitos de herdeiro são intocáveis. Agora que te transformas num homem adulto deves merecer respeito e atenção.

Depois de dizer isso, como Eurímaco suspeitasse que a transformação da atitude de Telêmaco para com os pretendentes da mãe estava ligada à misteriosa visita do estrangeiro, perguntou, procurando dar à pergunta tom de casualidade:

– Mas falemos de coisas mais alegres. Não quero conturbar-te o coração com lembranças de teu pai. Hoje tiveste um hóspede, no jantar. Era homem de aparência distinta e teria sido agradável conversar com ele, mas desapareceu rapidamente. Eu o observava de meu lugar e, num segundo, que afastei o olhar, ele abandonou a sala, sem que pudéssemos perceber sua saída. Acaso trouxe-te quaisquer notícias de Ulisses?

Tomado de surpresa, Telêmaco hesitou um minuto. Porém, recobrando a presença de espírito, que herdara do pai, respondeu calmamente:

– Na verdade, Eurímaco, começo a temer que jamais voltaremos a ter nesta casa a presença de meu pai. Não posso continuar esperando como minha mãe. Quem me dera se estrangeiros trouxessem informações sobre Ulisses. O homem que hospedei hoje era apenas velho amigo de meu pai. Seu nome é Mentos e procede de Tafos.

– De Tafos? – retrucou o outro. Gostaria de ter falado com ele.

Antino, irritado com aquele diálogo, atirou ao chão a taça de ouro, onde acabara de beber, que rolou ruidosamente pela sala. Levantando-se, gritou:

– Basta de falar sobre tolos vindos de Tafos. Dancemos agora. Toma uma lira, Fêmio, e canta música alegre.

Fêmio acatou a ordem. Os homens afastaram mesas e cadeiras e dançaram em toda a sala.

Telêmaco observava-os com o coração cheio de mágoa. Quando não pôde suportar mais aquele espetáculo, virou-se e dirigiu-se para a porta dos fundos, chamando Euricleia, a velha ama que criara Ulisses e o filho.

– Traze-me um archote, Euricleia, e acende a luz em meu quarto. Não permanecerei nem mais um minuto na companhia desses homens sem escrúpulos. Quero afastar-me deles.

A idosa senhora preparou-lhe o quarto e Telêmaco deitou-se. Não adormeceu logo. Ficou pensando nos acontecimentos do dia, na estranha visita que por certo era enviada dos deuses e no discurso que faria na Assembleia, no dia seguinte.

No salão, os pretendentes de Penélope dançaram até altas horas. Quase ao amanhecer retiraram-se. Os que moravam na cidade voltaram para suas casas. Os estrangeiros dirigiram-se às hospedarias.



A ASSEMBLEIA

Quando raiou a manhã, Telêmaco enviou arautos por toda cidade, convocando os nobres e os chefes de família a se reunirem em assembleia. Desde que Ulisses partira, vinte anos atrás, nunca mais o povo voltara a reunir-se. Por isto, os homens receberam com surpresa a proclamação. Dirigiam-se para o local, murmurando e fazendo conjecturas. Para alguns, esta era a primeira vez que participavam de cerimônia assim. Ansioso e excitados trocavam indagações:

– Será assunto de muita importância?

– Certamente, pois há vinte anos os habitantes de Ítaca não eram chamados a reunir-se.

Os mais idosos tomavam serenamente seus lugares e quedavam-se mudos em respeitosa atitude. Quando interpelados, respondiam com leves acenos de cabeça, querendo mostrar sua longa experiência em participar de tais conclaves e o desejo de não se antecipar à abertura da reunião. Se um jovem mais audacioso lhes dirigia palavra, murmuravam:

– Depois, meu filho, depois eu te direi. Calemos agora, pois coisas importantes devem ser primeiro discutidas publicamente.

Nem todos compareciam prazerosamente, Alguns vinham reclamando e manifestaram sua relutância com palavras ásperas:

– Depois de vinte anos, surge de repente uma assembleia de que todos somos obrigados a participar. Eu planejava ontem viajar até minha fazenda para inspecionar o trabalho que o administrador tem feito por lá.

Ou então:

– Meu cunhado está gravemente enfermo na ilha de Zacinto e pretendia ir visitá-lo hoje.

Apesar das reclamações, iam entrando e procurando lugar nos bancos de pedra, que o sol da manhã começava a aquecer. Também os pretendentes de Penélope compareceram e somente eles conheciam a razão daquela assembleia convocada por Telêmaco. Porém permaneciam calados, não respondiam a qualquer pergunta a não ser entre si.

Quando chegou a hora marcada, Telêmaco deixou a casa. Vestia brilhante túnica branca e dos ombros pendia capa escarlate com bordas amarelas terminadas em franja. Seus longos cabelos estavam amarrados. Tinha a espada presa junto ao ombro e nas mãos uma lança. Seus dois cães favoritos o ladeavam. Estava tão elegante e altivo que se o pai o visse teria orgulho em chamá-lo de filho. No íntimo sentia medo e estava ligeiramente assustado. Mas não deixava transparecer esses sentimentos. Seu rosto mantinha-se calmo. Atravessou a multidão, saudando serenamente os anciãos e todo o povo, e tomou seu lugar.

Entre os presentes, aqueles que tinham convivido com Ulisses, olhavam-no e murmuravam:

– Telêmaco transformou-se num esbelto rapaz. Lembra-nos seu pai, quando tinha sua idade. Se nosso rei pudesse vê-lo agora, certamente se sentiria envaidecido.

Quando todos se sentaram houve pesado silêncio. Então, um idoso senhor, trêmulo e encanecido, levantou-se e, como suas fracas pernas não

lhe permitissem dirigir-se ao centro, onde ficava o palanque dos oradores, falou de seu lugar.

– Amigos e concidadãos de Ítaca, esta é a primeira vez que nos reunimos, desde que nosso bondoso rei nos deixou para lutar em Troia, Quem dentre nós convocou esta assembleia e por que o fez? Porventura, há notícias importantes para ser comunicadas? Será que chegou o dia de recebermos a boa-nova do regresso de Ulisses, ou – que me perdoem os deuses – sabermos de sua morte? Seja quem for o responsável pela reunião e tenha quaisquer propósitos que se mostre e exponha o que tem a declarar.

No mesmo instante, Telêmaco levantou-se, encostou a lança na cadeira e, segurando os cães com ambas as mãos, dirigiu-se ao centro e respondeu ao ancião:

– Nobre senhor, quem convocou esta reunião fui eu, o filho de vosso rei. Infelizmente, não o fiz para transmitir-vos notícias do regresso de Ulisses, nem tampouco tenho informações que vos interessem diretamente. Minha razão para esta assembleia, povo de Ítaca, é falar-vos de um problema que só a mim concerne.

Parou alguns instantes e lançou o olhar para toda a assistência e continuou:

– Amigos e cidadãos de Ítaca, escutai minha queixa e dai-me vosso apoio de que tanto preciso nesta hora. Duas grandes desgraças abateram-se sobre mim. A primeira foi ditada pelo destino e contra ele não podemos combater. Meu pai, como sabeis, não retornou de Troia onde foi lutar. Há mais de dez anos, a cidade foi dominada, a guerra terminou e até hoje nada sabemos sobre ele. Ignoro se está vivo ou se pereceu naquelas distantes paragens. A cada raiar de um novo dia, espero sua volta e, quando chega a noite, a dúvida se transforma em desalento e perco as

esperanças de voltar a vê-lo. Isto é suficiente para deixar-me infeliz e nada podemos fazer. Porém há outro infortúnio e este pode ser removido. Amigos, desde que o povo desanimado foi perdendo a esperança de ver Ulisses de volta, minha mãe, Penélope, tem sido assediada por muitos pretendentes, que a desejam por esposa. Parece-me que não há em toda Ítaca e nas ilhas vizinhas qualquer rapaz solteiro que não tenha este desejo. Mas eles não se satisfazem em fazer-lhe corte, como manda a tradição. O certo seria dirigir-se a seu pai, levando-lhe os presentes de boda em intervalos regulares. Quanto às visitas, deviam limitar-se aos cerimoniais e ligeiros encontros em nossa casa. Esses homens, porém, todos os dias reúnem-se na casa de meu pai. Não levam presentes consigo. Sem serem convidados, abusam de nossa mesa e bebem nosso vinho. Dão ordens aos servos, chamam o menestrel para cantar e em tudo se comportam como se estivessem nos próprios lares. Sua presença deixa Penélope embaraçada. Quanto a mim, vivo como intruso, sem merecer deles respeito e ouvido às minhas palavras. Laerte, meu avô, amargurado pela perda de Ulisses e não podendo suportar a insolência desses pretendentes, abandonou a cidade e vive em extrema miséria numa fazenda, além das colinas. Os banquetes diários estão corroendo os bens de meu pai. Nossas provisões rareiam-se, o gado é abatido todos os dias para satisfazer o apetite dos hóspedes intrusos. Têm sede insaciável e já são poucos os odres de vinho que nos restam. Seus hábitos irregulares contagiam os servos e as funções domésticas são negligenciadas. Este não é o modo conveniente de comportar-se para com a esposa ou viúva de um rei. Também para comigo, seu único herdeiro, exijo respeito. Diante de todos os cidadãos de Ítaca, conclamo os pretendentes de minha mãe a abandonar a casa de meu pai e a ter de agora em diante comportamento condizente com sua posição.

Afogado pelas lágrimas que não pôde conter, Telêmaco terminou seu discurso. Os homens que o ouviram compreenderam sua dor e tiveram pena.

Antino, sentado ao lado do nobre Eupites, seu pai, ouviu em silêncio, mas, quando Telêmaco se calou, levantando-se subitamente com o rosto em brasa e as sobrancelhas cerradas. Completamente desordenado começou a gritar:

– Não passas de um mentiroso que quer enlamear o nome dos pretendentes de tua mãe, mas o fizeste para tua própria ruína. Sabes, Telêmaco, que, se permanecemos reunidos em tua casa, não nos cabe a responsabilidade dessa atitude. A única culpada é Penélope, mulher cheia de artimanhas.

Eurímaco, que estava a seu lado, procurou contê-lo puxando-lhe o braço. Mas Antino empurrou-o com brutalidade, sem nem mesmo olhar para ele, e continuou suas palavras insolentes:

– Ela nos tem feito esperar por uma resposta e cada vez arranja pretexto para adiar a escolha de marido, e não o faz honestamente, mas por processos escusas. Por vários anos ludibriou-nos com palavras amáveis e promessas. Cerca de três anos atrás, cansados de esperar, dirigimo-nos para sua casa, a fim de pressioná-la e conseguir pôr termo àquela situação. Recebeu-nos amável e explicou que ainda não fizera a escolha por estar ocupada com sua roca e seu tear. Estava tecendo mortalha para Laerte, pai do rei Ulisses, pois já se aproximava para ele a hora final e homem tão valoroso como Laerte deveria ter mortalha feita especialmente.

– Ele já está bem velho – disse – e não posso retardar o trabalho. Quando chegar ao fim, anunciarei o nome do varão escolhido para meu esposo.

– Como poderia alguém rejeitar tal proposta? – continuou Antino. Todos os pretendentes acertaram continuar a espera, até que a mortalha fosse concluída. De manhã ela ocupava-se em fiar a branca lã e de tarde tecia os fios que fizera. Porém, quando chegava a noite e nos recolhíamos a nossas casas, aproveitando o sono dos criados, deixava sua cama e desfazia todo o trabalho do dia. Assim passaram-se meses após meses e a mortalha continuava inacabada. No quarto, já se amontoavam novelos de lã e o trabalho nunca era concluído. Essa farsa durou até o dia em que uma serva a surpreendeu e contou-nos o ardil da ama. Numa noite, três pretendentes voltaram ocultos pelas trevas e encontraram-na desfazendo o tecido. Cessou então o astucioso plano e finalmente teve de concluir o trabalho. Com tal estratagem, porém, nos fizera esperar mais três anos. Apesar de tudo isso, Telêmaco, ousas acusar-nos!

Parou uns instantes para tomar fôlego e continuou em seguida com voz mais calma:

– Digo-te, Telêmaco, e a todos os homens de Ítaca, que não abandonaremos a casa de Ulisses, até que a rainha Penélope faça sua escolha. Enquanto persistir sua teimosia, permaneceremos em sua casa.

Olhou ao seu redor e, dirigindo-se aos companheiros, exclamou:

– Pretendentes de Penélope, acaso não me dais razão? Não concordais comigo?

Um por um, todos gritaram garantindo-lhe apoio. Satisfeito, voltou-se novamente para Telêmaco e disse:

– Vês agora que a única esperança de te livrares de nós é convenceres tua mãe a decidir-se e casar-se imediatamente.

– Como posso forçar minha mãe, a esposa de um rei, a abandonar sua casa e contrair casamento contra sua vontade? – respondeu Telêmaco.

Penélope amava profundamente o marido e jamais concordará em construir novo lar a não ser que tenha certeza da morte de Ulisses.

Antino sentou-se com indisfarçável impaciência. Trocou algumas palavras com Eurímaco e ambos lançaram olhar raivoso em direção de Telêmaco.

Ao ver isso, o rapaz encheu-se de fúria e sem escolher palavras foi dizendo:

– Adverti a esses homens insolentes que deixassem a casa de meu pai ainda hoje. Se isto não acontecer, eu vos juro que rogarei aos deuses imortais que façam cair sobre eles a desgraça e a morte. Que todos pereçam em castigo ao seu desrespeito.

Estas duras palavras perderam-se no ar sem encontrar resposta. Somente os pretendentes murmuraram alguma coisa e alguns deles gracejavam dizendo:

– Finalmente, o filhote de cão começa a mostrar os dentes.

E riam. Entre os anciãos havia alguns que os ouviram e balançavam a cabeça, dando-lhes sua aprovação.

Nesse momento, duas enormes águias deixaram as alturas do monte Neriton, situado no interior da ilha e, uma ao lado da outra, voavam em direção ao local da Assembleia, em perfeita harmonia, como se mãos invisíveis as guiassem. Chegando ali, começaram a lutar com o temível bico e afiadas garras, ferindo-se, soltando guinchos e espalhando no ar gotas de sangue e penas. Os homens de Ítaca contemplavam horrorizados o espetáculo, temendo que significasse mau presságio, pois jamais tinham visto, antes, coisa igual.

Depois de alguns segundos, as águias continuaram seu voo em direção ao leste, sempre investindo uma contra outra, e seus gritos perderam-se no espaço.

– É um agouro – diziam uns.

– Que poderá significar? – perguntaram outros.

E discutiam sem encontrar explicação para o estranho fato.

Entre eles, havia um nobre ancião, Halitese, famoso pela habilidade em profetizar e interpretar os presságios, bons ou maus. Levantou-se e falou:

– Escutai-me, homens de Ítaca, pois vos poderei explicar o significado do que acabastes de presenciar. O acontecimento traz-nos uma mensagem. Ulisses, nosso rei, em breve estará retornando a esta terra. Quando partiu para Troia, profetizei que vinte anos se passariam desde o final da guerra, até que pudesse voltar a seu lar. Está prestes a escoar esse tempo. Em breve, voltará e com ele a vingança contra aqueles que dissipam seus bens e desrespeitam sua casa. É esta, meus amigos, a explicação da luta das águias no nosso céu. Escutai-me, vós todos, pretendentes da rainha, ou do contrário dia chegará em que vos arrependereis amargamente.

Alguns pretendentes deixaram-se atemorizar, mas Antino, visivelmente irritado, já se dispunha a responder. Porém desta vez Eurímaco adiantou-se-lhe e exclamou com sorriso zombeteiro:

– Vai para casa, nobre senhor, distrair teus netos com tuas histórias fantásticas, pois só eles poderão crer em palavras tão loucas. Em matéria de profecia, declaro-me tão bom quanto tu e não vejo qualquer mau agouro na luta de duas águias. Durante todo o ano, os pássaros cortam este céu e disso não adveio até hoje qualquer desgraça nem milagres. Para tristeza do nosso Telêmaco, temos de admitir que Ulisses está morto e

jamais voltará a Ítaca. Tudo que se disser ao contrário será apenas com intuito de fomentar falsas esperanças e de aproveitar-se da inexperiência do rapaz. Não haverá retorno de Ulisses nem tampouco qualquer vingança. Não procures fomentar o ódio e levantar contra nós o filho de Ulisses.

Depois, virando-se para Telêmaco, disse com voz amigável:

– Esqueçamos a discórdia e vai para casa persuadir tua mãe de que é viúva e, portanto, precisa tomar outro marido. Assim te livrarás de nossa presença, pois esta é a condição que impomos. Já ouviste de Antino e repito agora: não sairemos de lá, até que um de nós seja escolhido. Casar-se com ela é a grande aspiração de cada um e não renunciaremos ao direito de estarmos juntos dela, até que tome sua decisão. Dominando a raiva que sentia, Telêmaco pensou no segundo conselho de Minerva e argumentou calmamente:

– Ouvi-me, pretendentes de minha mãe! Diante de todo o povo, expliquei minha situação e obtive de vós uma resposta. Conheceis meu desejo e conheço vossas intenções. Não falemos mais sobre isso. Quero propor-vos conceder-me um navio para navegar até Pilos, onde reina o sábio rei Nestor, e até o palácio de Menelau, rei de Esparta, onde colherei informações sobre meu pai. Rei Nestor teve um filho que morreu em Troia e Menelau era um dos chefes naquela guerra. Talvez consiga com eles notícias de Ulisses. Se afirmarem que meu pai está vivo, voltarei para continuar a esperançosa e paciente espera. Porém, se parecer claro que está morto, farei erigir-lhe monumento e prestar-lhe honras fúnebres, conforme sua condição de rei. Em seguida, providenciarei para que minha mãe aceite um marido e vá para outra casa.

Dizendo isto, Telêmaco voltou a sentar-se em seu lugar e os cães, abanando as caudas, deitaram a seus pés.

Mentor, grande amigo de Ulisses, levantou-se então e falou:

– Povo de Ítaca, confrange-me o coração ver como um homem é facilmente esquecido. Ulisses foi rei bondoso e justo, sempre preocupado em fazer o bem para seu povo. Hoje, nenhum de nós levantou a voz para proteger seu filho que atinge a idade adulta. Não me refiro aos pretendentes, pois estão cegos pelas virtudes e beleza de Penélope. Mas vosso silêncio, anciãos, é um agravo, pois excetuando o nobre Halitese nenhum de vós ousou condenar ou pelo menos repreender esses jovens pelo seu abuso. Entretanto vosso número excede o deles.

Essas palavras encheram de raiva os pretendentes e um levantou-se, gritando:

– És insolente e insensato, Mentor, e incitas o povo contra nós. Por que haveriam os nobres anciãos de discutir por causa de alimentos e alguns odres de vinho? Além disso é da mesa de Ulisses que participamos e não da tua, logo nada tens a ver com isto. Se ele voltasse como desejas – e dizendo isto sorriu – afinal talvez sua volta não fosse tão feliz como o espera Penélope, pois somos muitos e não poderá lutar contra nós. Quanto a Telêmaco, não nos importa que parta para Pilos, Atenas ou outro lugar que deseje. Será na verdade um prazer livrarmo-nos por alguns dias de sua presença irritante que nos observa continuamente. Talvez fosse bom a ti e a Halitese acompanhá-lo até a praia para desejar-lhe votos de feliz viagem.

Depois, virando-se para os demais assistentes, dissolveu a reunião, dizendo:

– Creio que já tratamos de tudo o que se devia tratar. Podemos, pois, considerar finda esta Assembleia e voltar a nossas casas.

Imediatamente, ele e seus companheiros levantaram-se e saíram em direção à casa de Ulisses para almoçar. Depois deles, o povo também se retirou, tecendo comentários sobre os acontecimentos daquela manhã.

Telêmaco, sozinho, caminhou até a praça. Ajoelhou-se na dourada areia e rogou à imortal Minerva que viesse em seu auxílio. Pediu-lhe que o ajudasse a conseguir o navio, protegesse sua viagem e finalmente fizesse Ulisses voltar são e salvo a sua casa.

Minerva ouviu as súplicas e não tardou em atendê-las.



REI NESTOR

Ao anoitecer, Telêmaco voltou para casa. Depois de ter passado toda a tarde na praça dos jogos, os pretendentes esperavam o jantar conversando no alpendre. Procurou passar despercebido entre eles e refugiar-se em seu quarto, mas Antino segurou-lhe a mão, numa agradável acolhida, e falou sorrindo:

– Eis o nosso orgulhoso orador – e riu. Por que demoraste tanto, Telêmaco?

Abraçou-o cordialmente e continuou:

– Vem, vamos esquecer as palavras duras que trocamos hoje de manhã e continuemos amigos como sempre. As boas iguarias e o vinho nos esperam. Janta conosco e conta como passaste o dia desde que nos separamos ao terminar a Assembleia. Abandona a ideia de deixar-nos e partir para Pilos à procura de notícias de teu pai. Algum dia, não tenho dúvida, os habitantes de Ítaca dar-te-ão um navio com que possas navegar para onde quiseres. Mas até lá permanece aqui conosco gozando das coisas agradáveis da vida em nossa companhia.

Telêmaco empurrou-lhe o braço e respondeu:

– Antino, seria falso de minha parte suportar tua companhia e tuas palavras, demonstrando prazer. Enquanto fui menino, aguentei tua insolência em silêncio, mas já sou homem e para mim basta. Não

continuarei impassível, vendo dissipares meus bens diante de meus olhos. Irei a Pilos e a Esparta consultar o rei Nestor e o rei Menelau, tão logo possa providenciar a viagem. Ninguém me poderá impedir de fazer isto, nem tu ou qualquer um desses homens. Se em Pilos ou Esparta não encontrar notícias que vos obriguem a deixar esta casa, temerosos da vingança implacável de Ulisses, como folhas secas que voam quando sopra o vento, procurarei eu mesmo, na minha volta, os meios de fazer-te correr daqui com teus companheiros. E não descansarei enquanto não o conseguir.

Dizendo isto, deu-lhe as costas e entrou em casa.

Os pretendentes, porém, riam de sua valentia, e troçavam.

– Vai matar-nos a todos, tão valente que é! Outro dizia:

– Quer procurar em Pilos, ou talvez junto à armada espartana, guerreiros que o ajudem a combater os pretendentes de sua mãe.

– Não – troçava outro –, creio que nosso querido Telêmaco vai navegar até muito longe para comprar poderoso veneno que deitará em nosso vinho.

Um pretendente, fingindo seriedade, argumentou:

– Talvez tenha herdado do pai a sina de perecer no mar. Sua viagem de Ítaca a Pilos pode ser a primeira e a última. Será sem dúvida um dia de grande tristeza quando fizermos o sacrifício de dividir seus bens entre nós. O rebanho para uns, os servos para outros e a excelente casa para o que receber Penélope por esposa, que trabalho teremos para fazer tudo isto!

Telêmaco, parado junto à porta, ouviu essas palavras zombeteiras e as risadas que as acompanharam. Envergonhado e triste entrou no saguão e penetrou na enorme despensa onde se guardavam os tesouros do pai.

Chamou Euricleia, que acorreu dos aposentos das mulheres, e fechou-se com ela naquele compartimento.

Ali se amontoavam taças e travessas de prata e de curo, bandejas lavradas em prata, vasos brilhantes para servir vinho, bilhas e utensílios em polido bronze. Pesadas arcas de madeira continham finas vestimentas, cuidadosamente dobradas, que exalavam perfume. Havia lindas túnicas e véus que tinham vestido várias rainhas de Ítaca, cintos de couro e de metal que lhes modelavam a delgada cintura. Em pequenos estojos de marfim ou madeira aninhavam-se variadas joias: broches de preciosas pedras, pulseiras, colares e passadores de ouro para prender os cabelos das mulheres.

Junto à parede, empilhavam-se odres de vinho bem fechados, colocados segundo a data das vindimas. Nos jarros viam-se lindas pinturas de peixes do mar ou desenhos em vermelho vivo. As prateleiras continham frascos de óleo perfumado.

Ao lado do quarto dos tesouros, abria-se o do arsenal. Ali eram guardadas as armas de Ulisses: pesadas lanças e flechas ligeiras. Os escudos estavam amontoados no chão e as espadas cuidadosamente colocadas nas bainhas. A armadura bem polida brilhava. O pesado arco de Ulisses jazia dependurado a um canto onde ele próprio o colocará antes de partir.

Mas Telêmaco não viera ali para apreciar os finos tesouros e armas do pai. Vinha preocupado, arquitetando planos para a viagem. Virou-se para a velha ama e falou:

– Euricleia, enche doze odres com o mais precioso vinho. Poupa apenas aquele que conservas para o grande dia da volta de Ulisses. Acondiciona a branca farinha em sacos de couro. Cobre tudo muito bem e apronta tudo até a noite, pois virei buscá-los. Não digas qualquer palavra sobre isto a

alguém, nem mesmo à minha mãe. Vou partir para Pilos, ao sul, e de lá viajarei para Esparta. Procurarei colher nesses lugares notícias de Ulisses e não posso permitir que alguém me impeça de cumprir meus planos.

Euricleia, ouvindo isto, jogou-se nos braços do rapaz chorando e lamentando-se:

– Pobre criança, que infeliz ideia essa de partires! Viajar sozinho para Esparta! Atravessar meio mundo e talvez jamais voltar à casa novamente! Na tua ausência, esses homens nada mais respeitarão. Por certo, hão de preparar algum plano maléfico para perder-te. O que será então de tua mãe? Não, meu menino, não partas. Por pior que seja tua vida aqui, é preferível do que te lançares ao mar traiçoeiro.

– Não vejas as coisas tão negras, minha ama. Esparta não é longe e em breve estarei de volta. Além disso, os deuses me acompanharão e nada há a temer. Trarei notícias da volta de Ulisses e, ao ouvir isto, os intrusos se apressarão em deixar esta casa.

Dizia isto, para tranquilizar a ama, porém não acreditava muito no sucesso. Depois dos acontecimentos do dia, receava que nem mesmo a presença de Ulisses poderia obrigar aqueles homens a desistir do seu intento.

Euricleia enxugou os olhos e suspirou – Parece-me que ainda ontem eras criança, brincando no meu colo, e vejo-te hoje querendo partir para a terra onde reina o bom Menelau. Mas não devia ficar lamentando, pois já não dás ouvido às minhas palavras.

– Minha boa e querida ama – e Telêmaco abraçou-a com carinho –, não aceito teus conselhos, mas deposito em ti toda confiança. Entre todos os servos te escolhi para ajudar-me. Nem mesmo à minha mãe falei de meus planos. Agora, deves prometer-me que não deixarás que ela saiba da verdade. Deverá ignorar o meu paradeiro, pois não quero que chore e se

preocupe por mim. Deixa-a pensar que parti para encontrar-me com meu avô na fazenda ou que fui inspecionar os trabalhos de Filécio, nosso estancieiro, e ver se o gado está bem. Se depois de doze dias eu não voltar, então poderás dizer-lhe a verdade.

– Penso que achará estranho partires ao encontro de Laerte ou Filécio sem antes dizer-lhe adeus – disse Euricleia, com voz cheia de dúvida.

– Por isso, preciso de tua ajuda. Deves contar-lhe uma história que a convença e a tranquilize. Vai, agora, Euricleia, e promete-me que me ajudarás nesta primeira aventura perigosa de minha vida. Mantém silêncio sobre tudo o que falamos.

A velha ama fez a promessa. Telêmaco deixou-a só, ocupada em separar os odres e encher os sacos de farinha. Trabalhava diligentemente para que tudo estivesse pronto quando o moço viesse procurar.

Calmamente, Telêmaco foi juntar-se aos pretendentes, que já estavam sentados à mesa. Ia tranquilo e sorria como se tivesse esquecido todas as desavenças.

Quando caíram as trevas da noite, esgueirou-se da sala sem que percebessem e, ajudado por Minerva, percorreu toda a cidade. Um cidadão de bons sentimentos, Noemon, alugou-lhe pequeno navio. Minerva, disfarçada sob a forma de Mentor, reuniu um grupo de jovens de espírito aventureiro, que, animados por Peireu, amigo de Telêmaco, concordaram em tripular o navio na viagem para Pilos.

Quando os pretendentes, vencidos pelo sono, deixaram a casa de Ulisses, Telêmaco levou para lá os companheiros. Sem fazer ruído, penetraram no saguão. Euricleia tinha deixado as provisões escondidas embaixo da escada, onde não podiam ser vistas por Penélope, por qualquer dos pretendentes ou pelos criados.

Os jovens apressaram-se em levar tudo para o navio e, terminados os preparativos, iniciaram a viagem, aproveitando a escuridão da noite. Minerva enviou-lhes propícia brisa que foi levando o navio sem que precisassem usar os remos. Telêmaco sentado na proa observava ansioso o horizonte que a alvorada clareava, na expectativa de avistar terra.

Pela manhã, divisaram o litoral de Pilos. A medida que se aproximavam, enxergavam no cais grande multidão. Era dia de festa, feriado em honra de Netuno, o senhor dos mares, e todo o povo viera oferecer sacrifícios em sua homenagem. Havia nove grupos sentados em nove fileiras. Cada grupo tinha cerca de cinco mil homens e imolava um animal em holocausto. O grupo formado pelos nobres tinha rei Nestor à frente. Era um ancião e sua fama de sabedoria e discernimento corria por toda a Grécia. Seu povo respeitava-o profundamente pelo seu juízo e denodo. Quando o exército de Pilos partiu para Troia, rei Nestor, apesar da avançada idade que já tinha, acompanhou-o juntamente com seu filho primogênito. Seus conselhos foram de grande valia para a vitória dos gregos. Porém, ao término da guerra, retornou sozinho, pois o filho Antíloco tombara num dos combates. Seu espírito estava entre os que Ulisses encontrou na morada de Plutão.

Enquanto o navio de Telêmaco se aproximava, os sacrifícios foram concluídos e ao chegar a nau o povo ocupava-se em fazer fogueiras e a revestir o chão com toalhas, preparando seu banquete. Alegrementemente abriam os embrulhos de provisões e destampavam os jarros de vinho. Vestidos com as melhores roupas, vistosas e coloridas, ofereciam espetáculo de alegria aos olhos de Telêmaco, que, da praia, os observava.

Apesar de agradar-lhe a visão daquele alegre povo, o filho de Ulisses sentia-se um pouco amedrontado. Em toda a sua vida de dezenove anos era a primeira vez que visitava pessoa de tanta importância como rei

Nestor. Ignorava como dirigir-lhe a palavra e principalmente acanhava-se de atravessar aquela turba, atraindo olhares, para chegar até o rei.

Felizmente, um dos filhos de Nestor veio em seu auxílio. Pisístrato – como se chamava – tinha observado o navio desde quando não passava de pequena mancha branca no horizonte e, ao vê-lo ancorar e seus tripulantes saltar em terra, apressou-se em receber os estrangeiros e dar-lhes boas-vindas.

Telêmaco recobrou o ânimo ao ver um jovem de sua idade caminhar para ele, sorrindo, e também sorriu para o desconhecido. Pisístrato tomou-lhe a mão e disse cordialmente:

– És bem-vindo em Pilos, estrangeiro. Estamos iniciando nosso festim. Vem juntar-te a nós.

Enquanto conduzia Telêmaco através do povo, ia explicando:

– Sou filho do rei Nestor e asseguro-te que meu pai terá imenso prazer em receber-te, pois nos é muito grata a visita de estrangeiros.

Telêmaco podia verificar a veracidade dessas palavras, pois, à medida que caminhava, recebia saudações e manifestações cordiais dos homens de Pilos. Quando chegou em presença de Nestor, encontrou-o sentado sobre um monte de peles de carneiro, conversando com um dos filhos.

– Meu pai – falou Pisístrato –, eis um estrangeiro que acaba de ancorar seu navio em nossa baía.

Nestor dirigiu ao visitante olhar observador e arguto. Sorriu depois e disse:

– Vem sentar-te a meu lado e aceita nossos alimentos e vinho. Depois conversaremos para que me digas quem és e de que terra procedes.

Foram servidos bolos de cevada e carne assada nas fogueiras. Telêmaco bebeu vinho em taças de ouro trazida do palácio do rei cuidadosamente

envoltas em linho e guardadas em cestas de vime. Brindaram várias vezes pela longa vida e saúde de Nestor e de seus filhos e pelo êxito da viagem do estrangeiro.

Ao terminar o banquete, rei Nestor dirigiu a Telêmaco as seguintes palavras:

– Agora que participaste de nossa mesa, comeste de nossas iguarias e provaste nosso bom vinho, é tempo de indagar teu nome e o de tua pátria. Qual o destino desta viagem? Porventura tua terra é o mar?

– Amável Nestor – respondeu Telêmaco –, não sou pirata do mar, se é isto que pretendeste dizer, pois meu lar é Ítaca. Minha viagem já chegou a seu término, pois foi para encontrar-me contigo, nobre rei, que me lancei ao oceano com alguns companheiros, em pequena nau. Meu nome é Telêmaco, sou o único filho e herdeiro de Ulisses, rei de Ítaca. Mas não estou aqui em missão de representar o povo de minha terra, mas sim para pedir que me ajudes, pois meu coração suporta grande infortúnio. Venho perguntar-te se tens qualquer notícia de meu pai e de seu paradeiro desde que deixou Troia. Estiveste com ele naquela terra e talvez o tenhas visto quando retornava à casa. Outrossim, podes ter ouvido de outros lábios qualquer informação que me devas transmitir. Por certo não ignoras que, apesar de já se passarem dez anos desde o final da guerra, meu pai ainda não voltou para Ítaca. Amável Nestor, se sabes alguma coisa, dize-me, mesmo que sejam tristes notícias. Não temas afligir meu coração, pois prefiro conhecer a verdade, mesmo que seja dura, a continuar nesta terrível dúvida que atormenta a mim e a Penélope, minha querida mãe.

Nestor pousou carinhosamente a mão em seu ombro e respondeu-lhe:

– Deveria ter-te reconhecido desde logo, pois és muito parecido com teu pai. Espero que também em coragem e força te assemelhes a Ulisses.

Parou uns momentos, pensativo, e continuou:

– Ulisses, como eu o lembro, superava a todos com seus sábios conselhos e ardilosos projetos. Tinha sempre ânimo forte e não se deixava abater pelas dificuldades que nos assaltavam. Nos perigos da batalha ou na exaltação da vitória mantinha-se sempre sereno. Foram anos de grandes tristezas os que passamos no cerco de Troia. Ali, pereceram guerreiros ilustres. Sobre o solo troiano, tombou o belo Aquiles, no esplendor de sua juventude, e também Pátroclo, seu amigo. Lá ficou Antíloco, meu bravo filho. Na verdade, Telêmaco, aqueles foram anos infelizes para nós. Porém do número dos que morreram não consta teu pai. Quando a cidade foi vencida e o cerco terminou, ele tomou seus doze navios e iniciou viagem para Ítaca. Nada mais posso dizer-te, pois desde então nenhuma notícia tive de Ulisses. Não partimos juntos, pois, ao final da guerra, surgiu discórdia entre os irmãos Agamenon e Menelau, que dividiu o exército grego. Fui dos que ficaram ao lado de Menelau. Teu pai preferiu esperar para partir com Agamenon. Assim não mais me encontrei com ele, ignoro se pereceu no mar ou se vaga pelo mundo procurando voltar para sua terra. Nestes anos que nos separam daquele tempo tenho ouvido contar muitas coisas sobre companheiros da guerra, porém não ouvi nem leve referência ao paradeiro de Ulisses.

Telêmaco ouviu desanimado aquelas palavras e embora bem pouco lhe pudessem ajudar agradeceu sinceramente a rei Nestor.

– Eu te agradeço, amável Nestor, embora pouco conforto me possam trazer tais informações. Meu coração sofre outra grande dor, pois temo que ao voltar meu pai já não encontre o lar que deixou, os bens que lhe pertencem e os servos que conquistou.

E Telêmaco contou-lhe sobre os pretendentes da mãe, seu desrespeitoso procedimento, a dissipação dos bens de Ulisses e a insolência com que o tratavam.

Nestor ouviu-o solenemente e procurou consolá-lo com palavras amáveis:

– Bem grave e doloroso é o que me contas, pois vejo que na ausência de um rei esquecem-se facilmente do respeito que lhe é devido. Faço ardentes votos que Ulisses possa em breve retornar a sua casa e restabelecer sua autoridade.

– Anseio a cada minuto que isto aconteça – volveu-lhe Telêmaco. Cada dia, porém, vejo diminuída minha esperança no regresso de meu pai. Temo que enquanto o esperamos com ansiedade, seu espírito já não habite seu corpo e seus ossos estejam espalhados por terra estrangeira ou no fundo do mar.

Suspirou tristemente e continuou:

– Não tenho o direito de entristecer uma festa tão alegre com meus problemas. Aqui recebi cordial hospitalidade e quero comportar-me como bom hóspede. Falemos de coisas agradáveis. Conta-me, bom rei, os episódios de bravura e as aventuras dos que lutaram contigo, pois por tua boca poderei conhecer os fatos com tanta fidelidade como se os tivesse presenciado.

Toda a tarde passaram entretidos em ouvir as histórias que Nestor narrava sobre Agamenon, Menelau e outros homens poderosos. Telêmaco ouvia-o atentamente, conhecendo assim um pouco da vida dos companheiros de seu pai.

Ao anoitecer, Nestor olhou para o horizonte, onde o sol já se escondia, tarjando o céu com o vermelho da despedida, e falou:

– Estive longo tempo contando muitas histórias e me ouviste pacientemente e com atenção. Antes que nos levantemos daqui ouve ainda uma coisa: debes voltar o quanto antes para casa, filho, pois tua mãe está desprotegida, à mercê do desrespeito de seus pretendentes. Antes de voltar,

porém, vai até Esparta e conversa com Menelau. Esse rei, antes de retornar à sua terra, terminada a guerra, viajou por muitos países e talvez, em algum deles, tenha ouvido notícia de Ulisses. Se quiseres partir por terra, que é mais seguro, ceder-te-ei de bom grado um carro com ligeiros cavalos e um de meus filhos para servir-te de guia.

Telêmaco aceitou agradecido o oferecimento. Em seguida, tomaram um último copo de vinho e levantaram-se. Em pouco tempo, dobraram as toalhas e guardaram as taças em cestas e caixas para levá-las para casa. Telêmaco despediu-se e dispunha-se a ir ao encontro dos companheiros, para passar a noite a bordo, porém Nestor não lhe permitiu, dizendo:

– Nenhum hóspede deixará de receber pouso em minha casa, enquanto dispusermos de um único tapete que lhe possa servir de cama. Ademais, não permito que o filho de um grande amigo, como Ulisses, contasse em sua terra que rei Nestor negou-lhe pousada e obrigou-o a dormir no navio.

Telêmaco seguiu Nestor e os filhos. Jantaram no palácio, e, vencidos pelo cansaço, recolheram-se para dormir. Para ele foi destinado o quarto de hóspede e Pisístrato também transferiu sua cama para lá, para fazer-lhe companhia.

No dia seguinte, Nestor sacrificou a Minerva uma pura vitela de bem torneados chifres e enfeitada com flores, para que a deusa permitisse a Telêmaco obter êxito na sua viagem. Depois do sacrifício, banquetearam-se todos juntos: Nestor, a família e os jovens gregos.

Terminado o almoço, o rei ordenou a seus filhos que trouxessem a melhor carruagem e nela atrelassem os mais ligeiros cavalos. Colocou-a à disposição de Telêmaco. Depois de despedir-se de Nestor e dos filhos mais velhos, Telêmaco subiu ao carro, acompanhado de Pisístrato, que tomou as rédeas. Com rapidez, foram-se afastando através dos verdes campos, que levavam até Esparta.

Para Telêmaco, era estranha e nova a sensação de viajar num carro e invejava a habilidade de Pisístrato. Em Ítaca, eram raros os cavalos, pois a ilha era montanhosa e os caminhos estreitos e íngremes.

Viajavam durante todo o dia e quando veio a noite foram acolhidos em casa de um bom homem, que os recebeu prazerosamente. Repousaram até o raiar da manhã, quando, então, reiniciaram a viagem. Somente ao entardecer foram surgindo os campos que cercam a cidade, extensos vales onde começavam a brotar o trigo e grandes plantações de cevada, coloridas pelas flores entreabertas. Apressando os cavalos, deixaram os campos para trás e logo surgiu ao longe o teto do grande palácio de Menelau, situando numa das colinas de Esparta.



MENELAU E HELENA

O palácio de Menelau estava em festa. Celebrava-se o noivado de Hermíone, única filha de Menelau e Helena, com Neoptólemo, filho de Aquiles, que lutara bravamente ao lado de Ulisses. Foi durante a guerra que Menelau lhe prometera a mão de sua encantadora filha. Estava agora cumprindo a promessa e dava grandiosa festa, em seu palácio, para as despedidas de Hermíone, que seria levada, com grande escolta, ao país dos hermidões, onde reinava seu noivo.

Para entreter os convidados, Menelau apresentava-lhes boa música e excelente espetáculo de acrobacia e saltos grotescos de dois bufões. O menestrel tocava sua lira e entoava canções próprias dos festejos de noivado. Os bufões acompanhavam a música com cambalhotas, palmas e saltos. Com pernas presas ao pescoço, giravam como rodas, andavam em seguida com os pés para cima ou um pulava nas costas do outro. Os convidados aplaudiam satisfeitos a sua habilidade.

Quando Telêmaco e Pisítrato chegaram, o banquete já tinha começado havia muito. Recebeu-os o mordomo e pediu-lhes que aguardassem no pátio enquanto ia comunicar ao amo sua chegada. Dirigiu-se a Menelau e indagou:

– Que devo fazer com os estrangeiros? Convidá-los a entrar ou mandar que procurem hospitalidade em qualquer outra casa?

Menelau bateu com o punho fechado nos braços da cadeira em que estava sentado e exclamou:

– Por que me fazer tão estúpida pergunta? Jamais negamos pouso a um estrangeiro que nos venha bater à porta. Todos recebem boa acolhida em minha casa. Vai imediatamente e traze-os à minha presença.

O criado apressou-se em cumprir a ordem e Menelau deu uma gargalhada, dizendo:

– Esse pobre deve estar perdendo o juízo. Jamais precisou interromper-me para perguntar tamanha tolice.

Tomou um gole de vinho.

– Esses estrangeiros chegam a tempo de celebrar conosco o noivado de minha filha.

Quando os dois jovens penetraram na sala, Menelau exclamou:

– Vinde, amigos, não poupemos o vinho.

Menelau era homem robusto e alto, de forte voz e sorriso jovial. A barba ruiva já começava a branquear. Sua aparência rude contrastava com o espírito manso e cordial. Recebeu Telêmaco e Pisístrato calorosamente, gritando para eles:

– Sentai-vos, meus jovens, comei, bebei e juntai-vos à nossa alegria. Mais tarde, contar-me-eis quem sois e de onde vindes, pois basta lançar-vos ligeiro olhar para perceber que sois de nobre linhagem. Camponeses não têm filhos tão garbosos e elegantes como vós. Mas vinde, pois há abundância de vinho e alimento nesta casa.

Telêmaco mal podia disfarçar sua admiração pela suntuosidade do palácio. Menelau era rico e poderoso e sua casa o testemunhava. O jovem filho de Ulisses tinha impressão de ter penetrado em habitação de deuses, pois jamais concebera tanta riqueza e magnificência na terra. Vivendo

todo o tempo em Ítaca e nas ilhas vizinhas, onde dominavam severos hábitos de vida, não estava acostumado ao luxo. Embora Ulisses fosse um dos chefes mais respeitados entre os gregos, seu país era apenas pequena, ilha de poucos recursos, que não se podia comparar à grande Esparta com seus férteis vales e colinas verdejantes.

Aturdido e admirado, Telêmaco observava as paredes da sala, revestidas de ouro, prata e bronze, com incrustações de marfim. A rica mobília em nada perdia em beleza e valor para as paredes. Aproximando-se do companheiro, Telêmaco murmurou:

– Vê que luxo e que pompa há aqui. Jamais vi coisa igual em minha vida. Nem mesmo os deuses imortais devem habitar casa tão bela!

Menelau ouviu aquelas palavras e sorriu.

– Aproximai-vos, bons rapazes, e não compareis os meus bens aos dos deuses imortais, pois estão bem longe de merecer esse elogio. O palácio e as riquezas dos deuses são eternos, mas os meus chegarão ao fim e tempo virá em que nada mais restará.

Olhou em volta de si para toda a sala e continuou:

– Embora estejam longe de comparar-se aos bens dos imortais, sei que minha riqueza é contada entre as maiores na terra e é justo que assim seja pois eu a acumulei com meu esforço e viagens pelos quatro cantos da terra. Viajei por regiões distantes onde vivem estranhas criaturas e vi muita coisa curiosa entre outros povos. Entre os egípcios, conheci o uso de ervas medicinais miraculosas. Na Etiópia, encontrei homens de pele negra e – pasmai-vos – na Líbia os cordeirinhos já nascem com chifres e as fêmeas têm três crias por ano. Assim não lhes faltam lã nem leite fresco. Se fosse contar-vos tudo o que tenho visto, teríeis de ouvir-me até o amanhecer.

Bebeu um copo de vinho e suspirou:

– Toda as riquezas que vedes não podem afastar as mágoas que sinto. Eu as daria de bom grado, se pudesse resgatar com elas a vida dos amigos que tombaram em Troia. Não saem de minha lembrança os companheiros que partiram ao meu lado, ajudando-me no combate, e lá ficaram para sempre. Entre eles há um que, sem dúvida, considero o maior entre os guerreiros gregos.

Parou uns instantes e depois continuou pensativo.

– É Ulisses, rei de Ítaca. Não sei se está vivo ou morto, pois passados dez anos, desde o término da guerra, não retornou à casa. Lamento sua perda, pois era meu grande amigo. Entristeço-me por ele e pelos seus: por Laerte, seu velho pai, por Penélope a linda e virtuosa esposa, e também por seu filho, Telêmaco, de quem Ulisses recordava sempre, pois deixara-o recém-nascido. Vede, jovens, que de nada valem as riquezas, quando não podemos remediar a dor de nossos amigos.

Ouvindo falar de Ulisses, Telêmaco não conteve as lágrimas. Virando-se, procurou escondê-las de Menelau, porém foi debalde, pois o rei as viu e ficou intrigado com sua emoção. Não podia atinar com a causa das lágrimas, pois aquele rapaz era muito jovem, não poderia ter conhecido Ulisses e não podia ser um de seus amigos. De repente, olhou fixamente para o rosto de Telêmaco e descobriu ali traços de Ulisses.

"É seu filho – pensou. Como pude deixar de percebê-lo!"

Ficou depois indeciso sem ousar fazer-lhe a pergunta, esperando que o próprio rapaz se identificasse.

"Melhor é esperar – pensou. Não será bom comovê-lo ainda mais. Certamente, aguarda momento oportuno para revelar-me o nome."

Para distrair Telêmaco, começou a falar em assuntos divertidos e conversava com um grupo de homens, quando sua esposa, a rainha Helena, acompanhada por três aias, penetrou na sala. Respondeu

serenamente às saudações dos convivas e foi sentar-se ao lado de Menelau. As servas apressaram-se em entregar-lhe o bastidor onde se prendia seu bordado. Olhou de relance para os dois jovens estrangeiros e imediatamente reconheceu nas feições de Telêmaco os traços de Ulisses.

Por seu lado, Pisístrato e Telêmaco observavam-na atentamente. Aquela era a famosa Helena, considerada a mais bela mulher da terra, cuja leviandade tinha provocado sangrenta guerra. Vinte anos atrás, enamorada do jovem filho de Príamo, partira com ele para Troia, abandonando o marido. Eles sabiam de todas as desgraças que a infidelidade daquela mulher causara, porém, como era muito bela e como sabiam que são os deuses que determinam os destinos das pessoas, não lhe guardavam ressentimentos.

Vendo-a tão formosa, suas ágeis e nêveas mãos cuidando do trabalho, apesar de lamentarem a morte de um irmão e o desaparecimento de um pai, compreendiam que Helena ainda era digna de que se morresse por ela. Os anos nada tinham roubado de sua beleza. Ainda era a mais bela mulher sobre a terra.

Helena, compreendendo que estava sendo observada, retirou da sua prateada cesta de trabalho um novelo de lã, sorriu para os jovens estrangeiros e virou-se para o marido, perguntando:

– Tu os conheces, Menelau? Já te disseram seus nomes?

– Acabaram de chegar e não quis importuná-los com perguntas. Espero que se sirvam de iguarias e vinho e depois talvez sintam-se dispostos a identificar-se.

Helena sorriu e voltou a falar-lhe.

– Jamais vi semelhança maior do que a desse jovem com Ulisses. Creio que é Telêmaco, o filho que Ulisses deixou em tenra idade, quando partiu para Troia contigo.

Satisfeito, por ver que a esposa também tivera a mesma ideia, Menelau retrucou-lhe:

– A mim também ocorreu este pensamento. Tem as maneiras de Ulisses, seu porte e a maneira de olhar. Estou convencido de que é realmente seu filho.

Olhou atentamente para o rosto de Telêmaco, que, ao perceber-se alvo de atenção, corou, sentindo-se inexperiente e tímido diante de pessoas tão ilustres, temeroso de que o olhar do rei significasse desagrado.

Pisístrato, compreendendo a intenção de Menelau e a inibição do amigo, aproximou-se do casal de reis e falou:

– Não vos enganais, caro rei Menelau e nobre rainha, este é realmente Telêmaco, filho de Ulisses e Penélope. Aqui veio para falar-vos, pois está só, em sua casa, com grande responsabilidade, sem ter quem o aconselhe. Quanto a mim, sou filho de Nestor, rei de Pilos.

Meu pai enviou-me como guia de Telêmaco, pois não está familiarizado com os caminhos do continente.

– Meu coração alegra-se por receber nesta casa o filho de Ulisses – respondeu-lhe Menelau. Alegria maior, porém, seria a de reencontrar seu pai. Quando lutávamos juntos em Troia, decidi que, ao término da guerra, quando voltássemos para a Grécia, haveria de dar a Ulisses o governo de uma das cidades de Argos, próxima de Esparta. Ali poderia viver com sua família e seu povo, gozando da companhia dos amigos até o fim dos nossos dias. Quis o destino cruel que isto não acontecesse. Retornei são e salvo à minha pátria, depois de grandes dificuldades, porém a sorte abandonou Ulisses e negou-lhe a alegria de retorno feliz.

Ouvindo estas palavras, os homens encheram-se de tristeza e alguns choravam. Lamentavam a perda de amigos, recordavam-se das desgraças que suportaram ou simplesmente choravam ao lembrar-se da triste

condição do homem que nesse mundo encontra mais tristezas que alegrias.

Pisístrato, percebendo-lhes o estado de espírito, exclamou:

– É justo, rei Menelau, que deploremos a morte dos amigos, pois as lágrimas são o único tributo que podemos pagar aos que faleceram. Mas esta é ocasião de festa. Celebra-se o noivado de vossa filha e não deixemos que nossos corações se deixem abater pelo sofrimento.

– Teu pai é celebre por sua sabedoria – volveu-lhe Menelau – e vejo que segues seu exemplo. Falaste bem, jovem Pisístrato, vamos alegrar-nos, pois esta é ocasião festiva. Enchamos nossos copos com saborosos vinhos e brindemos a vinda de melhores dias.

Helena então lembrou, com a perspicácia que lhe era característica, que a melhor maneira de esquecer as tristezas era ouvir histórias das aventuras dos grandes homens. Menelau concordou com ela e, como conhecia a habilidade da esposa em narrar histórias, pediu-lhe que iniciasse. A sua juntaram-se várias vozes e ela acedeu. Seus olhos ligeiros ora dirigiam-se para o bordado que tinha às mãos, ora para a assistência que a ouvia atentamente. Sua voz era doce e tranquila e tinha um sorriso nos lábios, quando começou:

– Já que esta noite rei Ulisses é de grata lembrança para nossos corações, contar-vos-ei uma história sobre ele, Não conheço todos os seus atos de bravura, pois não estava presente, durante os combates sangrentos, porém sei uma passagem de sua vida que vós, seus companheiros, ignorais. A agudeza de seu raciocínio e os métodos engenhosos que usava para resolver as mais difíceis situações divertiam seu espírito aventureiro. Uma vez, durante o cerco, procuravam meio de conhecer a situação no interior das muralhas de Troia. Ocorreu-lhe então disfarçar-se em mendigo e, com aparência de humilde andarilho, penetrou na cidade.

Ninguém podia perceber debaixo daqueles andrajos os olhos argutos que observavam tudo ao seu redor. Trazia roupas tão velhas, sujas e malcheirosas que não encontrou dificuldades ao atravessar os portões e caminhar pelas estradas em direção à cidade. Pelo caminho, ia colhendo informações preciosas para os gregos. Foi nesta ocasião que me encontrei com ele e, apesar de seus disfarces, reconheci-o. Os troianos somente viam Ulisses a distância, durante os combates em que do alto das muralhas repeliam o ataque dos gregos. Eu, porém, lembrava-me dele, pois certa vez foi hóspede de meu marido neste palácio. Sob pretexto de tratar caridosamente do pobre mendigo, convidei-o a acompanhar-me até o palácio. Ele aceitou prontamente, pois pretendia conseguir informações importantes sobre o rei, por meu intermédio. Chamei-o pelo nome e tentei por inúmeros meios fazer admitir que era Ulisses. Não conseguiria fazê-lo identificar-se. Fiz então solene juramento de que não o trairia revelando aos troianos o nome do suposto mendigo. Só então riu abertamente e declarou: Não quero decepcionar-te, Helena. Realmente sou Ulisses, que conhecestes há tempo. Conversamos longo tempo. Contou-me os planos da armada grega e fez-me numerosas perguntas sobre a situação da defesa em Troia. Respondi a todas elas fielmente, pois era a única mulher entre os troianos que desejava ardentemente ver vitoriosos os adversários. Há muito eu me arrependera de meu gesto impensado e ansiava rever meu lar e Menelau, meu querido esposo

Quando Helena terminou, Menelau tomou a palavra.

– Lembrar-me-ei sempre das façanhas de Ulisses. Conheci guerreiros valorosos e pessoas astutas, porém somente em Ulisses encontrei as virtudes combinadas.

Recordando episódios da vida do amigo, Menelau sorriu.

Telêmaco sentia crescer dentro de si uma onda de orgulho e satisfação. O pai, que jamais vira, estava-lhe sendo mostrado pelas palavras dos que conviveram com ele e por isso o admiravam.

De repente, ocorreu a Menelau outra história interessante sobre Ulisses.

– Quando estávamos ocultos no bojo do cavalo de madeira e os troianos o arrastaram para dentro de suas muralhas, Ulisses salvou-nos com seu raciocínio rápido. Todos nós ansiávamos que viesse a noite para podermos sair. A cada minuto que passava temíamos que os troianos viessem com machados despedaçar o cavalo e matarmos a todos como a crianças indefesas, ou então atirar-lhe fogo e transformar-nos em cinzas. Foi então que o príncipe Deífobo, primogênito do velho rei Príamo, veio do pátio da assembleia e acercou-se do cavalo. Tu, Helena, deves lembrar-te, pois o acompanhavas. Três vezes andaste em volta no enorme corcel e bateste nele com os dedos para verificar se era oco. Escutando as batidas, nossos corações paralisavam-se de susto. Julgávamos que nosso plano estava descoberto. Porém os deuses foram complacentes conosco e somente tu suspeitaste de que havia homens ocultos no interior do cavalo. Para te certificares de que tua suposição não era infundada, começaste a chamar o nome de cada um dos guerreiros gregos, imitando a voz de sua esposa. Ao ouvir tuas súplicas, implorando resposta, os homens julgaram que eram realmente suas mulheres que gritavam e já se preparavam para responder. Somente Ulisses compreendeu que se tratava de ardil. Sussurrando, proibiu-nos de responder. Quando chamaste seu nome e, no interior das paredes de madeira, tua voz ecoou semelhante à da rainha Penélope, que chorava desesperada, pedindo que o marido falasse com ela, Ulisses continuou impassível e mudo. Convencidos de que tinha razão, obedecemos a sua ordem e ninguém levantou a voz. Ao chegar, porém, sua vez, Ânticlo, que era teimoso e obstinado, ouvindo sua esposa chamá-lo, murmurou: És um louco, Ulisses, por não reconheceres o chamado de

Penélope. Estou certo de que é minha mulher que me chama e vou responder-lhe. E realmente teria feito isso, se Ulisses não lhe tivesse agilmente tapado a boca. Conservou-o preso, até que cessou por completo o ruído no exterior. Assim fomos todos salvos, graças a sua prudência.

– Esta é uma história que retrata bem a personalidade de Ulisses – falou Pisístrato. Não pode ser esquecida e deve ser repetida muitas vezes.

Telêmaco ouviu-o e argumentou tristemente:

– Toda a sabedoria e perspicácia de meu pai não o preservaram de sucumbir sob o peso de cruel destino e de nada lhe valeram para que pudesse voltar para Ítaca.

Suspirou amargamente e continuou:

– Permite agora, rei Menelau, que me retire para descansar. Ouvi muita coisa esta noite que me impressionou profundamente e desejo recolher-me à solidão de um quarto para ordenar os pensamentos, antes que o sono feche meus olhos.

Helena imediatamente ordenou que preparassem duas camas no quarto de hóspedes e entregou aos jovens grossas mantas de lã. Menelau suspendeu a reunião e despediu-se dos convivas que se retiraram para suas casas. Logo depois os visitantes foram instalados em seus quartos e deitaram-se nas macias camas.

Apesar do cansaço e da excitação em que Telêmaco se achava, os dois companheiros não puderam furtar-se a tecer longos comentários sobre tudo o que tinham visto no palácio de Menelau. Estavam maravilhados com a riqueza das paredes e dos móveis e a fartura e movimentação da festa. Entretanto, o que mais os fascinara, tiveram de reconhecer, era a formosa Helena, mulher que provocara, com sua beleza, a ruína de um povo.



VELHO HOMEM DO MAR

Telêmaco acordou bem cedo no dia seguinte e ficou na sala sozinho, ocupado com os próprios pensamentos. Menelau, ao vê-lo, veio ao seu encontro e puxou uma cadeira para junto da sua. Sem qualquer preâmbulo, dirigiu-lhe a pergunta:

– Por que vieste até aqui, Telêmaco? Não ousou acreditar que fizeste viagem tão longa para visitar-nos e trazer-nos saudações tuas e de Penélope. Quais são teus propósitos, meu jovem? Dize-me, sem receio.

– Tendes razão, rei Menelau. Aqui vim com a intenção de procurar notícias sobre meu pai. Encontro-me em difícil situação dentro de minha casa, pois pretendentes de minha mãe invadiram nosso palácio e esbanjam os bens de Ulisses. Se essa espera prolongar-se, em breve estarei completamente arruinado.

Contou a Menelau todos os últimos acontecimentos em Ítaca, falou sobre a assembleia e sua fuga em pequeno navio para Pilos e, em seguida, para Atenas. Terminou dizendo:

– Encontrei em vós verdadeiro amigo de meu pai e por isso peço que sejais franco comigo. Se ouvistes qualquer notícia sobre sua morte, dizei-me sem pensar na tristeza que tal revelação me causará. Ou se sabeis que desapareceu no mar em alguma terra distante, nada oculteis de mim. Estou quase desesperado e não posso continuar nesta horrível dúvida.

Quando cessou de falar, Menelau, indignado, exclamou:

– Que infâmia a desses homens que se aproveitam da ausência de Ulisses para desrespeitar-lhe a esposa e dissipar suas riquezas. Fosses tu mais velho e – tenho certeza – nenhum deles ousaria ter tão indecoroso procedimento. É penoso verificar semelhante coisa. Não tardará, porém, o dia de receberem castigo e então não serei eu que lamentarei sua sorte. Quando Ulisses retornar, há de expulsá-los e castigá-los duramente.

– Será dia de infortúnio para eles e de júbilo para nós. Porém temo que jamais venha a acontecer. Por isso vim aqui colher informações sobre Ulisses.

– Eu as daria com prazer se as tivesse, meu filho. Mas também ando procurando saber o paradeiro de teu pai. Desde que deixei Troia, jamais voltei a encontrá-lo. Ele estava entre as chefes gregos que permaneceram com meu irmão Agamenon, por isso não partimos juntos. Somente uma vez ouvi falar de sua partida de Troia. Foi Proteu, o Velho Homem do Mar, quem a relatou para mim.

– O que disse ele? – perguntou Telêmaco avidamente.

– Creio que isto bem pouco te poderá ajudar, porém vou repetir suas palavras. Deixando Troia, meus navios foram encontrar ilha próxima ao litoral egípcio. Ali aportei, esperando brisa forte para levantar âncoras. Demoramos vinte dias lá, sem que surgisse vento mais forte que um sopro de homem. As provisões já se escasseavam e teríamos sucumbido se não fosse a ajuda de Idótea, ninfa do mar, que, vendo minha aflição, surgiu do fundo das águas azuis e veio em meu auxílio. Vi-a caminhando sobre a areia da praia. Trazia o vestido enxuto, apesar de ter acabado de sair do mar, e enfeitava-lhe os cabelos uma coroa de plantas aquáticas. Comparei sua voz à das gaivotas que procuram a segurança do litoral em dias de chuva, quando se dirigiu a mim: "Estrangeiro, por que permaneces nesta

ilha?" _ A Calmaria impede-me de navegar – respondi-lhe. Talvez tenha incorrido no desagrado dos deuses pois negam-me vento para levar-me de volta a casa. Porém, se recebesse tua ajuda, encantadora deusa, pois outra coisa não podes ser, reiniciaria viagem e evitaria que meus homens morressem de fome, perdidos nesta ilha." Respondeu-me, com a mesma voz melodiosa, que tinha tom de misteriosa melancolia: "Sou a ninfa Idótea e meu pai conhece todo o oceano, como qualquer homem conhece os quartos de sua casa. Sou filha de Proteu, o Velho Homem do Mar, que auxilia Netuno nas suas tarefas de presidir os mares. Só ele poderia dizer-te se provocaste a ira dos deuses e o que fazer para salvar-te da morte nesta ilha, pois infelizmente não tenho tal poder. Deves ser esperto e ligeiro para conseguires a informação. Tens de esperar que passe ao seu alcance. Então, agarra-o e não o soltes até que tenha dito tudo que desejas ouvir sobre a possibilidade de tua volta e os acontecimentos em tua casa durante os anos de ausência. Quando preso, Proteu responde a todas as perguntas, porém dificilmente um mortal consegue realizar tal façanha. Vais precisar de muita força, agilidade e do concurso de outros homens."

– Esses conselhos pareceram-me em vão, pois a missão era quase impossível para um mortal. Para prender esse arisco habitante dos mares, era preciso mergulhar nas profundezas das águas e nenhum homem poderia aventurar-se. Desanimado, voltei-me para ela a fim de pedir-lhe proteção: "Ensina-me, bondosa deusa, a maneira de atrair teu pai até meu alcance. Tenho de armar-lhe emboscada, mas, sem tua ajuda, sou impotente para prendê-lo e obrigá-lo a falar, como me aconselhaste." Não hesitou em atender minhas palavras. Imediatamente retrucou: "Todo dia, quando o sol atinge seu ponto mais alto no céu, o Velho Homem do Mar emerge das águas azuis, no meio de bando de focas marinhas, qual pastor entre seu rebanho. Dirige-se para a praia, onde deita em meio aos animais, gozando o calor da tarde. Se queres capturá-lo, esconde-te nas proximidades com três de teus homens e espera que ele chegue. Antes do

repouso, irá contar as focas, uma a uma. Só quando se deitar, deverás aproximar-te e agarrá-lo com todas as forças. Procurará defender-se e escapar. Não te assustes, pois mudará de forma e aparência, e não afrouxes teus dedos. Ele se transformará em animais, em fogo e água, na ânsia de tugar ao teu domínio. Lembra-te, porém, que não podes soltá-lo, por maior que seja o temor que sentires, pois do contrário estarão perdidas todas as tuas esperanças. Quando voltar novamente à sua forma normal, poderás soltá-lo. Faze então as perguntas e te responderá com fidelidade e exatidão." Nada mais disse e mergulhou nas águas do mar. Voltei para a companhia dos homens, pensando no que acabara de ouvir. Na manhã seguinte, Escolhi três entre os homens de minha confiança, que tinham espírito aventureiro, e juntos partimos para o lugar onde na véspera me encontrara com Idótea. Mal chegamos, ela veio juntar-se a nós, trazendo quatro peles de foca. Conduziu-nos ao local onde seu pai costumava dormir e ali, sob sua orientação, cavamos na areia quatro buracos para servir-nos de esconderijo e deitamos dentro deles. Idótea cobriu cada um com as peles trazidas e posso assegurar-te, Telêmaco, que isto foi o maior suplício. As peles de foca tinham cheiro tão forte que nos deixava tontos. Felizmente, a ninfa trouxera consigo a ambrosia, alimento dos deuses. Colocou pequena porção sob nossas narinas e o delicioso perfume encheu nossos sentidos, tornando-os insensíveis a qualquer outro odor. Feito isto, partiu e foi observar-nos de longe. Exatamente ao meio-dia, as focas emergiram do mar e deitaram-se na areia para secar-se ao sol. Tomaram-nos por suas companheiras e dispuseram-se ao nosso redor. Finalmente, apareceu o velho Proteu. Agiu exatamente como Idótea dissera. Primeiro contou os animais e, sem suspeitar da emboscada que lhe fora preparada, contou-nos junto com as outras. Depois, deitou-se também e tão logo percebemos que dormia acercamo-nos dele e o seguramos todos juntos, dando grande grito. Imediatamente acordou, debatendo-se e contorcendo-se para livrar-se de nossas mãos. Ao ver que

era inútil, começou a tomar formas estranhas, exatamente como nos fora avisado. Primeiramente, transformou-se em leão de basta juba e terrível rugido. Em seguida, em enorme serpente que se retorcia, procurando evadir-se. Como foi inútil, tomou forma de leopardo, atacando-nos com dentes agudos e afiadas garras. Depois, virou feroz e resfolegante javali de poderosas presas. O mais difícil foi segurá-lo quando se diluiu sob forma de água, escorrendo pela areia. Se não tivéssemos segurado firmemente algumas gotas na mão, teria conseguido fugir. De repente, transformou-se em alta árvore de largo tronco e viçosos galhos. Abraçados ao tronco, sentíamos que nossos braços se iam arrebentar pois cada vez se tornava mais grosso, e mal podíamos abraçá-lo. Apesar de todos esses estratagemas, não conseguiu vencer-nos e, finalmente, esgotado pelos esforços, voltou à forma primitiva e falou-me: "Sem dúvida foste ajudado por algum imortal, pois do contrário jamais conseguirias reter-me. Dize logo o que desejas de mim." Sem perda de tempo perguntei-lhe tudo o que queria e respondeu-me: "Os deuses estão enraivecidos contigo, pois te esqueceste de oferecer-lhes sacrifícios antes de tua partida de Troia. A não ser que cumpras essa exigência não poderás retornar à tua terra. Deves voltar até o Egito e ali oferecerás os sacrifícios que negligentemente esqueceste. Depois, então, terás vento favorável que te levará em pouco tempo a Esparta." Meu coração encheu-se de tristeza ao ouvir aquelas palavras, pois imagina, Telêmaco, o quanto nos atrasaria a viagem ao Egito. Porém deixei de lado minha decepção e aproveitei-me da presença do Velho Homem do Mar para fazer-lhe outras importantes perguntas sobre meus companheiros. Indaguei-lhe sobre todos os chefes gregos que lutaram comigo, procurando saber se já tinham voltado em paz para seus lares. O Velho Proteu falou-me de vários companheiros que encontraram a morte, durante a viagem para suas terras. Mais tarde, pude confirmar esses fatos. Somente não pude certificar-me se era verdadeiro o que disse acerca de teu pai. Lembro-me ainda de suas palavras: "Ulisses, rei de Ítaca

– disse ele –, está vivo. Escapou à morte no mar apesar de seus navios terem sido esfacelados e seus homens terem perecido. Entre todos os guerreiros de Ítaca que lutaram em Troia, é o único sobrevivente e vive amargurado pelas saudades, prisioneiro na ilha Ogígia onde reina a ninfa Calipso." Depois de ouvi-lo dar notícia tão desanimadora, Telêmaco, não tive coragem de prolongar o diálogo. Deixei-o partir e mergulhou no mar seguido do ruidoso bando de focas. Na manhã seguinte, remamos até o Egito. Oferecemos sacrifícios aos deuses imortais e aplacamos sua ira. Sobreveio então favorável vento que conduziu os navios até as areias das praias de Esparta. Desde então, nada mais ouvi sobre teu pai e não posso assegurar-te que realmente esteja cativo da ninfa Calipso.

Telêmaco ouvira a longa narrativa em silêncio. Quando Menelau terminou, suspirou amargamente. A notícia de que o pai estava vivo alegrou seu coração. Porém sabia que por mais astuto, denodado e prudente que fosse, Ulisses jamais poderia livrar-se do domínio de uma deusa imortal. Disse isso ao seu anfitrião. Menelau pousou a mão sobre seu ombro e retrucou:

– Apesar das grandes dificuldades que Ulisses terá de enfrentar, não deves esmorecer tua esperança, pois um dia teu pai há de retornar. Quanto a ti, gostaria de reter-te longo tempo em meu palácio. Tua presença entre nós é motivo de júbilo. Porém, se preferes voltar, diz-me, pois pretendo ofertar-te presentes antes que partas. Desejo principalmente oferecer-te três dos meus melhores cavalos de pura raça e ligeira carruagem, pois creio que não os tens em Ítaca.

– Rei Menelau, agradeço-te de todo o coração. Embora meu desejo fosse ficar gozando de tua hospitalidade, ouvindo as histórias que contas sobre meu pai, vejo-me obrigado a partir. Meus companheiros aguardam-me impacientemente em Pilos. Ademais, devo apressar-me em devolver a Noemon a nau que me emprestou, pois deve estar precisando dela. Por

isso, não posso retardar minha partida. Agradeço-te comovido os presentes. Quanto aos cavalos não os poderei aceitar. Prefiro que os guardes aqui em Esparta, de extensas e planas pastagens e largas estradas. Ítaca é ilha montanhosa e somente o cabrito-montês adapta-se ao seu solo íngreme e rochoso.

Menelau sorriu diante daquela observação e replicou:

– Não te darei cavalos se assim preferes. Mas encherei o carro de Pisístrato com valiosos presentes que deverás levar como lembrança desta terra e de seu rei. Escolherei com cuidado e só colocarei coisas que te possam ser úteis e proveitosas, mesmo na montanhosa Ítaca.

Olhou para o rapaz e ambos puseram-se a rir.



TELÊMACO VOLTA PARA ÍTACA

No exato momento em que, em Esparta, Menelau e Telêmaco conversavam cordialmente, na longínqua Ítaca os pretendentes de Penélope divertiam-se em competição de arremesso de discos e dardos. Antino e Eurímaco superavam os outros em destreza e habilidade, mostrando assim no jogo a mesma supremacia que tinham em todas as outras coisas.

Estavam distraídos, jogando, quando se aproximou da casa de Ulisses o velho Noemon que emprestara a Telêmaco o navio para ir a Pilos. Estava impaciente com a demora do rapaz, pois precisava do navio para ir até o porto de Élis, no continente, em busca de um animal. Caminhou até a casa e parou no portão. Olhou para o pátio, apesar de saber que não encontraria Telêmaco ali, pois se tivesse voltado teria ido imediatamente procurá-lo para devolver-lhe a embarcação. Não era de seu feitio ser negligente e irresponsável. Avistou Antino entre os homens e caminhou até ele. Depois de saudá-lo, perguntou:

– Podes informar-me, Antino, quando Telêmaco retornará de Pilos? Emprestei-lhe meu navio e agora estou precisando dele, pois desejo ir até minhas fazendas em Élis.

Ao ouvir aquilo, pararam o jogo e olharam perplexos para Noemon.

– É verdade que não o temos visto ultimamente – dizia um.

– Porém pensei que estivesse trancado no quarto, magoado com os últimos acontecimentos – argumentava outro.

– Quanto a mim – murmurou alguém –, julguei que tivesse partido em visita ao avô, ou para suas fazendas, a verificar o trabalho do estancieiro e contar quantas cabeças de gado lhe sobraram.

Antino mal podia dominar sua raiva. Contudo, procurou controlar-se e perguntou amavelmente a Noemon:

– Não sabíamos que nosso anfitrião partira para Pilos. Mas conta-nos os pormenores dessa viagem. Acaso acompanharam-no os escravos ou persuadiu os jovens da cidade a ir com ele? Tu lhe emprestaste o navio, ou forçou-te a entregá-lo contra tua vontade, alegando direitos de filho do rei?

– Por que haveria de negar-lhe o navio? Eu o cedi prazerosamente, feliz por poder ajudar o pobre rapaz que parecia desesperado, suplicando-me com lágrimas nos olhos. Seguiram-no vinte jovens da sua idade que esperavam ansiosos a hora de iniciar a importante aventura.

Antino, de cenho carregado, ouviu-o em silêncio. Suas mãos apertavam fortemente a dardo que segurava e em seu pensamento começavam a formar-se maléficos planos.

– Desde que não me podes ajudar – continuou Noemon – não há razão para que permaneça atrapalhando teu jogo. Vou retirar-me e planejarei minha viagem para outro dia. Estou certo de que tão logo Telêmaco aporte irá procurar-me para avisar que já não precisa do navio. Adeus, nobres pretendentes de nossa rainha. Faço votos que vos divirtais com o jogo.

E Noemon saiu serenamente em direção à cidade. Sem perda de tempo, Eurímaco e Antino reuniram os outros e este último falou:

– Amigos, Telêmaco conseguiu vencer a primeira cartada e realizou a viagem para Pilos.

Parou por instantes, procurando ver a reação a suas palavras. Depois continuou:

– Este é o primeiro golpe dos muitos que planeja contra nós. Para nossa própria defesa é melhor que encontre no mar o mesmo destino de seu pai.

Muitos levantaram a voz, garantindo-lhe apoio. Outros murmuravam:

– Será dia de regozijo para nós. Telêmaco transformou-se em vigia constante de nossos atos. Será muito melhor vivermos sem ele. Ademais, sem a presença animadora do filho e cansada de esperar o marido, Penélope será obrigada a decidir-se por um de nós.

Antino olhou para os companheiros e falou:

– Dai-me um navio e acompanhem-me vinte homens dentre vós. Esperaremos Telêmaco no estreito entre Ítaca e a ilha de Same. Garanto-vos que Telêmaco não retornará para casa.

Todos os pretendentes concordaram com o plano de Antino. Estavam satisfeitos por encontrar maneira simples de acabar com a interferência de Telêmaco em seus assuntos. Trocavam instruções entre si e decidiam quais os vinte escolhidos para acompanhar Antino. Quando entraram em casa para o jantar, porém, não comentaram mais o caso, temerosos de que chegasse aos ouvidos de Penélope.

Foi inútil, porém esse cuidado. Medonte, o arauto da casa de Ulisses, como já não tivesse agilidade para participar dos jogos, tinha-se retirado para junto de uma coluna do alpendre. Sentado ali, presenciara a visita de Noemon e ouvira as palavras de Antino. Assustado com a suprema ousadia daqueles homens, correu para comunicar a Penélope a emboscada que tramavam contra Telêmaco.

Penélope, ajudada pela velha Euricleia, ocupava-se em separar molhos de lã para fiar. A entrada de Medonte levantou os olhos e falou com voz triste:

– Cá estás novamente, enviado pelos meus pretendentes para pedir-me que providencie maiores divertimentos para suas reuniões. Nesses últimos tempos tudo o que fazes é transmitir pedidos de maior quantidade de vinho, alimento e jogos.

– Quisera eu, amável rainha, estar aqui para pedir-te mais alimentos e diversões para esses homens miseráveis. Infelizmente, tais atenções já não os satisfazem. Ouvei tramarem a morte de nosso querido príncipe. Parece-me que Telêmaco partiu para Pilos, em busca de notícias de seu infortunado pai. Teus pretendentes querem armar-lhe emboscada em sua volta.

Penélope olhou-o estarecida sem que a comoção lhe permitisse dizer qualquer coisa. O fiel arauto deixou-a a sós com Euricleia. Penélope, voltando-se para ela, exclamou com um grito de desespero:

– Mulher infiel, por que não vieste contar-me a intenção de meu filho de partir para Pilos? Eu o teria dissuadido dessa loucura. Por tua culpa ele agora corre o risco de perecer nas mãos cruéis desses pretendentes.

– Não julgues os outros, senhora. A ninguém falei da viagem de meu amo Telêmaco porque ele me obrigou a prestar juramento solene de que nada diria até que se passassem doze dias.

– Meu filho partiu ao encontro da morte – murmurou Penélope, entre soluços. Que podemos fazer, duas mulheres indefesas e desprotegidas, para salvar Telêmaco? Vai, Euricleia, e manda chamar o velho Laerte. Talvez ele possa ajudar-nos a impedir esses homens de realizar seu intento.

Euricleia lembrou-se das palavras de Telêmaco: "Creio que os deuses imortais me protegem, boa ama." E procurou consolar a pobre Penélope que chorava amargamente. Abraçou-a carinhosamente e disse:

– Senhora, estou certa de que os deuses imortais protegerão teu filho. De nada adiantaria atormentar o velho Laerte que já está sucumbido sob o peso de suas dores. Enxuga teus olhos e para de chorar, pois de nada valerão tuas lágrimas. Antes, reza aos deuses para que não o abandonem e crê que aquele que está sob a proteção dos imortais nada poderá sofrer.

Penélope aceitou o conselho da anciã. Refugiou-se em seu quarto e orou ardentemente a Minerva, pedindo-lhe que cuidasse de seu filho. Finalmente, vencida pelo cansaço, adormeceu. Teve estranho sonho. Reviu sua irmã, Ifínia, que há longo tempo não encontrava. A irmã tranquilizou-a a respeito de Telêmaco, dizendo que não se apoquentasse, pois Minerva não permitiria que o cruel plano se realizasse. Essas palavras serenaram Penélope e a reconfortaram.

Nesse ínterim, Antino reuniu vinte homens que se encaminharam para o cais. Prepararam pequeno navio pertencente a um deles e navegaram para uma ilhota situada no centro do estreito; entre Ítaca e Same. Ancoraram o navio numa enseada e ficaram à espera da embarcação que trazia Telêmaco.

Enquanto estas coisas se passavam em Ítaca, em Esparta Telêmaco foi surpreendido à noite pela aparição de Minerva.

– Parte imediatamente, Telêmaco – disse ela –, pois não deves permitir que os pretendentes se aproveitem de tua ausência para aumentar seus desatinos. Neste momento em que te falo, vinte deles, chefiados por Antino, estão à tua espera no estreito entre Ítaca e a ilha de Same. Têm plano de matar-te, quando teu navio se aproximar. Deves retomar o navio em Pilos e remar dia e noite, para apressar tua volta. Ao penetrar no

estreito, afasta o mais que puderes da ilha situada ao centro. Quando chegares a Ítaca, não vás imediatamente para a casa de teu pai. Manda teus companheiros devolver o navio e encaminha-te rumo à choupana do porqueiro Eumeu, que te receberá muito bem. Envia então a Penélope a notícia de tua chegada, para tranquilizá-la,

Ao terminar a advertência, Minerva partiu. Telêmaco pulou da cama e apressou-se em acordar Pisístrato.

– Depressa, urge que partamos imediatamente. Minerva, a deusa, apareceu-me e aconselhou-me a voltar imediatamente para Ítaca.

– Sê razoável, Telêmaco – respondeu Pisístrato, sentando-se e entreabrindo os olhos pesados de sono. Ainda vai tardar o amanhecer. Mesmo recebendo ordens de uma deusa, seria descortesia acordar nosso anfitrião a estas horas para comunicar-lhe a decisão de partir. O que pensaria de nós?

– Mas, Pisístrato, é mais importante para mim retornar a Ítaca

– Terás então de ir sozinho e a pé. Não me arriscarei em guiar os cavalos nessa escuridão e não tens prática em dirigir o carro. Sê, pois, paciente e aguarda mais uma hora ou duas.

Telêmaco achou razoável a objeção do amigo e concordou em esperar. Porém sua impaciência não lhe permitiu esperar longo tempo. Mal raiou a aurora, foi à procura de Menelau para despedir-se.

– Sinto que tenhas de partir – disse Menelau. Mas não o procurarei reter, pois compreendo tuas razões. Espera apenas que coloquemos no carro teus presentes.

Ordenou aos servos que se apressassem em carregar para a carruagem os presentes que cuidadosamente escolheu para os dois hóspedes. Cuidou também que lhes fosse preparada refeição matinal.

Entre os ricos presentes destinados a Telêmaco, Menelau colocou grande vaso de prata incrustado com ouro que lhe fora oferecido pelo rei de Sídon, famoso pelos seus tesouros.

– Eis aqui o que tenho de mais valioso em meu palácio – falou para Telêmaco. Quero ofertar-te isto, não só porque és filho de meu extremado amigo Ulisses, mas porque és caro ao meu coração.

A rainha Helena escolheu um vestido entre os mais ricos e colocou-o em caixa de cedro. Lindos bordados com flores de oliveiras enfeitavam-no. E era tal a fragrância que se desprendia dele que parecia estar impregnado do ar do campo. Levou-o para Telêmaco, exclamando com um sorriso:

– Leva este vestido a tua mãe e pede-lhe que o conserve para ti até o dia de teu casamento. Nessa data feliz, entrega-o à tua esposa, como presente de Helena, feito por suas próprias mãos.

Depois de se despedirem, Telêmaco e Pisístrato subiram no carro e partiram através das largas campinas de Esparta.

– Estou às tuas ordens, Telêmaco – disse Pisístrato – para levar-te aonde quiseres.

– Conduze-me diretamente ao navio. Gostaria muito de despedir-me do rei Nestor, pois devo-lhe respeito e gratidão. Porém não posso atrasar mais minha partida. Devo iniciar viagem imediatamente.

Pisístrato suspirou:

– Meu pai me repreenderá por não te levar até nossa casa. Mas satisfarei teu desejo, pois não quero negar ajuda a um amigo.

Ao chegarem à baía, Telêmaco encontrou os companheiros esperando por ele. Ordenou que preparassem o navio para a partida.

– Deves apressar-te, Telêmaco – recomendou Pisístrato –, pois se chega ao conhecimento de meu pai que estás de volta a Pilos, mandar-te-á buscar e não poderás recusar o convite. Conheço bem meu velho pai.

Despediu-se depois e, tomando as rédeas do carro, foi-se afastando em direção à cidade.

– Temos de navegar mesmo sem ajuda dos ventos, companheiros – disse Telêmaco. Tomai os remos, pois urge que voltemos logo para Ítaca.

Os jovens apressaram-se em cumprir as ordens. Carregaram para o navio os embrulhos dos presentes ofertados por Menelau e em seguida prepararam os remos.

Alguns já se encontravam a bordo e Telêmaco estava dando ordem de embarque para os restantes, quando avistaram um homem que corria em direção ao navio. Vinha andando a princípio, mas, percebendo que já se dispunham a partir, apressou o passo temeroso de não chegar a tempo. Quando a distância entre eles lhe permitia ser ouvido, gritou que esperassem alguns minutos. Chegou ofegante e mal podia pronunciar palavra. Imediatamente, reconheceu em Telêmaco o chefe do grupo e exclamou:

– Meu bom jovem, estás partindo de Pilos?

– Com toda pressa, estrangeiro Telêmaco.

– E qual o teu destino?

– Vamos para Ítaca, nossa pátria. Sou filho de Ulisses, rei daquela ilha. Digo-te isto apesar de que a condição de filho de rei nada possa significar. Meu pai está ausente de casa há vinte anos, desaparecido. Nem mesmo sabemos se ainda vive.

O estrangeiro, então, falou com voz ansiosa:

– Suplico-te que me deixes acompanhar-te. Meu nome é Teoclímeno e sou de Argos. Pesa sobre mim a culpa de ter assassinado um parente. Seus irmãos e amigos andam à minha procura para matar-me e seguiram-me até Pilos. Tenho de abandonar o continente e procurar asilo numa das ilhas, pois lá é provável que não procurem por mim. Tem piedade e atende meu pedido.

Telêmaco ficou pensativo, com o cenho franzido. Pensava como poderia oferecer hospitalidade em sua casa, quando nem ele mesmo podia voltar diretamente para lá. Temia que os pretendentes insultassem o hóspede. Eram capazes de tudo.

Teoclímeno notou sua hesitação e insistiu:

– Minha sorte está em tuas mãos, meu jovem. Não me negues teu auxílio.

Telêmaco olhou-o firmemente. Procurava encontrar uma solução. Não sabia como decidir-se. De um lado, temia agravar mais sua posição junto aos pretendentes. Por outro, seu coração magnânimo não lhe permitia abandonar um pobre homem que lhe implorava proteção. Observava-se na face do estrangeiro que era bem jovem. Talvez ainda não tivesse trinta anos. Mas trazia marcas de sofrimento recente e tinha expressão de medo no olhar.

"Talvez nesse exato momento, meu pai esteja dependendo da hospitalidade de um estrangeiro" – pensou Telêmaco.

Este pensamento fê-lo decidir. Tinha certeza de que Ulisses, no seu lugar, faria o mesmo. Sorriu para o pobre homem que o olhava humildemente e tomou-lhe a mão.

– Vem, amigo, mas apressa-te pois devemos partir sem perda de tempo.

Subiram todos a bordo e os jovens remaram furiosamente em direção ao alto-mar.

Sentado na proa, Telêmaco ouvia o hóspede narrar-lhe sua história.

– Minha família tem conservado através de várias gerações a fama de seu poder de profecia. Eu também possuía esse privilégio, o que me tornou respeitado entre meu povo. Por desgraça, discuti há alguns dias com um primo. Brigamos e na luta feri-o mortalmente. Seus irmãos são poderosos e juraram vingar sua morte, matando-me da mesma maneira. Fui obrigado a fugir de minha casa, só e desprotegido. Vim para Pilos, julgando que estaria livre de perseguição. Porém, seguiram meus passos. Por isso decidi-me a deixar o continente. Estarei, sem dúvida, a salvo numa ilha. Não ousarão percorrer todas as ilhas à minha procura.

– Tenho prazer em ajudar-te. Apenas sinto que a ausência de meu pai não permitirá a minha mãe ou a mim oferecer-te hospitalidade como mereces.

Enquanto navegavam em direção ao norte, Telêmaco contou-lhe a respeito da emboscada que os pretendentes preparavam para ele. Explicou-lhe que ignorava se chegaria vivo à casa de seu pai ou se sucumbiria às mãos de seus inimigos.

Minerva porém não o abandonou. Enviou denso nevoeiro que envolveu o navio e Telêmaco ordenou ao piloto que se afastasse o mais possível da ilha onde Antino os esperava. Atravessaram o estreito sem incidente e alcançaram as costas de Ítaca num ponto distante do ancoradouro da cidade. Telêmaco ordenou que o deixassem ali e indicou a Peireu as diligências que devia realizar:

– Navega até a cidade e devolve, com meus agradecimentos, o navio ao bom Noemon, Quanto aos presentes, leva contigo para casa até que eu os possa ir buscar. Recebe também por alguns dias o meu hóspede

Teoclímeno. Quando retornar à cidade o conduzirei para casa de meu pai.

Esta era a melhor solução que encontrava para resolver o caso do estrangeiro. Teoclímeno concordou prazerosamente e Peireu, que sempre ouvia com alegria as ordens do amigo, retrucou-lhe, sorrindo:

– Farei tudo como ordenaste, Telêmaco. Minhas portas se abrirão para receber teu hóspede.

Depois, virou-se para o estrangeiro, e continuou:

– És bem-vindo a nosso modesto lar até que o príncipe Telêmaco possa receber-te no palácio.

Teoclímeno mal escondia sua emoção.

– Sou-vos imensamente grato, homens de Ítaca. Até o fim de meus dias, lembrar-me-ei da bondade com que me tratastes.

Telêmaco despediu-se dele e dos companheiros, desejando-lhe feliz término de viagem. Depois, desembarcou e seguiu para a casa de Eumeu, o porqueiro.



EUMEU, O PORQUEIRO

Pouco depois que os navegantes feaces deixaram-no adormecido na praia e se afastaram, Ulisses acordou, sentou-se e olhou ao redor. Denso nevoeiro cobria as montanhas e as águas do mar. Ulisses olhava e não reconhecia a paisagem, oculta pela névoa. Desesperado, levantou-se e tristes pensamentos ocorreram-lhe.

"Infeliz de mim. Julguei que minhas desgraças tinham chegado ao fim e eis-me aqui abandonado em terra estranha. Fui tolo em confiar na aparente bondade dos feaces. Abandonei-me às suas mãos e traíram-me."

Depois, sua atenção foi despertada pelos presentes que estavam cuidadosamente arrumados em sua volta e esta visão o confundiu. Se os jovens feaces tivessem intenção de desfazer-se dele, teriam certamente levado consigo aquele tesouro. Se ao contrário não pretendiam causar-lhe dano, por que abandoná-lo em país desconhecido? Sentou-se pensativo e contou os numerosos presentes. Abriu as arcas, retirou as taças, joias e túnicas bordadas, procurando lembrar-se da pessoa que lhe ofertara cada uma daquelas dádivas. Ao final, concluiu que nada faltava. Tudo que recebera em Feácia estava ali.

Terminada sua averiguação, ouviu alegre assobio e avistou um jovem pastor que se dirigia para junto dele. Ao vê-lo, Ulisses julgou, naturalmente, que se tratava de pastor. Mas quem estava ali era Minerva, que usara aquele stratagem para aproximar-se dele.

Ulisses acolheu com alegria a aparição oportuna do pastor e chamou-o, dizendo:

– Meu bom rapaz, dize-me, eu te peço, o nome desta terra. És o primeiro habitante que encontro e, a julgar por ti, teu povo deve ser bom e acolhedor. Estou só, sem amigos ou proteção neste país estranho. Dize-me, por favor, em que parte do mundo me encontro?

– Estrangeiro, chegaste a uma ilha que, embora pequena, é próspera e fértil. Não abriga imensas pastagens, nem aqui há criações de cavalos. Mas nossos animais são bem alimentados. Temos trigo em abundância e o vinho de nossas uvas é famoso pelo excelente sabor. Sem medo de errar, posso afirmar-te que até na longínqua Troia o nome de Ítaca é conhecido.

Ulisses mal podia dominar a alegria. Porém sua larga experiência recomendava-lhe que não devia confiar imediatamente nas palavras do desconhecido. Talvez estivesse apenas zombando dele e por isso procurou primeiro certificar-se de que dizia a verdade.

– Já ouvi algumas vezes falar em Ítaca – exclamou. Em Creta, meu país, os homens comentavam sobre esta ilha. Esta é a primeira vez que viajo. Jamais tinha deixado antes minha casa. Mas fui obrigado a fugir. Cometi a desgraça de matar um homem que tentou roubar-me os bens. Temeroso das consequências, tomei um navio para Pilos. Durante meu sono, a marujada abandonou-me nesta praia. Felizmente, deixaram comigo estas riquezas, que são tudo o que me resta.

Minerva sorriu ao ver a esperteza de Ulisses. Transfigurou-se em bela e elegante mulher envolta em fulgurante vestido.

– Continuas, Ulisses, a ser o mais sábio dos homens. Por isso, és o meu favorito entre todas as criaturas – disse ela. _Podes abandonar agora teus sutis estratagemas, pois te encontras novamente em tua terra. Entre os

imortais sou, depois de Júpiter, meu pai, a mais sábia e astuta e tu és o mais esperto e engenhoso dos homens.

Sorriu novamente e acrescentou:

– Se ainda não pudeste identificar-me, digo-te que sou Minerva, tua protetora. Sem meu auxílio, jamais voltarias a ver a pátria que amas, pois irritaste o poderoso Netuno, senhor dos mares.

– Magnânima deusa, é impossível para um pobre mortal reconhecer-te quando te disfarças sob formas estranhas. Agradeço-te todos esses anos de proteção. Agora peço-te que não me enganes e que me digas a verdade. Realmente esta é a ilha de Ítaca? O nevoeiro que encobre as montanhas e o mar não me permite reconhecer a paisagem.

Minerva respondeu prazerosamente:

– Vejo que nem um deus imortal está livre de tuas suspeitas. É isso que me agrada em ti. És o homem que sempre esperei encontrar: prudente, sábio, cauteloso e esperto. Mas não duvides mais. Esta é Ítaca, tua terra, e, além das colinas que a névoa esconde, fica tua casa, onde Penélope, a esposa fiel, te espera. Olha ao teu redor e procura reconhecer a ilha querida.

Enquanto a deusa falava, o nevoeiro foi-se desfazendo. O contorno das colinas desenhou-se no horizonte e a cortina que cobria as águas desapareceu. Com ela, dissiparam-se as dúvidas e temores do coração de Ulisses. Olhava maravilhado a velha e conhecida paisagem, que há vinte anos ansiava por rever. Reconheceu imediatamente a enseada de Fórcis. A um lado, elevava-se a frondosa oliveira, próxima da caverna conhecida pelo nome de caverna das Náiades. Ao fundo, soberbo, alteava-se o monte Neriton, coberto de verdejante arvoredos.

Ulisses ajoelhou-se no chão e seus dedos sulcaram a areia, procurando certificar-se de que os olhos não se enganavam e realmente aquela era a terra querida.

– Sem dúvida, cheguei a Ítaca – murmurou – e agradeço-te, bondosa deusa, por me teres trazido são e salvo de volta ao meu lar.

– Não me agradeças ainda, Ulisses, pois tuas dificuldades não se acabaram. Vem. Antes de tudo é preciso esconder os presentes que os feaces te ofertaram e depois vou contar-te o que se passou em Ítaca, durante tua ausência.

Ulisses levou os tesouros para o interior da gruta das Náiades e a deusa colocou grande pedra, protegendo a entrada.

Sentaram-se, depois, à sombra de frondosa árvore e Minerva foi desfiando a narrativa de todos os acontecimentos em Ítaca. Falou dos pretendentes, da dissipação de seus bens, da fiel Penélope, que continuava firme no propósito de esperar o marido ausente. Finalmente, contou-lhe da emboscada que fora preparada para matar Telêmaco na sua volta de Pilos.

– Se não me tivesses avisado – replicou Ulisses, quando Minerva terminou – teria partido imediatamente para casa e sozinho nada poderia fazer contra tantos homens. Dize-me agora o que devo fazer. Deixa-me sob tua proteção. Se me inspiras alento e coragem, como nos longínquos dias em Troia, não temerei enfrentá-los a todos e expulsá-los de minha propriedade.

– Não duvido que o conseguirás, bravo Ulisses. Não temas, pois ficarei a teu lado. Para vencer, não podemos enfrentá-los abertamente. Temos que engendrar astuto plano, para superá-los em esperteza, já que nos excedem em número. Primeiro, vou transformar-te em velho mendigo. Assim, ninguém te reconhecerá, nem mesmo tua esposa ou teu filho. Parte

agora para a fazenda de Eumeu, o porqueiro, que é teu servo fiel. Não lhe digas quem és e pergunta-lhe tudo o que se passa em tua casa, e ele contar-te-á com mais minúcias. Nesse ínterim, partirei para Esparta, a fim de avisar a Telêmaco, que é hóspede do poderoso Menelau, da emboscada que lhe é preparada.

– Que assim seja, grande deusa. Concordo com teus planos como se fossem meus. Mas permite que te faça uma pergunta. Por que incitaste Telêmaco a fazer viagem sem proveito, expondo-o a terríveis perigos? Certamente, não desejavas ver meu filho enfrentar as mesmas dificuldades por que passei.

– Não te preocupes, Ulisses. Telêmaco está gozando da boa hospitalidade de Menelau e Helena. Não correrá qualquer risco, pois está sob minha proteção. Meu objetivo ao enviá-lo não era o de colher informações sobre ti. Antes queria vê-lo firmar-se como homem corajoso. Vivendo esta aventura, sentir-se-á digno de seu famoso e denodado pai. Agora devo partir.

Minerva levantou-se e tocou levemente na testa de Ulisses. Imediatamente, seu rosto foi envelhecendo. A pele tornou-se flácida e vincada de rugas, o cabelo ralo e grisalho, seus ombros perderam a firmeza e a força e o brilho dos olhos azuis desapareceu. Em poucos segundos, Ulisses envelheceu trinta anos. Sua túnica transformou-se em andrajos que mal lhe cobriam o corpo. Apareceram-lhe no ombro embornais de couro que os andarilhos costumam carregar. Tinha nas mãos um bastão. Quem o encontrasse assim o tomaria por mendigo, que, de cócoras junto às portas das casas opulentas, fica implorando esmolas.

– Ninguém te poderá reconhecer, ninguém saberá que sob essa aparência de esfarrapado esconde-se o rei de Ítaca. Vai agora para a casa do porqueiro e espera. até que me vá encontrar contigo. Adeus.

Terminou suas palavras e desapareceu segundo o costume dos imortais, sem que Ulisses pudesse acompanhar-lhe os rápidos movimentos.

Uma trilha ligava a baía ao bosque próximo. Ulisses seguiu por ele e, lá chegado, tomou o caminho da fazenda de Eumeu. O interior do bosque era sombrio e úmido, mas, quando novamente tomou a caminho dos campos, voltou a ver a claridade e a sentir o calor do sol que aquecia as pedras da estrada e enchia de brilho as espigas do perfumado tomilho. A cada passo, Ulisses reconhecia a paisagem de sua terra. Olhava as árvores e as pedras, como para ver se tinham envelhecido ou modificado naqueles vinte anos de separação.

Eumeu construía a casa na fazenda, para criar os porcos de seu amo, depois que ele partira para Troia. Assim Ulisses não a conhecia. Era feita de madeira e pedra, com cobertura sobre a porta de entrada. O telhado era de troncos e argila. Ficava no centro de largo pátio, cercado por forte muro de pedras e uma cerca de madeira. No pátio estavam colocados doze chiqueiros para os animais. Em cada um refocilavam cinquenta porcas e seus filhotes.

Eumeu tinha quatro ajudantes. Três deles estavam ocupados em levar os porcos para o campo, onde se alimentavam de raízes e bulbos. O quarto partira para a cidade, levando gordo leitão para a ceia dos pretendentes de Penélope. Quando Ulisses se aproximou da casa, o porqueiro estava só, sentado à soleira da porta, fazendo para si um par de sandálias de couro.

Ulisses empurrou o portão e penetrou no pátio. Foi atacado imediatamente por dois cães de guarda que se atiraram sobre ele, ladrando e rosnando. Felizmente, teve o bom-senso de quedar-se imóvel sem qualquer gesto que pudesse incitar os animais. Eumeu ouviu o ruído dos cães e, largando as sandálias no chão, correu para ver o que havia.

Ulisses recebeu-o com bom-humor, dizendo:

– Parece-me fácil verificar que teus cães não apreciam estrangeiros. Mas sem dúvida devem proteger bem teus porcos.

– Felizmente para ti, meu velhinho, não correste, pois os cães te tomariam por ladrão e te matariam. Já tenho suficientes preocupações, pois meu amo está desaparecido há anos e esta propriedade condenada a desaparecer pela avidez de alguns aproveitadores e não desejo aumentá-las com a morte de um mendigo à minha porta. Mas entra, ancião estrangeiro, és bem-vindo a esta casa, apesar de que meus cachorros parecem não concordar muito com isso. Entra, que te darei alimentos, poderás descansar e me farás companhia.

Ulisses agradeceu-lhe e seguiu-o. Eumeu fê-lo sentar-se sobre um monte de capim e palha, recoberto com pele de cabra que lhe servia de cama, enquanto atirava gravetas ao fogo para avivá-lo. Minerva mudara tão bem a aparência de Ulisses que ao servo era impossível reconhecê-lo. Acercando-se do fogo, para aquecer as mãos, Ulisses, reconhecido pela bondosa acolhida, falou:

– Que o destino o recompense, bom porqueiro, por sua bondade e satisfaça o desejo de teu coração.

– O desejo de meu coração – repetiu Eumeu – não é tão fácil de realizar-se.

Apanhou o couro que tinha deixado junto à porta, enrolou-o e continuou:

– Eu tinha um senhor bom e generoso. Que mais pode almejar um escravo? Um dia partiu para lutar em terras longínquas e hoje, passados vinte anos, ainda não retornou. Já não tenho esperança de voltar a vê-lo. Certamente pereceu em combate ou ficou sepultado no fundo do mar. Durante esses anos de ausência, tenho cuidado fielmente de seus porcos e

a criação tem aumentado, apesar das devastações que sofre esta fazenda. Se meu amo estivesse aqui, haveria de reprimir os aproveitadores. Espero e anseio pela sua volta, porém são baldadas minhas esperanças. Nada me resta, a não ser continuar meu trabalho, honrando a memória do meu bom e justo senhor. Mas perco-me em lamentações, esquecendo-me também de que deves enfrentar grandes dificuldades. Não falemos, pois, em coisas amargas. Bebamos o bom vinho e esqueçamos as tristezas.

E meu preparou um assado de porco e misturou vinho e água numa vasilha de madeira. Quando a refeição estava pronta, apresentou-a a Ulisses, dizendo:

– Este alimento é bom, mas não se compara ao que é servido em casa de meu amo. Os pretendentes da rainha consomem os melhores e mais gordos porcos. Passam os dias e a metade das noites entre festejos e banquetes e não há alimento e vinho que cheguem para saciar seu apetite. O filho de meu amo é ainda muito jovem e a esposa nada pode fazer contra tantos homens. As posses de meu senhor são numerosas. Tem rebanhos de cabra e de gado suíno, que pastam nos férteis campos. Seus bens excedem aos de vinte homens reunidos. Mas mesmo as grandes fortunas têm limite e dia chegará em que seus rebanhos terminarão e em sua adega não haverá nem mais um odre de vinho, se perdurar por mais algum tempo o consumo desenfreado, por esses insolentes pretendentes.

– Dize-me, amigo, o nome de teu amo. Talvez tenha ouvido falar dele nas minhas andanças por esse mundo.

E meu sacudiu a cabeça, num gesto de incredulidade, e respondeu:

– Meu velho, todos os andarilhos e mendigos, que por aqui aparecem procuram a casa do rei e no interesse de conseguir hospitalidade dizem trazer notícias de meu amo. Contam histórias mentirosas que só servem para aumentar a aflição da rainha Penélope e de Telêmaco, seu filho.

Agora já não dão mais crédito a esses homens e às suas histórias inventadas. Perguntas-me o nome de meu senhor. É Ulisses, rei de Ítaca, e pronuncio seu nome com reverência, porque, apesar de não o ver há muito, continuo a respeitá-lo como quando partiu, para nunca mais voltar.

Ulisses bebeu vagorosamente o vinho, pensativo e replicou-lhe:

– Ulisses, rei de Ítaca. Já ouvi falar dele muitas vezes e posso garantir que muito em breve voltará. Será o dia de vingança contra os que desrespeitam sua esposa e seu filho e dissipam sua fortuna.

– Quisera acreditar em tuas palavras, estrangeiro. O maior desejo de meu coração é ver Ulisses de volta. Mas já não tenho ânimo para acreditar nisso. Meu senhor deve ter tombado na guerra ou perecido no mar traiçoeiro, com todos os homens que o acompanhavam. Não me canso de chorar e lamentar seu desaparecimento e nem ousar ter esperanças no seu regresso. Outra dor vem afligir-me agora. Telêmaco, o jovem e esbelto príncipe, partiu para Pilos, a fim de colher informações sobre o pai. Ouvi rumor de que os pretendentes de Penélope prepararam-lhe emboscada e o esperam em navio, escondidos no estreito, para matá-lo. Não sei se isto é verdadeiro ou falso, mas não duvido de que seja verdade, pois esses homens desalmados são capazes até de matar, para conseguir seu intento. Peço aos deuses que protejam o jovem Telêmaco e isto é tudo o que posso fazer por ele. Mas, estrangeiro, conta-me sobre tua vida e não me permitas que continue falando das desgraças que pesam sobre a casa de Ulisses.

Conversaram animadamente toda a tarde. Ulisses contou-lhe interessantes histórias e aventuras para diverti-lo e fazê-lo esquecer suas dificuldades. Procurava também certificar-se de que o porqueiro não o reconheceria.

Ao anoitecer, Eumeu preparou o jantar para os quatro ajudantes e o hóspede. Nos chiqueiros, os animais agitavam-se e grunhiam, fazendo

grande ruído. Terminado o serviço, sentaram-se, os seis, para jantar. Comeram e beberam fartamente e ficaram longo tempo conversando, junto ao calor do fogo. Enquanto conversavam, sobreveio violenta tempestade. Forte vento noturno soprava do lado das colinas, zunindo e arrancando folhas das árvores. A ele juntou-se a brisa do mar que carregou nuvens escuras, que se desmancharam em forte aguaceiro.

– Será uma noite fria e úmida – comentou Eumeu.

Ulisses lembrou-se que nos sacos que trazia não havia capa de lã para aquecê-lo, quando se deitasse. Para divertir-se, porém, quis pôr à prova a hospitalidade de Eumeu e esperou para ver se oferecia a um pobre mendigo a conforto de uma capa para abrigar-se do frio. Bebeu o resto do vinho na caneca de madeira e disse sorrindo:

– Amigo, já não sou jovem como vós e não tenho a cabeça forte. Vosso vinho transtornou-me um pouco. Mas esta ligeira embriaguez não me impedirá de contar-vos algumas histórias do tempo em que lutei em Troia. Era moço e forte e não ia, como agora, de cidade em cidade, vivendo da bondade dos mais afortunados que eu. Era guerreiro valente e lutava nas hostes comandadas por Ulisses. Uma tarde armamos emboscadas junto às muralhas da cidade. Menelau e Ulisses eram os chefes, e eu era o primeiro depois deles. Estávamos agachados no chão, escondidos entre os juncos, que cresciam naquele terreno pantanoso. Chovia torrencialmente e um vento frio enregelava os ossos. Todos embrulhavam-se nas grossas capas de lã, procurando aquecer-se. Somente eu não levava capa, pois quando deixáramos o acampamento, a tarde estava quente. Vestido com a fina túnica, tremia de frio e, finalmente, não podendo suportar mais, acerquei-me de Ulisses e sussurrei-lhe estas palavras: "Se não conseguir uma capa estarei morto pela manhã. Tu, que és astuto, dize-me o que fazer." Ulisses respondeu-me no mesmo tom de voz: "Fica calado, porque tenho plano para conseguir-te uma capa, porém os outros não podem suspeitar."

Dizendo isto, levantou-se e disse para os companheiros: "Amigos, acabo de ter um sonho que certamente foi enviado pelos deuses. Parece-me que seria aconselhável um de vós correr até nossos navios e' pedir a Agamenon que nos envie mais reforços, pois somos poucos e nos distanciamos muito do acampamento." Mal terminara de falar, um jovem levantou-se, retirou a capa e correu em direção à baía, onde se ancoravam os navios. "Eis a capa que te prometi – disse-me Ulisses." Tomei-a e dormi confortavelmente aquecido, até o amanhecer, enquanto os servos davam gargalhadas.

– És muito esperto, estrangeiro – disse Eumeu – e sei o que pretendes insinuar com esse conto. Todos somos pobres aqui e cada um tem de contentar-se com uma única capa para aquecer-se nas noites frias. Porém reservamos uma para quando um de nós é obrigado a enfrentar a chuva ou a neve e sair ao relento para cuidar dos animais. Nós te emprestaremos esta capa e posso garantir-te que, se o jovem Telêmaco voltar são e salvo para casa, te presenteará com roupas quentes e novas para substituir teus andrajos, pois é tão generoso quanto o pai.

Eumeu preparou uma cama de palha coberta com couro de carneiro, junto ao fogo. Ali, Ulisses deitou-se e cobriu-se com a capa que o porqueiro lhe dera. Os outros deitaram-se em cama feita com ramos de árvore. Eumeu, porém, envolto numa cobertura, tomou uma lança e foi portar-se à entrada da casa, onde dormiam os cães. Passava as noites ali para proteger os porcos dos ladrões e animais selvagens. Ulisses viu-o e ficou satisfeito com a dedicação do servo.



ULISSES ENCONTRA O FILHO

Quando surgiu a madrugada e o céu começou a clarear, o vento cessou e a tempestade foi-se amainando. Surgiram algumas estrelas, que brilharam pouco tempo, pois logo chegou a aurora, colorindo o horizonte de tons dourados, que prenunciavam o nascer do brilhante sol.

Na fazenda começaram cedo o trabalho. Eumeu entrou em casa, enquanto os ajudantes retiravam os porcos do chiqueiro para conduzi-los para o bosque. Iam envoltos nas capas, pois a manhã estava fresca e levavam bornais com pão e carne e um frasco de vinho.

Eumeu ficou sozinho com o hóspede e começou a preparar a primeira refeição. Removeu as cinzas e colocou novas achas de lenha para reavivar o fogo e logo as chamas crepitaram ruidosamente. O servo cozinhava papa de farinha e mel. Quando estava consistente, ajuntou alguns ovos e enrolou em bolinhos, que fritou sobre uma pedra colocada no meio do fogo.

Depois da refeição, Eumeu foi levar alimento para as porcas e os bacorinhos e realizar outros trabalhos necessários. Ulisses ajudou-o, carregando água, catando gravetas e varrendo o pátio.

Conversaram amigavelmente todo o dia e ao entardecer Ulisses disse:

– Não posso continuar sendo um fardo sobre teus ombros. Amanhã, caminharei até a cidade para procurar nas ricas casas o alimento de que preciso. Abusaria de tua bondade se ficasse inativo, comendo o alimento e bebendo o vinho que ganhas com teu trabalho. Aos ricos cabe proteger os mendigos. Ademais, pretendo dirigir-me à casa de meu velho companheiro Ulisses, para verificar pessoalmente como vão as coisas por lá. Certamente os pretendentes são pródigos em oferecer esmolas com os bens alheios. Poderei trabalhar lá, servindo-os à mesa, rachando lenha ou como mensageiro de recados.

E meu não lhe permitiu continuar:

– Enquanto tivermos alimento e vinho não precisarás mendigar, meu amigo. És bem-vindo e ficarás nesta fazenda quanto tempo quiseres. Em casa de Ulisses não encontrarás acolhida entre os pretendentes de Penélope. Só receberias injúrias e te atirariam alimento como a um animal. Seus servos assemelham-se aos amos. Não há entre eles homens honestos, idosos e fiéis como tu. Espera até que Telêmaco regresse de Pilos e receberás alimento e roupas.

Mais tarde, Ulisses pediu notícias de seus pais, dizendo:

– Naqueles tempos em que lutei ao lado de teu amo, ele falava com saudades sobre o velho Laerte, seu pai, e a bondosa mãe, Anticleia. Dize-me, amigo, se ainda vivem e como estão.

– Laerte ainda vive, mas Anticleia sucumbiu pelas terríveis mágoas e saudades do filho querido. A pobre mulher sofreu muito com a prolongada ausência de Ulisses e seu coração não suportou tanta dor. Laerte, atormentado pelas saudades e não podendo enfrentar a insolência dos pretendentes que usurparam a casa do filho, retirou-se para o campo e vive num casebre além das colinas. Passa os dias lavrando a terra, ocupado em trabalhos de servo, impróprios para o pai de um rei. Porém ninguém o

reprova por ter abandonado a cidade, pois era-lhe impossível continuar assistindo às atitudes indignas dos pretendentes de Penélope. Eu mesmo evito ir lá. Procuo enviar um dos homens para levar animais para os banquetes incontáveis que lá se realizam. Enquanto vivia a boa Anticleia, eu a visitava frequentemente, para servi-la no que fosse preciso. Tinha-lhe grande afeição, pois, quando eu era criança, cuidava de mim e pegava-me ao colo, como se fosse seu próprio filho e não um pobre escravo.

Aquelas palavras trouxeram a Ulisses a lembrança da mãe, que vira na morada de Plutão e esteve prestes a chorar. Para evitar as lágrimas, que o denunciariam, procurou mudar o rumo da conversa e disse ao servo:

– Ontem ouviste vários fatos de minha vida. Conta-me agora tua história. Teu nascimento, tua infância e como te tornaste escravo. Tuas atitudes e nobres sentimentos me fazem crer que nasceste de família livre e nobre.

– Tens razão, amigo – respondeu o porqueiro –, não nasci escravo e sou filho de rei. A história dos meus primeiros anos de vida é bem triste, mas como pediste eu a contarei. Certamente já ouviste falar numa ilha chamada Siros. Tem poucos habitantes. As pastagens são viçosas e delas se alimentavam nossos rebanhos. Os campos de trigo mais pareciam um mar de ouro e os vinhedos vergam-se ao peso dos cachos de uva. Lá há fartura e nunca a terra é assolada pela desgraça da fome, da peste ou das privações. O povo vive pacificamente e feliz. Havia duas cidades na ilha e meu pai reinava com justiça e sabedoria sobre elas. Certa vez, chegaram àquele país mercadores fenícios, que traziam muitas quinquilharias para negociar: braceletes, tecidos, frascos de perfume e vestidos. Eram homens de alta estatura e trajavam-se ricamente com roupas douradas e joias. Tinham maneira persuasiva de oferecer seus produtos e enganavam com facilidade o inocente povo de Siros. Na casa de meu pai, vivia uma jovem fenícia, que fora comprada anos atrás aos piratas. Era habilidosa e a ela

minha mãe entregara a tarefa de cuidar de mim. Certo dia, estava lavando roupa às margens do rio, próximo da foz que se abria no mar, quando se aproximaram os mercadores. Um deles acercou-se dela, perguntando-lhe sua nacionalidade, pois pelo aspecto suspeitava que fosse fenícia. "Nasci em Sídon – respondeu ao moço – e sou filha de família abastada. Fui roubada por piratas que me venderam ao rei dessa pequena ilha." O homem, satisfeito por ver confirmada sua suposição, acrescentou: "Se quiseres voltar para tua casa, tem paciência por algum tempo e, quando chegar o dia de deixarmos este país, levar-te-emos conosco para a casa de teu pai." A mulher concordou alegremente com aquele plano, recomendando ao mercador que tivesse cuidado para que o projeto não fosse descoberto. "Quando me avistares na casa de meu amo, por ocasião das visitas que fazes para vender tuas mercadorias, não fales comigo. Se me encontrares na rua, finge que não me conheces, pois do contrário poderão descobrir que pretendo fugir." E acrescentou: "Meu amo é muito rico. Quando chegar o dia de partirmos, reunirei objetos de valor, como taças de ouro e prata e levarei comigo para o navio. Levarei também o pequeno príncipe que está sob meus cuidados. É criança meiga e me acompanhará facilmente. Se fizeram isto comigo, que importância tem o que façam com o filho do amo que me comprou?" Durante vários meses os fenícios permaneceram em Siros. Quando chegou o tempo da partida, um deles dirigiu-se à casa de meu pai, levando um colar de contas de âmbar, presas com elos de ouro. Ao ver aquela preciosidade, minha mãe e as servas rodearam-no, perguntando-lhes o preço. Enquanto estavam entretidas, o mercador fez sinal para a fenícia e deixou nossa casa, levando a bolsa de couro recheada com moedas recebidas pelo colar, minha mãe tomou-me pelas mãos e obrigou-me a acompanhá-la. Ao passar pelo salão do palácio, apanhou algumas taças de ouro e prata, que escondeu sob a capa. Perguntei-lhe a razão daqueles modos estranhos. Nada me respondeu, limitando-se a puxar-me em direção da baía, onde se

encontrava o navio dos fenícios. Colocou-me a bordo e o navio afastou-se de nossas praias, que nunca mais voltei a ver. Alguns dias depois, ancoramos em Ítaca e os homens saíram para negociar. Fui vendido ao rei Laerte e em sua casa encontrei a boa rainha Anticleia que cuidou carinhosamente de mim. A ela devo todas as alegrias que minoraram minha triste sorte.

– O destino foi cruel contigo, meu bom Eumeu – disse Ulisses –, mas não deves lamentar, pois minha sina é mais triste ainda. Sou um pobre andarilho que vive da caridade alheia.

Como Ulisses percebera que Eumeu o hospedava de bom grado, não pensou mais em partir para a cidade e permaneceu na fazenda, esperando ordens de Minerva. Passou o dia seguinte, como o primeiro, ajudando o porqueiro em seu trabalho, e distraíndo-se com suas narrativas imaginosas.

Foi na madrugada do terceiro dia da estada de Ulisses em casa de Eumeu que o navio de Telêmaco alcançou Ítaca. De acordo com as determinações da deusa o jovem encarregou Peireu de entregar a embarcação a seu dono e encaminhou-se para a casa do porqueiro.

Como nos dias anteriores, logo que os ajudantes partiram para o bosque, o porqueiro ocupou-se em preparar a primeira refeição. Ulisses observava-o sentado num banquinho em frente à porta, e viu quando um rapaz se aproximou do portão. Imediatamente, os cães correram para recebê-lo, latindo e sacudindo as caudas e subiram no ombro do recém-chegado para lambe-lhe o rosto. Era uma recepção totalmente diversa da que tinham tributado a Ulisses poucos dias atrás.

Ulisses imediatamente adivinhou, pela alegria dos cães, quem era o rapaz, que acariciava a cabeça dos animais, chamando-lhes pelo nome. Virou-se para Eumeu e disse:

– Acaba de chegar um amigo teu. Os cães parecem satisfeitos por revê-lo, pois o recebem de maneira bem diferente da que me receberam.

Mal terminou de falar, Telêmaco apareceu à solteira da porta. Ao vê-lo, o porqueiro deu um grito de alegria e levantou-se inopinadamente, deixando cair o vaso de vinho que tinha nas mãos e o líquido escorreu pelo chão,

– Meu querido amo – exclamou. Estás de volta são e salvo. Temi que não escapasses com vida da emboscada que te fora preparada. Felizmente, nada te aconteceu e estás novamente em Ítaca. Mas entra, meu príncipe querido, e senta-te. Deixa-me gozar de tua companhia, pois nestes dias atribulados já não encontras tempo para vires visitar-me.

Telêmaco abraçou-o afetuosamente e disse:

– Vim logo que cheguei, na esperança de que me possas informar dos acontecimentos em minha casa, desde que parti para Pilos. Como está minha mãe? Continua firme em seu propósito de esperar a volta de meu querido pai ou decidiu escolher outro marido?

– Se isto tivesse acontecido, certamente a notícia teria chegado até aqui. Não te preocupes. Penélope continua a esperar com paciência.

Quando Telêmaco entrou, Ulisses levantou-se e humildemente ofereceu-lhe o lugar para sentar-se, num gesto respeitoso de mendigo para com um príncipe. Mas Telêmaco recusou cortesmente, dizendo:

– Não te incomodes, estrangeiro, por favor. Eu me sentarei noutro banco. Não me parece justo incomodar um ancião para ceder-me lugar.

Ulisses observou com orgulho e satisfação o nobre gesto do filho, que respeitava até mesmo um esfarrapado mendigo e não mostrava arrogância nem orgulho por ser filho do rei.

Eumeu estendeu uma pele de cabra sobre a palha, junto ao fogo e Telêmaco assentou-se.

– Este estrangeiro e eu – disse Eumeu para o rapaz – iniciávamos nossa refeição. Aceitas partilhar dela?

Sem esperar resposta, colocou carne fria em três pratos e encheu uma cesta com pão. Cuidou depois de buscar outro vinho para substituir o que derramara.

Quando terminaram a refeição, Telêmaco virou-se para o porqueiro e disse:

– De onde veio esse estrangeiro, Eumeu? Há alguma coisa que posso fazer por ele?

– Contou-me histórias de suas andanças e aventuras – respondeu Eumeu – e que são bem tristes. Veio até aqui procurar o rei Ulisses, que foi seu companheiro de combate, em Troia, e tencionava pedir-lhe ajuda.

Telêmaco olhou o andarilho e disse ligeiramente embaraçado:

– Estrangeiro, seria um prazer hospedar ex-companheiro de meu pai. Infelizmente, não tenho autoridade em minha própria casa e nem a tem minha mãe, por ser mulher. Seus pretendentes dirigem nossas propriedades, segundo sua vontade, sem dar-me ouvidos ou respeitar a presença de Penélope. Temo que o tratem mal e o insultem em minha ausência. Não duvido até que o fizessem às minhas vistas, pois julgam-me criança, a quem não se deve consideração. Não hesitariam em causar malefícios a mim e a meus amigos, pois estão irritados com o malogro de sua emboscada.

– Não pode existir nada mais triste do que um homem ser desrespeitado em sua própria casa – replicou Ulisses. Possa Ulisses voltar em breve e expulsar esses intrusos.

– Agradeço-te por esse voto, estrangeiro, pois é o eco do desejo de meu coração. Poderás permanecer em casa de Eumeu quanto tempo desejares e eu te enviarei alimentos, vinhos e novas roupas.

Depois, virando-se para Eumeu, disse:

– Tenho encargo para ti, Eumeu. Vai até minha casa avisar minha mãe que cheguei em paz. Cuida que ninguém mais te ouça, pois os pretendentes querem descobrir meu paradeiro para tramar outra maneira de matar-me. Tenho de enviar-te, para tranquilizar minha pobre mãe.

Depois sorriu e ajuntou:

– Espero que possas abrigar outro hóspede, pois tenciono permanecer alguns dias aqui, até que resolva o que farei.

– Sou feliz por receber-te em minha casa, meu príncipe. Partirei imediatamente para participar à rainha Penélope tua chegada a Ítaca, sem incidentes. Não te preocupes, pois ninguém saberá o motivo da minha visita à rainha. Acaso poderia ir também encontrar-me com Laerte, que a essas horas deve estar lamentando e chorando, temeroso de que os pretendentes tenham conseguido matar-te?

Telêmaco ficou pensativo por uns minutos e depois respondeu:

– É melhor que vás só até a cidade para que venhas depressa trazer-me notícias de minha mãe. Pede-lhe que envie um servo de confiança, talvez a boa Euricleia, para informar a meu avô que estou bem.

Eumeu partiu sem perda de tempo para cumprir as ordens de Telêmaco, deixando Ulisses a sós com o filho. Mal tiveram tempo de trocar qualquer palavra, pois Ulisses foi surpreendido pela visão de Minerva, que se postava à soleira da porta. Telêmaco não a viu. Apenas percebeu a ruído dos cachorros, que se deitaram humildemente junto da parede. Os animais tinham visto aquela maravilhosa mulher e, como se

desprendessem da deusa poderes miraculosos, compreenderam que não se tratava de mortal. Não latiam e, com a cauda entre as pernas, recolheram-se ganindo. Minerva acenou para Ulisses, que a acompanhou ao pátio, sem atrair a atenção do filho.

– Chegou o momento – disse – de revelar a Telêmaco teu nome e unir-te a ele para juntos planejardes a destruição dos pretendentes que desrespeitam tua casa. Faze teus planos e parte sem tardar para a cidade, pois estou ansiosa para ver aqueles homens indecorosos receberem o castigo que merecem. Lembra-te, amigo, que estarei sempre a teu lado, mesmo quando não puderes ver-me.

Tocou depois em Ulisses e ele recuperou sua aparência normal de homem de pouco mais de quarenta anos. Sua cabeleira voltou a ser negra e basta, caindo-lhe sobre os ombros e os olhos ganharam novamente brilho. Os andrajos, que lhe cobriam a corpo, transformaram-se em branca túnica de seda e curto manto azul. Tão logo se operou a transformação, Minerva desapareceu.

Ulisses voltou a entrar em casa. Ao vê-lo, Telêmaco assustado, recuou e disse com voz trêmula:

– Estrangeiro, ainda há pouco tinhas a aparência de pobre mendigo e agora, passados poucos minutos, apresentas-te como garboso e elegante homem. Não tenho dúvida de que sejas um deus imortal, pois somente os imortais têm poderes para operar tais maravilhas. Tem, pois, compaixão de mim e de minha mãe, e nós te ofereceremos sacrifícios.

Ulisses sorriu e disse:

– Não temas, Telêmaco. Não sou um deus. Sou Ulisses, teu pai, que finalmente retorna ao lar, depois de tantos anos de ausência.

Deu um passo para a frente, no intuito de abraçar o filho. Mas Telêmaco herdara o espírito cauteloso e prudente do pai e não acreditou naquelas palavras.

– Tu és um imortal que vieste aumentar minha dor, fingindo seres meu pai. Nenhum homem poderia transformar-se em poucos minutos como fizeste. Não brinques com meus sentimentos, eu te imploro.

– Meu filho – respondeu-lhe Ulisses –, por que recusas a crer que sou teu pai? Foi pela ajuda de Minerva que logrei retornar a esta terra e foi ela que me transformou em velho andarilho coberto de andrajos. Agora, apareceu aqui e desfez o encanto, para que me pudesses reconhecer. Disseste bem. somente os imortais têm esses poderes miraculosos.

Telêmaco olhou para seu pai e, de repente, compreendeu a maravilha do acontecido. Seu pai, esperado tanto tempo, estava ali a seu lado. Atirou-se em seus braços, chorando de alegria e comoção.

– Como pudeste chegar a Ítaca, meu pai? Quem te trouxe? Em que navio vieste? Dize-me tudo que anseio por saber.

– O bondoso povo de Feácia emprestou-me um navio com a tripulação. Deixaram-me adormecido na enseada de Fórcis, rodeado pelos presentes que lá recebi. Deixei-os escondidos na caverna das Náíades, até que os possamos buscar. Anseio por narrar-te todos os percalços de minha acidentada viagem. Mas agora temos assunto mais importante a tratar. Precisamos planejar a luta contra os usurpadores que estão em nossa casa. Dize-me a quanto monta o número deles e se são habilidosos no combate, pois quero saber se nós dois sozinhos poderemos vencê-los.

– Querido pai, tenho ouvido das pessoas que conviveram contigo sobre teu valor e denodo na luta, mas mesmo para um poderoso guerreiro, como tu, será tarefa difícil lutar contra tantos homens. Sozinhos, jamais venceremos tantos pretendentes. Ao todo são quase cem homens. De

Ítaca, há doze da mais fina nobreza. De Dulíquio, vieram cinquenta e dois. De Same, vinte e quatro, e de Zacinto, vinte moços aqueus. Jamais poderíamos vencer tantos!

– Minerva prometeu-me ajuda, filho – respondeu Ulisses calmamente. Que dizes de tê-la como nossa aliada?

– Se ela nos vai ajudar, então ninguém poderá derrotar-nos.

– Não tenhas dúvida, meu filho, pois vamos vencer. Agora façamos nossos planos. Amanhã deves retornar a casa. Sê afável e conversa amigavelmente com os pretendentes, como se ignorasses que te queriam matar. Não demorarei a ir juntar-me a ti. Com a aparência de mendigo, partirei com Eumeu para a cidade. Baterei à tua porta, pedindo esmola e pousada. Assim, poderei observar, pessoalmente, o número e a capacidade desses homens. Se o que tu e Eumeu dissesteis é verdade, receberei injurioso tratamento. Não te esqueças, por mais desrespeitosos que sejam para comigo, que sou um pobre mendigo. Não procures defender-me. Guarda tua ira para a hora da vingança. E, principalmente, lembra-te que nem mesmo tua mãe pode saber que estou de volta.

Permaneceram longo tempo conversando e Ulisses instruiu o filho nos planos da luta. Ao cair da tarde, Minerva voltou e Ulisses a viu, como na primeira vez, em pé 'sob o portal. A deusa sorriu-lhe, tocou nele e partiu. Imediatamente, Ulisses retomou a aparência de mendigo e compreendeu que Eumeu se aproximava. Não passaram muitos minutos e o bom porqueiro surgiu. Mal entrou, foi assaltado de perguntas, que lhe faziam seus dois hóspedes.

– Que notícias trazes da casa de teu amo? – perguntou Ulisses.

– Minha mãe está satisfeita por saber de minha volta? – quis saber Telêmaco.

– Meu príncipe, tua mãe está tranquila e agradecida aos deuses que te protegeram – respondeu o porqueiro.

Mal pôde terminar a frase e Telêmaco já lhe perguntava:

– Os pretendentes que partiram para a emboscada já retornaram?

– Não tive tempo, meu bom amo, de informar-me sobre isso. Achei que melhor seria demorar-me pouco. Porém, em tua casa, todos já sabem do malogro da emboscada. Quando terminei de falar à tua mãe, um jovem, que viajou contigo, penetrou em seus aposentos para informar a rainha de tua volta. Não se contentando de dar somente a ela tal notícia, gritou-a pelos corredores, para que todos a pudessem ouvir.

Telêmaco suspirou, depois, lembrando-se da presença confortadora do pai, sorriu animado e pediu ao porqueiro que preparasse a ceia para que pudessem recolher-se. Quando Eumeu se concentrou no trabalho, pai e filho trocaram significativo olhar e sorriso. Aquele sorriso que trocam duas pessoas que possuem grande segredo, ignorado por todas as outras pessoas.



PENÉLOPE E OS PRETENDENTES

Ao receber a notícia do malogro da emboscada, os pretendentes ficaram furiosos. Perdida a oportunidade de liquidar Telêmaco, longe de casa e sem perigo de comprometerem-se, dificilmente surgiria outra.

– É grande desgraça para nós que nossos planos tenham falhado – disse Eurímaco. Precisamos enviar um navio ao encontro de Antino, para informar-lhe que Telêmaco já se encontra em Ítaca. Do contrário, permanecerá por lá, perdendo seu tempo precioso.

Seguiram para a baía, no intuito de conseguir navio, quando um deles avistou ao longe a embarcação de Antino, navegando em direção à ilha.

– Certamente descobriu que Telêmaco lhe escapou e retorna a casa – comentou o que apontava o navio.

Continuaram seu caminho para encontrar-se com os companheiros que chegavam. Depois que aportaram, dirigiram-se todos para o local das assembleias. Alguns homens ali se encontravam, conversando calmamente. Os pretendentes expulsaram-nos, alegando que tinham assunto privado a tratar. Escolheram dois entre eles, que se aventurassem por aqueles lados.

Antino foi o primeiro a falar e tinha como de costume a voz irritada.

– Dois dias e duas noites vigiamos ininterruptamente e mesmo assim Telêmaco conseguiu passar ileso. Só posso atribuir tal façanha à proteção de algum deus imortal. Mas se escapou desta vez, de outra não terá igual

sorte. Enquanto não eliminarmos Telêmaco, nossa situação junto a Penélope não melhorará. Sustentada pelo apoio que lhe dá o filho, continuará obstinada na decisão de esperar a volta de Ulisses. Acaso não concordais comigo, companheiros?

Parou, esperando a resposta, e somente ouviu alguns murmúrios de aprovação. Um grupo, porém, protestou, dizendo:

– Estamos num jogo perigoso, Antino. É fácil dizer que vamos matá-lo. Mas ele é cidadão e filho de rei. Não é caça ou animal que se mata por prazer. Se descobrirem que fomos seus assassinos, estaremos perdidos.

Muitas vozes levantaram-se, dando apoio ao pretendente que acabara de falar. Antino, de cenho carregado e mordendo os lábios, exclamou:

– Sois uns loucos. Acaso julgais que Telêmaco ignora que planejamos sua morte, quando voltava de Pilos? Não hesitará em reunir os habitantes de Ítaca para denunciar-nos. Levantará o povo contra nós, e vós, que vindes de ilhas vizinhas, tereis de retornar. Quanto a nós, itacenses, seremos obrigados a procurar asilo noutras terras, até que o caso seja esquecido. Não nos resta outra alternativa. Temos de matá-lo o quanto antes para nossa própria salvação.

Essas palavras convenceram a todos. Os que repudiavam o projeto de assassinio ainda não tinham pensado na possibilidade de Telêmaco tornar público o perigo que correra. Habitados a considerá-lo criança cordata e tímida, esqueceram-se de que o filho de Ulisses vinha mostrando ultimamente firmeza e determinação. Assustados com a perspectiva de serem castigados pelo povo, preferiram acatar a ideia de Antino.

– Tens razão, Antino – disseram. Telêmaco deve ser morto, mas é preciso que não lhe seja dado tempo para reunir a assembleia.

Antino sorriu de satisfação e disse:

– Devemos surpreendê-lo em algum lugar fora da cidade. Aproveitaremos uma de suas idas à fazenda de Laerte, seu avô. Ficaremos de tocaia na estrada e não deixaremos escoar a oportunidade de matá-lo, quando voltar em direção à cidade. É preciso lembrar que, se alcançar sua casa, estará a salvo, pois seria loucura atentar contra sua vida na presença da mãe e dos criados, que nos denunciariam.

A maioria dos pretendentes acatou o plano. Havia alguns, porém, que ainda continuavam indecisos, temerosos de arriscar-se em empresa tão perigosa. Antino voltou-se para eles e disse:

– Amigos, não tendes outra alternativa: ou colaborar para o êxito da nossa causa ou partir para vossas casas, desistindo do projeto de casar com Penélope.

– Isto nunca – gritaram.

– Então Telêmaco tem de morrer.

– Estamos contigo, Antino – disseram. Podes contar com cada um de nós.

Antino estava contente com o efeito de sua força persuasiva.

– Voltemos agora para casa – convidou – e vamos esperar o retorno de Telêmaco. Pela sua atitude para conosco, veremos se está ciente da emboscada e nos pretende denunciar ou se ainda a ignora.

Voltaram todos para a casa de Ulisses. Espalhados no saguão, conversavam, riam e divertiam-se com jogos, como se fossem um grupo de moços, divertindo-se inocentemente. Mas suas mentes estavam cheias de pensamentos e planos maléficos e observavam ansiosamente a porta de entrada, esperando ver Telêmaco chegar a qualquer momento.

Durante os dias de ausência de Telêmaco, Penélope não tivera coragem de defrontar-se com aqueles homens, que planejavam a morte de seu filho.

Porém, depois de receber as notícias tranquilizadoras trazidas por Eumeu, mudou de ideia e decidiu-se a descer ao salão, para encontrar-se com seus pretendentes. Chamou as servas e pediu-lhes que lhe trouxessem rico vestido. As escravas correram de bom grado para cumprir a ordem. Alegravam-se por ver a ama novamente animar-se. Desde que Medon a havia inteirado do desejo dos pretendentes de matar seu filho, Penélope abandonara-se sobre uma poltrona, indiferente a tudo. Trazia o vestido amarrotado e o cabelo caía-lhe displicentemente sobre o rosto. Não falava com ninguém e uma das servas procurava consolá-la, mas ela não lhe dava atenção. Por isso, alegrou-lhes tanto a decisão da rainha de vestir-se com elegância. Trouxeram-lhe três vestidos para escolher: dois brancos e ricamente bordados e o terceiro, de tom pálido de cor de açafrão, bordado com artísticas flores e na barra franja escarlate. Sobre esse recaiu a preferência da rainha, que o vestiu, prendendo-o à altura dos ombros com dois finos broches de ouro que retirou de pequeno estoja. As servas pentearam seus cabelos, formando sete longos cachos presos com uma fita. Três caíam-lhe nas costas, dois, em seus ombros, e o último, sobre o seio. Finalmente, envolveram-lhe a cabeça com véu tão transparente que não escondia o brilho de seus cabelos.

Quando ficou pronta, escolheu três servas para acompanhá-la e desceu as escadas em direção ao salão. Atravessou os aposentos das mulheres e o corredor e parou à porta, olhando fixamente para o espetáculo que formavam os pretendentes, conversando e rindo ruidosamente. Seu coração estava cheio de desprezo e desdém por aqueles homens.

Um deles avistou-a e gritou:

– Eis a rainha.

Imediatamente todos lhe dirigiram o olhar e a cumprimentaram respeitosamente.

– Saudações, rainha Penélope. Tua visita muito nos honra, pois têm sido muito raras ultimamente as oportunidades que temos de ver-te.

Penélope, impassível, nada respondeu. Limitou-se a procurar Antino com o olhar e falou-lhe rudemente:

– Não te envergonhas, Antino, de penetrar na casa de Ulisses, depois de teres tramado a morte de seu filho?

Continuou, depois, dirigindo-se a todos:

– Tenho ouvido dizer que sois a fina flor da nobreza de Ítaca e das ilhas vizinhas. Vossas atitudes são consideradas louváveis e respeitáveis vossa sabedoria e juízo. A nata da nobreza! Nesses três anos de amargo e forçado convívio diário, meu filho e eu verificamos o quanto se enganam os que fazem tal ideia de vós. Quando alguém vos vê nas ruas, andando com tanto orgulho, de cabeça erguida, vaidoso de vossa posição de nobres, não percebe quão vis são os vossos corações. Eu que vos tenho visto durante três anos, banquetecendo em casa alheia, sem serdes convidados, e planejando a morte de um inocente, não me deixo enganar como os outros.

Fez ligeira pausa e houve pesado silêncio. Nenhum pretendente ousou responder, pois não sabiam o que dizer. E novamente Penélope começou as recriminações, voltando a dirigir-se a Antino, em alta voz, que ressoava pela sala:

– Como ousaste tramar a morte de Telêmaco, tu e todos os outros? Acaso, já te saiu da memória aquele triste episódio ocorrido na tua infância? Eupetes, teu pai, uniu-se a um bando de piratas táfios e entregou-se à pilhagem e ao saque. Toda Ítaca levantou-se contra ele, para matá-lo. O pobre homem procurou o pai de Telêmaco e lhe implorou proteção. Ulisses teve pena dele e usando seu prestígio e hegemonia junto ao povo, dissuadiu-o de causar mal a teu pai e à tua família.

Tranquilizou-se um pouco e continuou mais calma:

– Oh, Antino, por todos os favores que deves ao meu marido, abandona os planos maléficos contra a vida de Telêmaco e vai-te embora, levando teus companheiros.

Atônitos, os pretendentes remexiam-se nas cadeiras, sem encontrar palavras para dizer-lhe. Antino, debruçado sobre a mesa, passava de uma das mãos para a outra os dados com que jogava, quando Penélope apareceu. Estava furioso, mas não lhe ocorria o que responder-lhe.

Finalmente, Eurímaco, hábil na arte de disfarçar seus sentimentos reais, dirigiu-lhe a esperada resposta com palavras corteses:

– Amável rainha, a mais formosa de todas as nobres senhoras de Ítaca e das ilhas vizinhas, não se perturbe teu coração com tais pressentimentos. São apenas frutos de tua imaginação. Vives amargurada pela profunda dor do desaparecimento de teu esposo e tua mente já não é capaz de imaginar felizes coisas. Só vês desgraças imaginárias em toda parte. Ou talvez chegassem a teus ouvidos rumores forjados por aqueles que, por inveja, te procuram indispor contra nós. Como poderíamos nós, pretendentes da mais encantadora mulher sobre a terra, tramar o mal contra um filho dela? Jamais nos ocorreria tal monstruosidade, pelo simples fato de termos de causar-te aborrecimento.

– Tens a língua envenenada pela falsidade, Eurímaco, mas não tentes enganar-me – disse Penélope.

– Julgas-me mal, nobre rainha. A mim e a todos os meus companheiros. Suplico-te que acredites em minhas palavras. Jamais planejamos a morte de Telêmaco, pois sabemos que ele é o maior bem para a mulher que amamos.

Virou-se depois para os outros e acrescentou:

– Amigos, não concordais comigo?

Vozes elevaram-se em uníssono gritando:

– O que dizes é a verdade, Eurímaco.

Voltando-se para a rainha, o cínico pretendente concluiu:

– Vês, amável rainha, como te enganaste, julgando-nos mal? Acabaste de ter a prova disso. Agora crês em mim?

Penélope não lhe deu resposta, pois sabia que ele estava mentindo. Eurímaco não desistiu e continuou:

– Tranquiliza-te, Penélope, e afasta os tristes pensamentos de teu coração. Juro-te que, enquanto eu viver, não ficará impune o homem que porventura ousar fazer mal a Telêmaco. Cairá por terra ferido mortalmente pela minha lança. Posso afirmar-te que, entre todos os varões em Ítaca, Telêmaco é o mais caro para mim, não só por ser meu amigo, mas em respeito à sua adorável mãe. Eu te suplico, amável Penélope, que acredites em mim.

Parou uns instantes para ver a reação de sua interlocutora. Penélope, porém, continuou imóvel e calada. Vendo-a tão incrédula, Eurímaco insistiu:

– Ainda que não amasse Telêmaco pelas razões que já expus, mesmo assim me seria impossível desrespeitá-lo em memória de seu honrado pai. Ulisses sempre foi bondoso e amável comigo. Quando eu era apenas uma criança e nosso rei ainda não se casara contigo, eu já frequentava esta casa. Ulisses me recebia sempre de bom grado. Pegava-me no colo, dava-me de comer e deixava-me beber vinho em sua própria taça. Tratava-me como criança a que se quer muito bem. Como poderia esquecer-me disso e planejar a morte de seu filho? Crê, boa Penélope, que para mim Ulisses

é o maior e mais respeitável entre todos os homens e é uma pena que o tenhamos perdido.

A menção ao nome do marido comoveu Penélope até as lágrimas. Tinha feito grande esforço para enfrentar os pretendentes e não pôde suportar mais. Afastou-se, correndo em direção de seu quarto, seguida pelas servas. Deitou-se sobre o imenso leito que lhe parecia tão vazio e chorou amargamente de saudades de Ulisses.

Logo que Penélope saiu, Eurímaco sentou-se junto de Antino e disse:

– Não há tempo a perder. Enquanto Telêmaco viver não teremos qualquer possibilidade de fazer Penélope decidir-se. O rapaz está envenenando a mãe com suas queixas.

Logo ao amanhecer, Telêmaco despertou e avisou Eumeu que ia voltar para casa.

– Penso que minha mãe só ficará tranquila quando me puder ver. Por isso devo voltar.

O porqueiro respondeu-lhe:

– Sê cauteloso, meu príncipe. Não confies em nenhum dos pretendentes.

– Não te preocupes, Eumeu. Não me descuidarei. Amanhã deves ir encontrar-te comigo e levar teu hóspede também. Conversei com ele longo tempo ontem à tarde e mostrou enorme desejo de conhecer a esposa de Ulisses e hospedar-se em sua casa. Não lhe pude recusar.

Despediu-se do servo afetuosamente e, depois, virando-se para Ulisses:

– Estrangeiro, terei prazer em receber-te.

Mas quando Eumeu deixou-os a sós, tomou a mão de seu pai, sorriu para ele e disse:

– Que a boa sorte não te deixe.

E partiu apressado, descendo a colina e ganhando o caminho da cidade.

Não demorou muito em chegar a casa e como ainda era cedo não encontrou os pretendentes. A primeira pessoa que viu foi a velha ama Euricleia. Estava ocupada em estender tapetes e cobrir as cadeiras com tecidos, a fim de torná-las mais confortáveis para os hóspedes. Trabalhava resmungando, pois não compreendia por que perder-se tempo em preparar a sala para aqueles homens insolentes.

– Saudações, boa ama – gritou Telêmaco entrando em casa.

Euricleia levantou os olhos e, deixando cair os panos que tinha nas mãos, soltou um grito de alegria. Correu ao encontro do rapaz, que a abraçou.

– Meu filho, como temi não voltar a ver-te. Ontem, quando o porqueiro trouxe a notícia de tua chegada, senti tanta alegria que cheguei a pensar que meu coração fosse romper.

Nem pôde continuar, pois as lágrimas caíam-lhe dos olhos, e deixou-se ficar chorando abraçada a Telêmaco.

Uma das servas de Penélope passou pelo salão e, ao ver Telêmaco, gritou para as outras:

– Príncipe Telêmaco está aqui.

Num segundo, o jovem viu-se rodeado por todos os servos que lhe davam boas-vindas e faziam-lhe perguntas. Fizeram tanto ruído que atraíram a atenção de Penélope, que desceu para ver o que estava acontecendo.

Ao avistar a mãe junto à porta do salão, Telêmaco deixou o grupo, que o rodeava, correu para ela e tomou-a nos braços.

– Mãe querida, sofreste muito por minha causa?

– Meu filho – Penélope chorava copiosamente –, como estou feliz por ter-te novamente a meu lado. És tudo que me resta, desde que teu pai nos deixou para nunca mais voltar. Foste, durante vinte anos, meu único consolo. Se esses homens cruéis te tivessem matado eu teria morrido de dor.

Telêmaco beijou-a e disse, procurando rir, para acalmá-la.

– Enxuga teus olhos agora, mãezinha, pois estou aqui e não há mais motivo de aflição.

Penélope sorriu também e respondeu:

– Estava tão triste e agora sou tão feliz que nem sei se devo chorar ou rir. Mas dize-me: conseguiste alguma notícia de teu pai, em Pilos?

Vendo seu olhar ansioso, onde brilhava um resto de esperança, Telêmaco teve medo de responder-lhe e acabar traindo o segredo do pai. Por isso, respondeu evasivamente:

– Desculpa-me por ora, minha mãe, mas devo partir para o local da assembleia e reunir-me com os velhos amigos de meu pai. Vou contar ao bom Mentor e aos outros que já regressei são e salvo para casa. Certamente, ouviram rumores da emboscada que me foi preparada e preciso tranquilizá-los. Ademais, trouxe comigo, de Pilos, um estrangeiro que procura refúgio em nossa terra, fugido dos inimigos. Deixei-o com Peireu até que pudesse recebê-lo aqui. Vou buscá-lo agora e oferecer-lhe hospitalidade em nossa casa. Quando voltar, contar-te-ei tudo o que se passou em Pilos e em Esparta. Vai agora para teu quarto e reza, pois está próximo o dia em que os pretendentes receberão o castigo merecido.

Dizendo isto, partiu, deixando a mãe intrigada com aquelas palavras. Penélope tinha secreta esperança que significassem algo mais concreto do que simples consolo.

Ao passar pelo portão, Telêmaco deparou com um grupo de pretendentes, que vinha chegando. Cercaram-no com votos de boas-vindas, fazendo-lhe perguntas sobre a visita a Nestor e a Menelau. Telêmaco respondeu-lhes com simples cumprimento e seguiu seu caminho.

– Está indo para o local da assembleia – ponderou um deles.

Decidiram imediatamente acompanhá-lo, pois pelo menos poderiam defender-se, se Telêmaco fizesse qualquer acusação.

Chegando ao local da assembleia, Telêmaco tornou a evitar os pretendentes e sentou-se entre os velhos amigos do pai. Lá estavam Mentor, o ancião que o defendera na última reunião, e Halitese, que conhecera Ulisses menino.

Saudaram Telêmaco com euforia. O moço narrou-lhes todos os episódios de sua viagem. Falou-lhes de Nestor, de Menelau e Helena e da maravilhosa acolhida que tivera em ambos os países. Os pretendentes observavam-no aflitos, temendo que a qualquer instante se levantasse para acusá-los. Telêmaco, porém, seguindo o conselho do pai, só falou sobre coisas agradáveis.

Conversaram durante uma hora, até que foram surpreendidos pela chegada de Peireu, que trazia o estrangeiro Teoclímeno. Peireu saudou o príncipe e perguntou-lhe em seguida se já podia enviar os presentes para a casa de Ulisses.

– Meu amigo – respondeu Telêmaco. As coisas não estão bem entre mim e os pretendentes de minha mãe. Temo sofrer uma cilada a qualquer momento e não desejo dar-lhes o gosto de repartir meus bens entre si.

Prefiro que os guardes, pois demonstraste ser meu amigo, na viagem que fizemos a Pilos. Serão teus se eu morrer. Ao contrário, se nada me suceder, mandarei buscá-los oportunamente.

Virou-se depois para Teoclímeno e disse:

– Se o que acabaste de ouvir não te intimida, minha mãe e eu teremos imenso prazer de receber-te em nossa casa. Contudo, se preferes não travar conhecimento com os pretendentes, dou-te razão, pois qualquer homem de bom-senso evitaria esse encontro.

O estrangeiro sorriu e respondeu:

– Desde que esteja a salvo de meus próprios inimigos não temo nem os mais ferozes pretendentes. Além disso, creio que esse estado de coisas em tua casa não durará por muito tempo. Lembra-te que tenho fama de ser bom profeta.

Telêmaco resolveu, então, voltar e Teoclímeno acompanhou-o. Chegando a casa, Euricleia preparou-lhes, num canto do salão, mesa com alimento e vinho. Penélope veio juntar-se a eles, trouxe sua roca e ficou ouvindo atentamente a narrativa do filho sobre suas aventuras, enquanto trabalhava.

Telêmaco contou-lhes toda a sua viagem. Falou de Nestor e de Menelau e elogiou a beleza de Helena. Não lhes ocultou nem mesmo o diálogo que Menelau travara com o Velho Homem do Mar. Terminou dizendo:

– Devemo-nos alegrar, mãezinha, pois Ulisses está vivo. Mais cedo ou mais tarde voltará para casa. Os deuses o protegerão.

Penélope afastou o trabalho para um lado e sacudiu a cabeça num gesto de desânimo.

– Jamais poderá livrar-se do poder da ninfa. Não tenho esperanças de voltar a vê-lo.

Telêmaco sentiu ímpeto de contar-lhe toda a verdade para aliviar a aflição que se estampava em seu rosto. Olhava para a porta, imaginando que, dentro de poucas horas, Ulisses entraria por ali. Entretanto, nada disse que pudesse trair o segredo. Limitou-se a consolá-la:

– Nada é impossível com a ajuda dos deuses. E eles têm sido generosos conosco ultimamente.

O estrangeiro, percebendo a tristeza de Penélope, disse:

– Amável rainha, dá crédito às minhas palavras, pois posso afirmar-te que, muito em breve, teu marido estará ao teu lado. Nesse instante em que te falo, ele já se encontra a caminho de sua casa. Não me perguntes onde consegui tal informação, mas crê que todas as previsões que faço têm-se concretizado.

Ao ouvir isto, Telêmaco espantou-se por presenciar tamanho poder de profecia. A nada mais podia atribuir as palavras do hóspede, pois somente ele sabia da chegada de Ulisses.

Penélope também olhou para o estrangeiro e respondeu mais animada.

– Espero que tenhas dito a verdade. Se tua predição confirmar-se serás respeitado para sempre por mim e pelos meus.

A conversa foi interrompida pela entrada de Medonte, o arauto, que fora ao pátio chamar os pretendentes, que se divertiam com os jogos, para o almoço. Percebendo que logo a casa seria invadida, Penélope retirou-se para seus aposentos.



ULISSES VOLTA A SUA CASA

Quando a noite se aproximava, Eumeu e o mendigo iniciaram a caminhada em direção à casa de Ulisses. Desceram a colina e já se encontravam nos arredores da cidade, quando pararam para descansar sob os álamos que rodeavam fonte de águas cristalinas. Pouco depois chegou àquele local o pastor Melântio, encarregado de cuidar das cabras de Ulisses. Levava alguns animais consigo, destinados aos banquetes dos pretendentes. Ia satisfeito, pois agradava-lhe servir àqueles homens, ansiando pelo dia em que um deles se tornaria dono da casa, pois, então, haveria de conseguir alto posto. Parou para conversar com umas mulheres, que enchiam seus potes e, vendo Eumeu, acompanhado por um mendigo maltrapilho e velho, falou com ares zombeteiros:

– Vejo, Eumeu, que te fazes acompanhar por aqueles que são iguais a ti. Tens a petulância de trazer para o palácio esse andarilho, para impacientar os convivas com seus rogos e lamentos? Se procura trabalho, manda-o à minha fazenda. Poderá servir para tratar dos animais. Certamente, vai recusar, pois esse tipo de homens, para evitar esforço, prefere andar de cidade em cidade, vivendo da caridade alheia. Engana-se, porém, se pretende encontrar hospitalidade em casa de Ulisses. Os nobres pretendentes saberão dar-lhe o tratamento que merece e o atirarão à rua, com seus trapos imundos.

Dizendo isto, deu violento pontapé em Ulisses, que teve vontade de traspassar-lhe o peito com a lança. Porém permaneceu impassível, pois um gesto impensado poderia pôr a perder todo o seu plano de vingança.

– Devias envergonhar-te – gritou Eumeu – por ofenderes um ancião. Teus modos se tornaram insuportavelmente insolentes, porque contas com a simpatia dos usurpadores da casa de meu amo. Quisera que os deuses imortais ouvissem minhas preces e enviassem o bom Ulisses de volta à sua terra. Então a nenhum pedinte seria recusada hospitalidade e um servo não ousaria falar em termos insultuosos como os teus.

– As advertências que fazes mais parecem o ganir de filhotes de cães. És um louco por acreditar no regresso de Ulisses. Nosso rei está morto e sepultado bem longe daqui e bom seria se Telêmaco estivesse ao lado do pai. Será sem dúvida um dia feliz quando esse rapazinho morrer.

Dizendo isto, afastou-se, gritando com os animais que se extraviavam.

Ulisses e Eumeu continuaram vagarosamente seu caminho. Iam calados. Eumeu não ousava dirigir qualquer palavra a seu hóspede. Sentia-se culpado pelo triste incidente, pois ele e Melântio eram inimigos antigos e o pastor não perdia oportunidade de injuriá-lo. Estava envergonhado e caminhava de cabeça baixa. Quanto a Ulisses, tinha outros motivos para conservar-se silencioso. Estava aproximando-se de sua casa, depois de tão longa ausência. Sonhara muitas vezes com essa volta, mas nunca a imaginara naquelas condições. Esperava voltar vitorioso, aclamado pelo povo, e encontrar a esposa e o filho junto ao portão da casa, radiantes de alegria. Era bem diferente a realidade. Voltava sob a aparência de mendigo, com as vestimentas andrajosas, segurando um bordão.

Estava alquebrado e andava com dificuldade. Como escolta, tinha apenas um porqueiro. Era obrigado a chegar sem avisar a esposa, e seu filho não poderia dar mostras de reconhecê-lo.

Quando se aproximaram do portão, Ulisses quebrou o silêncio, dizendo:

– Amigo, parece-me que chegamos à casa de Ulisses. Estarei enganado?

– Adivinhaste bem – respondeu-lhe o servo –, esta é a casa de meu amo.

– Não poderia confundi-la com outra, pois tem aspecto de moradia de rei. Os muros que a cercam são altos e espessos e grande é o portão. O pátio é espaçoso e pelo que posso ver daqui a casa é construção vasta e forte.

– A casa condiz com o poderio e nobreza do homem a quem pertence – disse Eumeu. Mas está cheia do vozerio e da presença daqueles que não têm direito de permanecer aí.

Parou alguns instantes, absorvido em amargas reflexões, e continuou depois:

– Deves resolver, estrangeiro, se preferes penetrar comigo para tentar a sorte junto aos pretendentes ou se vais esperar que eu entre primeiro. Poderás, também, se quiseres, ir adiante de mim, pois receio que, ao te verem só, atirem pedras e insultos para expulsar-te.

Ulisses sorriu e replicou:

– Todo mendigo está acostumado a receber pedradas e injúrias. Não te preocupes e entra em casa. Seguirei depois de ti.

Vendo que esse era o desejo do ancião, Eumeu adiantou-se. Junto ao portão estava deitado um velho cão. Fora animal forte, vigoroso e esperto, mas a avançada idade roubara-lhe o vigor e mal era capaz de sustentar-se

de pé. Pouco antes de partir para Troia, Ulisses tomou-o sob seus cuidados, deu-lhe o nome de Argo e ensinou-lhe numerosas coisas. Ter-se-ia tornado hábil animal se as lições não fossem interrompidas, quando ainda não passava de filhote. Mas, apesar da longa separação, Ulisses reconheceu-o imediatamente e falou para Eumeu:

– E uma pena deixar um animal valioso como este abandonado, sem cuidados. Apesar de velho, pode-se perceber que foi esperto e bom auxiliar na caça.

Ao ouvir a voz do dono, Argo abriu os olhos e suspendeu as orelhas. Moveu ligeiramente a cabeça e sacudiu a cauda. Ulisses comoveu-se até as lágrimas e escondeu o rosto para que o porqueiro não percebesse.

– Sem dúvida é um belo animal – concluiu Eumeu.

Quando jovem, era o cão mais ligeiro e de melhor faro em toda Ítaca. Agora, que já perdeu a agilidade, os servos se esquecem dele. Somente o dono cuida bem de seus pertences. Se Ulisses estivesse aqui, os servos não seriam negligentes.

Argo procurou levantar-se para ir ao encontro de Ulisses. Porém o esforço foi superior à resistência de seu coração e ele tombou morto.

Sem perceber, Eumeu continuou a andar, advertindo ao companheiro:

– Não percas tempo. Entra logo depois de mim. E penetrou no alpendre.

Ulisses, porém, vendo o pobre animal cair morto, inclinou-se sobre ele. Dominou os soluços que teimavam em sufocá-lo. Respirou fundo e refletiu que afinal não lhe faltara recepção de um amigo fiel. Deixou o cão e caminhou em direção à porta de entrada. Sentiu ligeiro estremecimento ao transpor a soleira da porta, depois de vinte anos de ausência.

Os pretendentes estavam reunidos no salão e suas vozes ecoavam por toda a casa. Era a hora do jantar. Ulisses sentou-se sob o portal e ficou observando o grupo. Eumeu sentara-se ao lado de Telêmaco e lhe dizia alguma coisa ao ouvido. Do outro lado, viu Melântio conversando e rindo com Eurímaco. O pastor julgava que esse era o pretendente que maiores possibilidades tinha de conseguir a mão da rainha. Por isso, não poupava esforços para agradá-lo, preparando terreno para futuros benefícios.

Não demorou muito e Telêmaco enxergou o pai. Deu ao porqueiro um prato com carne e uma fatia de pão e mandou-o entregar ao mendigo.

– Vai entregar este alimento ao pobre andarilho. Dize-lhe que se desejar mais consiga-o com os nossos convidados.

Disse isto para que o pai pudesse observar pessoalmente o que já ouvira sobre os sentimentos inescrupulosos dos pretendentes.

Eumeu cumpriu a ordem e Ulisses agradeceu-lhe dizendo:

– Que os deuses abençoem o bom príncipe.

Comeu o que Telêmaco lhe mandara e levantou-se depois, estendendo o prato aos demais convivas. Deu a volta em toda a mesa até chegar a Antino, que se achava em uma das cabeceiras. Alguns colocaram um pedaço de carne em seu prato. Outros olhavam-no surpresos, indagando de onde viera aquele homem maltrapilho.

– Posso dizer-vos quem o trouxe – gritou Melântio, levantando-se. Encontrei o porqueiro Eumeu, no caminho para a cidade, conduzindo o mendigo. Não sei informar-vos quem seja, nem de onde procede.

Antino não gostava de Eumeu, pois o porqueiro era fiel a seu amo e defendia bravamente os rebanhos de Ulisses da ganância dos pretendentes de Penélope. Virou-se para ele e gritou com voz irritada:

– Acaso não julgas, Eumeu, que já temos número suficiente de mendigos em Ítaca e ainda trazes mais um para aborrecer-nos em nossos banquetes? Vives defendendo os bens de teu amo, mas vejo que tens pouca preocupação em poupá-los. Demonstras ser bem irresponsável, trazendo um desocupado para participar da mesa de Ulisses.

Eumeu calmamente deu-lhe a resposta:

– Apesar de descenderes de nobre família, tuas palavras traduzem a pouca sabedoria de tua mente. A ninguém é permitido recusar abrigo e refeição a pobres mendigos que vêm pedir ajuda. É obrigação dos mais favorecidos auxiliar os infortunados. Não podes compreender isto, pois és cruel não só para com os pedintes, mas trata mal a todos os servos desta casa, principalmente a mim. Entretanto, confiado na bondade da rainha Penélope e de seu filho, não hesitei em trazer este pobre homem.

Telêmaco interrompeu-o dizendo:

– Não dês a Antino o prazer de trocar palavras ásperas contigo, pois seu passatempo predileto é discutir e ofender os outros.

Depois, redobrando a ironia, disse para Antino:

– Agradeço-te pelo interesse que demonstraste em zelar pelos meus bens. Porém não creio que poucas migalhas oferecidas a um mendigo me farão falta. Gostaria de ver-te dar esmolas e alimentos que não te pertencem. Vamos, Antino, toma um pouco de alimento da mesa de Ulisses e oferece ao pedinte. Mostra assim que não desejas guardar só para ti aquilo que reservas ilicitamente.

– Vejo que retomaste o tom de falsa valentia, Telêmaco. Pensei que tivesses voltado a ter boa atitude, mas sou forçado a crer que me enganai. Quanto a ti, velho andrajoso, se meus companheiros e eu te déssemos o que gostaríamos de dar, não ousarias voltar a esta casa por muito tempo.

Enquanto falava, ameaçou Ulisses com o tamborete em que colocava os pés.

As risadas dos pretendentes encheram o salão. Porém, apesar disso, todos foram pródigos em oferecer alimento ao pobre mendigo. Todos, exceto Antino. Ao passar por ele, Ulisses disse:

– Senhor, excedes teus companheiros em dignidade, porte e nobreza. Sê, pois, generoso e oferece-me uma esmola maior do que as que foram dadas. Em troca, espalharei a tua fama de homem justo e bom por todas as terras onde passar. Também já fui rico e possuía numerosos bens. Porém sobreveio a desgraça e hoje sou o que vês: um miserável que vive da caridade de homens bons como tu.

– Não nos aborreças com a narrativa de teus infortúnios e some daqui. Do contrário, te tomaremos de volta as esmolas que recebeste – falou Antino com azedume.

Virando-se depois para um servo, pediu-lhe que lhe servisse mais vinho. Ulisses, porém, voltou a insistir:

– Julguei-te mal. Não és o nobre homem que aparentas.

Depois, continuou com ligeiro sorriso sarcástico:

– Se és tão mesquinho com os bens alheios, fico a imaginar como não serás quando um pobre mendigo bate à porta de tua própria casa. Certamente, não logra receber nem um grãozinho de sal.

Antino deu um salto e jogou o tamborete contra Ulisses, gritando:

– Vai-te daqui imundo pedinte, que ousas falar-me dessa maneira. Não me ouviste quando te recomendei que partisses e sou obrigado a expulsar-te à força.

Ulisses não lhe deu resposta. Aguentou impassível o golpe, virou-lhe as costas calmamente e dirigiu-se para a soleira da porta, onde sentou-se.

Os pretendentes repreenderam Antino, lembrando-lhe que talvez o estrangeiro fosse um deus imortal que descera do Olimpo para presenciar a vida dos homens. Lembraram-lhe que ninguém conhecia sua proveniência. Tudo o que sabiam é que fora trazido por Eumeu. Antino não lhes deu ouvido. Continuou a beber seu vinho, esquecido da brutalidade que acabara de praticar. Telêmaco, com os punhos cerrados e o olhar inflamado, fazia secreta promessa de vingar o tratamento que o pai tinha recebido.

Um servo, ao dirigir-se à cozinha para buscar mais alimento, encontrou-se com uma das aias de Penélope e contou-lhe como Antino tratara o pobre pedinte. A moça correu a avisar a ama e Penélope ficou furiosa com a insolência cada vez maior de Antino.

– Anseio por ver esse homem castigado – exclamou.

– Que os deuses te ouçam, minha rainha – ajuntou Euricleia com fervor.

– É o mais detestável de todos – continuou Penélope. A situação na casa de Ulisses chegou a tal ponto que sua esposa e seu filho nada podem fazer para evitar que maltratem um ancião.

Ordenou, em seguida, que fossem chamar o porqueiro Eumeu, pois queria informações sobre o estrangeiro.

Ao chegar o porqueiro, Penélope indagou-lhe quem era o mendigo e onde o encontrara.

Eumeu deu-lhe as informações que possuía e Penélope continuou:

– De acordo com tuas palavras, o andarilho deve ser honesto. Vai dizer-lhe que venha à minha presença. Desejo falar-lhe. Talvez tenha alguma notícia de meu marido.

– Senhora, durante os três dias que hospedei o estrangeiro em minha casa, distraiu-me com a narrativa de suas aventuras. Porém são tão numerosas que não se esgotariam em três meses ou até três anos de visita. Contou-me que lutou ao lado de meu amo Ulisses, em Troia.

– Não percas tempo, Eumeu. Vai depressa e traze o mendigo pois estou ansiosa para falar-lhe.

O porqueiro dirigiu-se para o salão e transmitiu a ordem a Ulisses, que lhe respondeu:

– Temo incitar a ira dos pretendentes se a rainha mostrar-se complacente comigo. Prefiro esperar que todos partam para suas casas e então irei encontrar-me com tua ama para responder-lhe todas as perguntas que me fizer sobre o esposo

Eumeu voltou a subir, desta vez levando a resposta do mendigo. Ao ouvi-la, Penélope admirou a prudência demonstrada pelo desconhecido e disse:

– O estrangeiro parece ser homem de juízo. Em pouco tempo, percebeu a triste situação desta casa. Quando meus pretendentes se despedirem, descerei para encontrar-me com ele.

Em seguida, o porqueiro foi ao encontro de Telêmaco para dizer-lhe boa noite, pois pretendia retornar ao trabalho. Acercou-se do príncipe e recomendou-lhe com voz baixa que fosse cuidadoso, pois estava cercado de ferozes inimigos. Telêmaco pediu-lhe que voltasse no dia seguinte pela manhã. Ao passar pela porta, Eumeu foi saudado fervorosamente por Ulisses, que lhe desejou feliz retorno. Respondeu ao mendigo e foi seguindo seu caminho, feliz por afastar-se da companhia daqueles homens vis, mas preocupado com a segurança do príncipe.

Terminado o jantar, o menestrel começou o canto e os homens divertiram-se até altas horas, dançando e conversando ruidosamente. Ulisses, sentado, sob o portal, observava-os.

Havia em Ítaca um pedinte famoso pela sua preguiça, de nome Iro. Era gordo e indolente. Percorria as casas da cidade à procura de vinho e alimento, lamentando-se do seu triste destino. Entretanto, a sorte lhe seria bem menos penosa, se tivesse vontade de trabalhar. Trabalho não lhe faltava, mas cada vez que alguém precisava de seus serviços, desaparecia. Era assíduo frequentador do pátio da casa de Ulisses. Divertia os pretendentes e até Antino, que era severo para com mendigos, não lhe negava esmolas.

Naquela noite, Iro apareceu no palácio e logo encontrou-se com Ulisses, sentado na soleira da porta. Deu-lhe um empurrão, dizendo:

– Vai-te daqui velho, porque este lugar é meu. Não me obrigues a surrar-te para que desapareças.

– Amigo, não cobiço nada do que é teu nem pretendo privar-te das esmolas que esses homens te dão. Mas sê razoável. A soleira é suficientemente larga para abrigar a ambos. Não procures provocar-me, pois apesar da idade, meus pulsos são vigorosos para revidar teus insultos.

Iro deu uma gargalhada e disse:

– Tuas gabolices são inúteis. Como poderias brigar com homem vigoroso como eu? É melhor que te vás ou então mostrarei aos ilustres pretendentes como sei defender meus direitos.

Antino ouviu essas palavras e riu-se. Levantando-se com dificuldade, pois o vinho tornara suas pernas trôpegas, disse com o rosto em brasa:

– Amigos, algum deus preparou interessante entretenimento para nós. Iro e o estrangeiro estão discutindo. Que lutem para que vejamos qual é o melhor: o gordo Iro ou esse velho tolo e maltrapilho.

Os convivas acataram a ideia de bom grado. Jamais Telêmaco sentira tanto ódio como naquele instante.

Antino, segurando um copo nas mãos, apontou para o fogo e continuou com voz trêmula pela embriaguez:

– Estão sendo cozinhados deliciosos bolos para nossa ceia. O vencedor da rixa poderá escolher quantos quiser. Terá também livre acesso à nossa mesa e nenhum outro mendigo lhe fará concorrência nesta casa.

Estas palavras provocaram risos e gracejos. Ulisses, porém, pareceu acatá-las e levantou-se dizendo:

– Concordo em lutar sob uma condição. Quero ter apenas Iro como adversário. Nenhum de vós, ansioso por ver vosso favorito vencedor, poderá ajudá-lo a abater-me.

Os homens nada objetaram e Telêmaco falou:

– Estrangeiro, se fores vencedor no combate, juro que estarei a teu lado para lutar com quem quiser vingar a derrota de Iro.

Os pretendentes rodearam os dois contendores. Ulisses arriou o velho saco de couro que lhe pendia do ombro e arregaçou a surrada túnica até os joelhos. Alguns, observando-lhes os movimentos, comentaram:

– A despeito de sua idade cremos que em pouco tempo o estrangeiro vencerá Iro.

Iro ouviu e, como estava amedrontado, procurou fugir sem que percebessem. Não era lutador. Apenas desafiara Ulisses, pois julgou-o um ancião sem força e coragem. Não foi, porém, bem-sucedido no seu projeto

de fuga. Os pretendentes pegaram-no e trouxeram-no novamente para o centro da roda.

Iro e Ulisses mediram-se por alguns minutos. Os assistentes gritavam ora pelo nome do primeiro, ora atijando o estrangeiro. Animado, Iro deu o primeiro murro que atingiu o ombro de Ulisses. Em revide, Ulisses saqueou-o fortemente na cabeça. Iro caiu ao chão gemendo. Os pretendentes riam e bebiam mais vinho para celebrar a vitória. Enquanto isso, Ulisses arrastou o mendigo para fora, deixando-o desfalecido na rua. Ao voltar, foi saudado com vivas. Fizeram-no sentar à mesa, deram-lhe vinho, Antino ofereceu-lhe o maior bolo e foi feito um brinde em sua honra.



ULISSES CONVERSA COM SUA ESPOSA

Enquanto os pretendentes comemoravam com ironia a vitória do estrangeiro, ocorreu a Penélope a ideia de descer até o salão e falar aos homens. Temia pela longa permanência do filho na companhia de inimigos. Adornou-se com joias e escolheu gracioso vestido. Cercada por duas servas, desceu as escadas, atravessou o corredor e parou junto à porta do salão. Ao darem pela sua presença, imediatamente cessaram a conversa. Ficaram todos mudos e maravilhados e cada um dos pretendentes podia jurar que jamais a vira tão bela.

A visão da esposa deu a Ulisses imensa alegria. Estava linda, envolta em vestido que lhe caía sobre os ombros.

– Telêmaco – disse Penélope –, enquanto foste criança eras sensato e tuas ações louváveis. Vejo que estás mudado e talvez seja devido à influência de certas companhias.

Relanceou o olhar para os pretendentes e continuou:

– Como podes permitir que um pobre ancião seja ofendido e injuriado debaixo de teu teto? Esse gesto deixa-me envergonhada e espero que não se repita.

Ulisses observava-a enquanto falava.

"Está mais amadurecida – pensava ele –, como é natural. Transformou-se em bela mulher, pois quando parti era apenas simples mocinha, recém-saída da adolescência. Entretanto, não mudou muito. Continua tão bela como antes."

Vendo-a, sentia-se feliz. Chegava a esquecer-se das dificuldades que o esperavam e só tinha pensamento para sua adorável esposa.

Telêmaco respondeu polidamente à mãe:

– Não compreendo por que me repreendes. Meu coração sabe ainda discernir o que é bom do que é reprovável. Contudo não sou dono na própria casa de meu pai e não posso dar ordens segundo meus desejos.

Foi aos poucos elevando a voz e continuou:

– Certamente, os servos informaram-te como o estrangeiro foi incitado a lutar com Iro. Porém, surpreendeu a todos pela força e agilidade com que o derrotou. A estas horas, Iro já foi levado para fora dos portões. Como desejo, minha mãe, que todos os teus pretendentes tivessem a mesma sorte de Iro!

Eurímaco interrompeu-o, dirigindo-se a Penélope com estas palavras:

– Amável rainha, jamais a vimos tão bela quanto hoje. Se todos os homens da Grécia pudessem vê-la, amanhã esta casa já não seria suficiente para abrigar teus pretendentes.

Penélope respondeu-lhe gravemente:

– Toda a minha alegria e todo o meu encantamento abandonaram-me no dia em que meu adorado marido partiu para Troia. A mulher infeliz, que pranteia a perda do esposo, não pode parecer bela, pois a beleza e a felicidade andam juntas. Não possuo qualquer das duas. Como se não bastasse chorar a ausência de Ulisses, vieste com teus companheiros

aumentar meu infortúnio, desrespeitando esta casa e dissipando a herança de meu filho. Devias envergonhar-te pela maneira com que me cortejas.

Antino, levantando-se, falou:

– São inúteis tuas recriminações, bela rainha, pois nenhum de nós arredará pé daqui até que faças tua escolha. Decide-te e os que forem preteridos deixarão esta casa. Rogo-te que me atendas e reforço meu pedido, bebendo esta taça de vinho.

Penélope não lhe deu resposta. Cobriu o rosto com o véu e deixou-os, dirigindo-se aos seus aposentos. Os pretendentes continuaram seu festim e, como já estava escuro, pediram aos servos que trouxessem tochas acesas.

O fogo foi acendido nas três grandes tocheiras. Alguns escravos ficaram encarregados de zelar para que a chama não apagassem e de vez em quando a alimentavam com gravetes. Como o serviço fosse pouco, distraíam-se conversando. Vendo-os perder o tempo com tarefa tão simples, Ulisses aborreceu-se e disse:

– Servos indolentes, ide ocupar-vos em trabalho mais útil que eu cuidarei para que o fogo não se apague.

Os escravos aborreceram-se com aquela intromissão e um deles exclamou:

– Por que te metes conosco, mendigo insolente? Vai-te daqui e procura abrigo em casa humilde de algum camponês, pois tua presença é destoante neste instante.

Ulisses zangou-se por ver a maneira com que os criados de sua casa tratavam os mendigos que ali eram recebidos.

– Devias envergonhar-te pelas palavras insultuosas que diriges a um ancião – argumentou. Vou procurar o príncipe Telêmaco e me queixarei. Agora, retira-te que cuidarei das tochas.

Era tão autoritária sua voz que os escravos, temerosos de ter a mesma sorte de Iro, apressaram-se em obedecer. Ulisses ficou só, mantendo o fogo, alimentando-o com lenha bem seca.

Como agradasse a Eurímaco ferir os humildes com seu sarcasmo e fina ironia, dirigiu-se a ele, dizendo:

– Estrangeiro, gostaria de trabalhar e ganhar honestamente a vida, em minhas fazendas? Lá poderás carregar pedras para as construções ou cuidar dos cães de caça. Ou será que preferes continuar como preguiçoso ambulante, que vive dos restos que lhe dão?

Ulisses deu-lhe resposta no mesmo tom:

– Se a nós ambos fossem dados dois campos de feno para ceifar e duas foices idênticas ou se tivéssemos arados e fortes bois para puxá-los, eu te garanto que o meu trabalho renderia bem mais que o teu. Não zombes de mim, pois que ainda não me viste trabalhando e nem tampouco me observaste numa batalha. Não ousarias escarnecer de mim se me visses envergando a armadura, brandindo a espada e derrubando inimigos. Convives com homens mais fracos e menos ágeis que tu. Por isso, tu te tornaste insolente, apoiado nesse falso conceito de capacidade.

Eurímaco, de habitual tão calmo e irônico, ficou furioso.

– O vinho roubou-te a razão, ou a vitória sobre Iro transtornou-te o juízo? – gritou. Do contrário, jamais ousarias falar-me assim.

Dizendo isso, atirou um banco sobre Ulisses. Este, porém, desviou-se e o tamborete foi atingir um servo que passava com um jarro de vinho nas mãos. O golpe derrubou-o, o vaso escapou-lhe das mãos e o vinho entornou pelo assoalho. Ao ver desperdiçada a bebida, os pretendentes levantaram protestos e ninguém se entendia em meio à confusão que se formou.

Telêmaco levantou-se e gritou com todas as forças para que o pudessem ouvir:

– Ide curar-vos em vossa própria casa da embriaguez. Fartastes com o vinho de minha mesa, mas agora deixai-me descansar em paz.

Os pretendentes estavam tão bêbedos que, apesar de não acatarem as admoestações de Telêmaco, resolveram partir.

– O melhor é descansar – diziam. Amanhã voltaremos para outro festim.

Beberam o último copo e foram-se retirando em razoável ordem.

Era costume manter no vestíbulo algumas armas para uso em ocorrência inesperada. Longas lanças ali se alinhavam junto à parede e pequenos dardos estavam colocados sobre colunas. Eram usados nas competições habituais dos pretendentes, no pátio. Havia também espadas e escudos para o caso de alguém precisar usá-las em viagem para proteger-se dos assaltos.

Enquanto os pretendentes saíam, Ulisses observava as armas. Considerava que, colocadas ali, significariam grande perigo para eles. Pretendia atacar os pretendentes, quando estivessem desprevenidos, carregando apenas pequena espada. Dois guerreiros, lutando contra cem homens desarmados, poderiam ter certa possibilidade de vitória. Mas se os inimigos se apossassem daquelas armas e se protegessem com os escudos, tornar-se-iam invencíveis.

Logo que se viu só com Telêmaco no salão, Ulisses falou-lhe:

– Deves recolher todas as armas ao arsenal. Se teu gesto provocar suspeitas nos pretendentes, justifica-te, dizendo que precisam de polimento, pois começam a enferrujar-se. A fumaça da lareira lhes estraga o brilho. Se insistirem, deves argumentar que achas perigoso deixar as

armas expostas, pois ao se embriagarem poderão surgir discórdias entre eles e degenerar em luta sangrenta. Separa apenas duas espadas e duas lanças e um escudo para cada um de nós. Deixa isto em lugar de fácil alcance e esconde todo o resto.

Telêmaco obedeceu.

Quando restavam somente as armas reservadas para eles, Ulisses pediu ao filho que fosse repousar das canseiras do agitado dia.

Explicou-lhe que ficaria por lá esperando que Penélope viesse a seu encontro, como prometera.

O moço despediu-se do pai e retirou-se para o quarto. Ia tão excitado, pensando nos acontecimentos do dia e imaginando os que estavam por vir, que julgou não pudesse conciliar o sono. Porém, mal deitou-se, adormeceu tranquilo.

Os servos dirigiram-se ao salão para limpar os restos do banquete e prepará-lo para o dia seguinte. Finalmente, Penélope desceu acompanhada pelas aias. Instalou-se junto ao fogo, na cadeira de madeira incrustada com prata e marfim, que as escravas tinham trazido.

Um dos servos, que se distinguiu pela maneira afável com que tratava os pretendentes da ama, vendo que Ulisses permanecia no salão, gritou-lhe:

Estrangeiro, é hora de sair. Já não te fartaste com comida e vinho? Esperas ainda receber mais? Vai-te daqui o quanto antes.

– Antes de injuriar os outros, pensa em ti mesmo. Talvez algum dia te encontres em triste situação e dependerás da bondade de nobre senhora que te oferecerá pousada e proteção – respondeu Ulisses.

Penélope ouviu o diálogo e chamou o servo à parte, dizendo:

– Cala-te e deixa o estrangeiro em paz. És bem mais cordato no tratamento que dispensas aos meus intrusos pretendentes. Os escravos não devem esquecer sua posição e pretender governar a casa. Aproveitas da ausência de meu marido, mas deixa-me agora, pois quero perguntar ao estrangeiro se é portador de quaisquer informações sobre Ulisses.

Penélope chamou Ulisses e os servos colocaram uma cadeira para ele junto à dela.

– Dize-me, estrangeiro, teu nome e o de teu país – disse Penélope.

– Boa rainha, não me faças perguntas sobre minha existência, pois é história triste que não posso narrar sem lágrimas. Não seria conveniente importuná-la com meus infortúnios e tristezas. Pergunta-me o que quiseres, mas não me obrigues a relembrar minhas aventuras infelizes. Sei que me podes compreender, pois a fama de tuas virtudes ultrapassa os limites de Ítaca.

– Desde que meu marido partiu, sou apenas uma pobre mulher amargurada, que chora sua ausência. Minha beleza e qualidades já me abandonaram. Sou uma sombra do que fui, uma pobre criatura desamparada que perdeu o marido que tanto amava e está à mercê de um grupo de homens insolentes.

Penélope suspirou e continuou:

– Sou forçada a tornar agora urna decisão. Durante três anos, consegui enganá-los com um ardil e adiar minha escolha. Um dia, porém, descobriram que estavam sendo ludibriados e tive de prometer-lhes que, em breve, me decidiria. Meu filho já é homem feito e, enquanto meus pretendentes permanecerem nesta casa, desafiando sua autoridade e consumindo sua herança, não poderá firmar-se como filho e herdeiro do rei. Contudo, seja qual for meu escolhido, sei que jamais poderá comparar-se ao meu primeiro marido.

Quando Penélope terminou suas queixas, Ulisses falou:

– Conheci teu esposo, quando se dirigia para Troia, pois foi meu hóspede durante doze dias. Era homem excelente e jamais me esquecerei de sua visita. Agradava-me sobremaneira oferecer-lhe hospitalidade. Conversávamos longo tempo e jamais cansei-me de ouvi-lo.

Penélope chorou ao ouvir a narrativa do estrangeiro. Invejava aquele homem, que tivera oportunidade de estar com Ulisses depois que ele partira de Ítaca, e não duvidou de suas palavras. Mas como fora tantas vezes enganada por andarilhos, que lhe contavam histórias mentirosas, desejou certificar-se.

– Dize-me, estrangeiro, para que eu possa acreditar em ti. Que vestimentas trazia Ulisses, quando foi recebido em tua casa?

– Boa rainha, os anos me ofuscam a memória. Porém, tentarei recordar-me. Se não me falha a lembrança, teu marido trajava leve túnica tecida com fios brilhantes e uma capa cor de púrpura, presa ao ombro com um broche. Era joia tão interessante que não me esqueci dela. Representava um galgo perseguindo um corço.

Ouvindo tal descrição, Penélope recordou-se dos trajes de Ulisses, quando partira, e verificou que a estrangeiro falava a verdade. As lágrimas correram-lhe pelo rosto.

– Creio em ti, estrangeiro, pois realmente eram essas as roupas que Ulisses usava. Fui eu que as teci com meu tear, e o broche, a que te referiste, eu o escolhi, no meu estojo de joias, pois o apreciava muito.

Parou alguns momentos, impedida de continuar, pela comoção. Depois de alguns instantes disse:

– É muito doloroso para mim recordar tais coisas. Perdoa-me, estrangeiro, minha emoção.

– Graciosa rainha, não derrames tuas lágrimas, pois só o deve fazer a mulher que se enviúva. Teu marido está vivo e salvo e muito em breve estará aqui para tua alegria e de teu filho. Crê no que digo, pois é a verdade.

Penélope meneou a cabeça:

– Gostaria de ter esperanças. Sei, porém, que, apesar de estar vivo, Ulisses jamais retornará. Devo enfrentar a realidade e decidir-me a casar novamente. Mas é tarde e privo-te do descanso com minhas lamúrias.

Chamou, em seguida, os servos e ordenou-lhes que preparassem confortável cama no vestíbulo para o hóspede. A Euricleia, pediu que trouxesse uma bacia para lavar os pés do estrangeiro. A boa mulher correu com uma bacia de bronze, toalha de linho e duas bilhas de água quente e fria.

Ao perceber a aproximação da ama, Ulisses temeu ser reconhecido pela cicatriz que tinha numa das pernas. Fora mordido por um javali, durante uma caçada, muitos anos atrás. Para que a serva não a percebesse, retirou-se para um canto bem escuro.

Euricleia pousou a bacia no chão, olhou fixamente para o estrangeiro e exclamou:

– Se fechasse meus olhos e te ouvisse falar haveria de jurar que ouvia meu amo. Tua voz é idêntica à dele, jamais vi maior semelhança em toda a minha vida. És, porém, muito mais idoso, pois meu amo, se estiver vivo, deve ser ainda homem robusto e jovem.

Ulisses apressou-se em responder-lhe:

– Não és a primeira pessoa a fazer tal observação. Já me falaram sobre isso várias vezes.

A ama ajoelhou-se, deitou água na bacia e começou a descobrir os pés do hóspede para banhá-los. De repente, deu um grito. A bilha caiu-lhe das mãos e a água esparramou-se no chão.

– És realmente meu amo Ulisses – gritou. Reconheço a cicatriz de tua perna.

Olhou em direção de Penélope, para contar-lhe a maravilhosa descoberta. Ulisses, porém, segurou-a fortemente pelo ombro:

– Cala-te, velha ama, se não me queres ver morto pelos pretendentes. Eu te ordeno que não digas uma palavra do que descobriste. É preciso primeiro afastar os usurpadores. Só então me deixarei reconhecer.

Ainda trêmula, Euricleia jurou-lhe que guardaria silêncio. Lembrou-lhe que podia confiar nela, pois era velha e fiel. Em seguida, foi buscar mais água para substituir a que derramara.

Penélope nada percebeu do diálogo da ama com o estrangeiro. Estava absorta em seus pensamentos e olhava vagamente o crepitar das chamas.

Quando Ulisses veio dizer-lhe boa noite, ela propôs-lhe esta questão:

– Há ainda uma coisa que te desejo perguntar, estrangeiro. Gostaria que interpretasses um estranho sonho que tive na noite passada. Tenho vinte gansos cinzentos no meu pátio e frequentemente vou eu mesma atirar-lhes alimento. Quando chego e os chamo, vêm correndo, cercar-me. No meu sonho, eu os vi disputando os grãos que eu jogava, quando imensa águia negra desceu das montanhas e matou os gansos, um a um. Depois que todos estavam mortos, alçou voo e desapareceu entre as nuvens. O sol brilhou mais intensamente. Vendo destruída toda a criação, comecei a chorar e a lamentar-me. Fui surpreendida por nova aparição da águia, que, pousada no telhado da casa, falou: "Não chores, Penélope, pois sou teu marido e esses gansos, os teus pretendentes. Em breve voltarei, mas como homem, e os usurpadores de minha casa terão o mesmo destino

dessas aves. Isto não é sonho, mas a realidade." Acordei assustada e corri até o pátio. Começava o alvorecer e os gansos alimentavam-se como sempre. Dize-me, estrangeiro, meu sonho tem algum significado?

– Certamente, minha rainha. E creio que tu mesma já o percebeste. Ulisses em breve estará aqui e então há de vingar a insolência de teus pretendentes.

Penélope suspirou.

– Como desejava poder interpretá-lo assim! Mas os sonhos trazem estranhas mensagens e temo que o meu signifique justamente o contrário. Não posso adiar por mais tempo a escolha de um marido. Tenho de abandonar esta casa, onde vivi vinte anos, e partir. Estrangeiro, dá-me teu sábio conselho. Imaginei um plano e quero ouvir tua opinião sobre ele. Ulisses, meu esposo adorado, era hábil na prática de jogos e competições. Costumava alinhar doze machados como se fossem estais de uma nau e depois, a boa distância, atirava flechas, através deles. Pretendo fazer tal competição entre meus pretendentes. Trarei o pesado arco de Ulisses. Aquele que conseguir vergá-lo e tiver a habilidade de acertar o alvo, passando por entre os machados, será o meu eleito, pois é o que mais se aproxima em força e destreza de meu marido. Que pensas sobre isto, estrangeiro?

Ulisses sorriu.

– És muito esperta, rainha, e aconselho-te que organizes o quanto antes esse jogo. Faze teus pretendentes competir. Posso afirmar-te que Ulisses chegará antes que qualquer deles consiga vergar o arco ou fazer passar a flecha por entre os machados. Para realizar isto, é preciso habilidade, como poucos homens possuem.

Penélope levantou-se:

– Agradeço-te as palavras de conforto com que me consolaste e desejo-te boa noite.

Dizendo isso, dirigiu-se aos seus aposentos, seguida pelas aias. Ulisses ficou só no imenso salão. Deitou-se, mas não adormeceu logo. Ficou fazendo planos para o combate contra os pretendentes.



O GRANDE ARCO

O dia seguinte era dedicado a Apolo, deus da ciência e das artes. Logo pela manhã, os servos da casa de Ulisses começaram os preparativos para os festejos do dia, pois os pretendentes deviam ter banquete mais lauto e mais entretenimento que habitualmente.

Euricleia rondava pela casa, inspecionando o trabalho. Doze mulheres ocupavam-se em moer o trigo e a cevada para fazer pães e bolos. Outras poliam as mesas e os assentos, enquanto terceiro grupo lavava as bilhas de vinho e as taças de ouro e prata. As poltronas eram recobertas e juncos frescos espalhados no chão. Para que não faltasse água dentro de casa, alguns escravos carregavam-na da fonte em grandes baldes. A lenha era rachada no pátio e as achas levadas para o interior. Todos agitavam-se, ultimando os preparativos.

Ulisses observava-os, sentado junto à porta. Estava aborrecido por ver o desperdício de seus bens. Pensava, com alívio, que aquilo logo teria fim. Foi surpreendido pela chegada de Eumeu, que deixara a fazenda de madrugada, para chegar bem cedo ao palácio. Trazia três gordos porcos, que deixou no pátio, e dirigiu-se para perto de Ulisses.

– Bom dia, amigo. Como te trataram os pretendentes, depois que deixei o palácio? Aumentaram seus insultos?

– Foram tão insolentes e atrevidos como dificilmente se encontra – respondeu Ulisses. Espero que chegue logo o dia em que sejam castigados por sua conduta.

Estavam conversando, quando chegou Melântio, conduzindo várias cabras para o banquete. Ao ver Ulisses e Eumeu virou-se para este com seu ar zombeteiro:

– Nosso amigo ainda não partiu – disse rindo – e tu, Eumeu, continuas ouvindo-o lamentar sua triste condição de mendigo e recordar-se dos tempos de fartura?

Virou-se depois para Ulisses e disse:

– Tu, grande mentiroso, não achas que é tempo de deixar os nobres senhores em paz e retirar-te para casa de algum camponês? Se insistes em permanecer, serei obrigado a expulsar-te e posso garantir que nunca mais aparecerás por aqui.

Dizendo isto, deixou-os e entrou em casa. Logo depois, chegou Filécio, o administrador da fazenda de Ulisses, onde ficavam as manadas do gado bovino. Também vinha trazendo animais para serem mortos. Era grande amigo de Eumeu e ao vê-lo aproximou-se dele, sacudindo o cajado, enquanto o saudava efusivamente. Depois, avistou Ulisses e falou, apertando-lhe a mão:

– Sê bem-vindo em casa de meu amo, estrangeiro. Sinto que ele próprio não esteja aqui para oferecer-te hospitalidade, pois nunca recusou pouso a nenhum andarilho. Na sua ausência, nós, os servos fiéis, te saudamos, pois não terás acolhida entre os intrusos que ocupam este palácio. A pobre rainha e o filho estão de tal modo desesperados que não se podem ocupar com hóspedes. Que os deuses os protejam e façam nosso rei retornar em breve.

Eumeu juntou a sua voz àquele voto e exclamou:

– Que os deuses imortais os protejam e tragam Ulisses de volta.

Filécio continuou:

– Ao olhar para ti, estrangeiro, fico a pensar que nosso extremado amo talvez esteja perambulando pelo mundo, como pobre andarilho, dependendo da caridade alheia. É preferível, porém, pensar que esteja nessa triste situação do que imaginá-lo morto e perder as esperanças de seu regresso. Foi meu grande protetor e confiava em mim. Colocou-me como administrador da fazenda, quando eu era ainda bem jovem. Disse que ficava tranquilo quanto à sorte do rebanho. Ainda que agora esteja longe e não possa inspecionar meu trabalho, tenho feito tudo para corresponder à sua confiança e hei de servi-lo fielmente até a morte. Às vezes, tenho vontade de abandonar meu posto e partir. Custam-me sentidas lágrimas ver os pretendentes da rainha dissipar a fortuna de meu amo, pela qual zelo com tanta parcimônia. Porém suporto este sofrimento, pois não posso trair a confiança de meu pai.

Ulisses viu imediatamente que podia contar com aquele homem para lutar a seu lado. Lembrou-se do dia em que o enviara para a fazenda. Apesar de sua pouca idade já se mostrava capaz e trabalhador.

– Bom rapaz – disse –, posso jurar que não tardará a volta de Ulisses. Ele está vivo e antes que tenhas tempo de deixar a ilha e partir para a fazenda, Ulisses chegará aqui, para vingar a desrespeitosa atitude dos pretendentes.

– Quando isto acontecer, estarei ao lado de meu pai para lutar com ele – falou o pastor do gado. Meu maior desejo é pegar em armas contra os ladrões insolentes que dissipam os bens de Ulisses.

Entrementes, iam chegando os pretendentes. Vinham em grupos, conversando e rindo, e dirigiram-se para o salão. Ulisses e os dois servos

também foram para lá. Telêmaco trouxe uma cadeira para o pai e colocou-a junto à porta.

– É melhor que te assentes junto à saída – ponderou –, pois algum dos homens poderá tentar a fuga.

– Muito bem pensado, filho – respondeu Ulisses com voz baixa –, foi justamente nesse lugar que pensei em ficar.

Depois, Telêmaco, levantando a voz:

– Estrangeiro, assenta-te e participa de nossa mesa. Serve-te de alimento e vinho e não temas quaisquer insultos, pois estás sob minha proteção.

Virando-se depois para os pretendentes, disse:

– Peço-vos que respeiteis minha casa e meu hóspede e que vos abstenhais de discussões e brigas.

Essas palavras, pronunciadas em tom ameaçador, provocaram espanto. Os homens entreolhavam-se e sacudiam os ombros, trocando murmúrios. Somente Antino retrucou:

– Devemos suportar as arengas desse moço, pois é Júpiter que lhe permite os arroubos de valentia. Se nosso plano não tivesse falhado, há muito estaríamos livres de sua voz insolente.

Disse isso e ninguém mais se preocupou com o incidente. Nem mesmo comentaram a presença de Ulisses, a quem foram servidas, por ordem de Telêmaco, as mesmas iguarias preparadas para os pretendentes.

Havia entre eles um homem vindo de Same, certo Ctesipo, que gostava de mostrar-se espirituoso e de divertir os outros com seus ditos. Resolveu, então, fazer gracejos sobre Ulisses.

– Amigos – disse –, o maltrapilho pedinte recebe o mesmo tratamento que nós e é justo, pois todos somos hóspedes de Telêmaco. Quero, também, agraciá-lo com uma oferenda condizente com sua posição de hóspede de honra em casa de um rei.

Dizendo isto, apanhou grande osso, num cesto, e atirou-o sobre Ulisses. Por pouco não o atingiu na cabeça. Ulisses foi ágil ao desviar-se e o osso bateu na parede.

Telêmaco deu um salto e gritou furioso:

– Se tivesses atingido teu alvo, Ctesipo, teria transpassado teu coração com minha lança. Teus pais celebrariam funeral em lugar do casamento que almejam comemorar. Escutai, pretendentes de minha mãe – continuou cada vez mais alto –, não sou menino como pretendeis julgar. Apesar de não ter conseguido ainda expulsar-vos de minha casa e de ter de suportar-vos, comendo e bebendo em minha mesa, não ficarei impassível vendo insultares um hóspede. Se só vos podereis tranquilizar quando me matardes é bom que vos apresseis em assassinar-me, pois é preferível morrer a ver desrespeitado um pobre ancião a quem ofereci hospitalidade.

Houve pesado silêncio no salão, quando Telêmaco se calou. Finalmente, um dos pretendentes ergueu-se e disse em tom conciliador:

– Tua exigência é justa, Telêmaco. Prometo-te que os hóspedes e servos receberão melhor tratamento de ora em diante. Mas em troca deves prestar-me um favor. Durante longos anos tivemos esperança de ver teu pai de volta a Ítaca. Hoje, passados quase dez anos, desde o final da guerra, já nos convencemos de que Ulisses nunca mais voltará. Se queres que abandonemos tua casa, vai ao encontro de tua mãe e a convence a escolher um de nós para marido.

– Jamais obrigarei minha mãe a tomar decisão contra sua vontade. Já disse isso várias vezes e volto a repetir. Minha mãe terá completa liberdade para deliberar.

Os pretendentes receberam com risos e gracejos essas palavras.

– Pobre Telêmaco, como se esforça para representar o papel de chefe de família! – dizia um.

– Como é cuidadoso com a felicidade de sua mãe! – argumentava um segundo.

– Quando Penélope se casar e partir, esta casa encher-se-á de mendigos, vindos de todos os cantos da Grécia. Telêmaco sentar-se-á entre eles para dispensar-lhes solene hospitalidade – gracejou outro.

Continuaram algum tempo dando gargalhadas e bebendo vinho. Súbito, Teoclímeno, o vidente, levantou-se. Sua face estava pálida e a voz tinha tom estranho.

– Sois loucos – gritou –, pois rides diante de vossa própria destruição. Vejo sangue sobre o assoalho e vossos corpos caídos sem vida. O espírito da morte vagueia por esta casa. Apressai-vos, se não quiserdes perecer.

Ninguém lhe deu ouvidos. Ao contrário, aumentaram a algazarra, fazendo troças. Eurímaco replicou-lhe ironicamente te:

– Estrangeiro que vieste de além-mar, deves estar louco. Apressai-vos, companheiros, e expulsai esse agourento desta casa. O ambiente aqui não lhe serve, pois só vê desgraça por toda parte.

– Não preciso que me ajudem – volveu Teoclímeno. Tenho duas boas pernas, que me irão levar para longe daqui, pois não desejo presenciar a catástrofe que está por vir.

Apanhou a capa, envolveu-se nela e saiu apavorado, correndo pela estrada em direção à casa de Peireu.

Os pretendentes riram de sua atitude e gracejavam com Telêmaco, dizendo:

– És bem infeliz na escolha de teus hóspedes. Primeiro, um pobre mendigo que nada faz além de comer e beber, e agora um profeta que prevê desgraças de morte. Mas não desesperes, pobre Telêmaco, porque, à medida que fores crescendo, irás aprendendo a fazer convites adequados.

Nesta altura, ocorreu a Penélope iniciar a competição de que falara, na véspera, a Ulisses, sem saber que se dirigia ao próprio esposo. Chamou Euricleia, pediu-lhe a chave do arsenal e para lá se dirigiram, levando duas outras servas. Atravessaram o salão, onde os homens se banquetavam e penetraram no grande quarto.

Subindo num banco, Penélope alcançou o arco dependurado na parede e pegou-o. Era a arma maciça, da qual uma extremidade estava protegida por um chifre de boi e a outra envolta em couro. Para resguardá-lo da poeira e umidade havia um estojo de couro. Penélope retirou-o do envoltório e, ao rever o arco, usado tantas vezes pelo esposo, abraçou-se com ele e chorou sentidamente.

Depois de algum tempo, levantou-se, enxugou as lágrimas, dominou-se energicamente e ordenou às servas que pegassem a pesada caixa de flechas e uma dúzia dos machados que Ulisses usava para o jogo. Ela mesma, carregando o arco e o coldre, voltou para o salão. Atravessou o corredor e parou no limiar da porta. Os pretendentes voltaram o olhar para ela e Penélope falou:

– Escutai-me, meus pretendentes – e houve profundo silêncio. Durante muito tempo, vivestes nesta casa, sem que ninguém vos pudesse impedir, pois vos desculpáveis alegando a demora de minha decisão em escolher um de vós. Finalmente, tomei decisão, para não permitir que a herança de meu filho, que vindes arruinando, chegue ao fim. Tenho nas mãos o arco

de meu querido esposo Ulisses, que o usava em seu esporte favorito. Costumava atirar com ele, fazendo as flechas atravessar pelo espaço entre duas fileiras de machados colocados num suporte. É bem difícil conseguir tal coisa. Eu vos desafio a provar que sois homens tão valorosos quanto Ulisses. Tomai o arco, retesai-o e atirai a flecha entre os machados. Aquele que o conseguir será meu eleito, pois é o que se aproxima mais de Ulisses, em valor. Eu o aceitarei por marido e o seguirei, deixando esta casa, embora com o coração constrangido pela dor. Serei boa esposa, apesar de que, em sonhos, voltarei sempre aqui para lembrar meu marido, Ulisses. Aceitai o desafio e começai a competição, pois diante de vós está colocado o prêmio.

Virando-se para Eumeu, entregou-lhe o arco e as flechas para que levasse até os pretendentes. Em seu coração, desejava que nenhum deles conseguisse realizar a façanha para que pudesse permanecer por mais tempo sob aquele teto.

Ao pegar o arco de seu amo, o porqueiro não pôde evitar que rolassem lágrimas por suas faces. Antino percebeu e gritou com voz irônica.

– Vede como o escravo é fiel a seu amo. Cessa tuas lágrimas, pois aumentas a tristeza da rainha. Entrega logo esse arco e as flechas, pois estamos ansiosos para experimentá-los. Sei que é difícil prova. Certa vez, quando menino, vi Ulisses realizá-la e invejei sua perícia. Apesar de conhecer a dificuldade, vamos tentar.

Dissera isso para desculpar-se, caso falhasse na prova. Secretamente nutria a certeza de que venceria. E, então, sua façanha seria mais notável, pois confessara que a prova era difícil.

Telêmaco compreendeu que se aproximava o momento decisivo, em que ele e o pai enfrentariam os pretendentes. Levantou-se e falou jovialmente, como há muito tempo não fazia:

– Distintos nobres de Ítaca e ilhas vizinhas, eis que vos é oferecida a mão da mais encantadora mulher. Aceitai o desafio e competi para resolver quem será o felizardo. Eu mesmo colocarei os machados e estarei ansioso, esperando para entregar minha mãe, como esposa, ao vencedor.

Sobre um suporte, colocou duas fileiras de machados, uma à direita e outra à esquerda. As lâminas foram justapostas. A seta deveria passar no espaço entre o cruzamento dos cabos e a parte inferior das lâminas. Quando terminou a arrumação, ordenou que Eumeu lhe entregasse o arco. Queria experimentá-lo e ver se já era tão forte como o pai. Pediu aos pretendentes que lhe perdoassem a ligeira demora.

O arco lhe foi entregue e Telêmaco, retesando os músculos, procurou vergá-lo. Porém a rija madeira não se alterou. O rapaz fez quatro tentativas sem resultado. Ao final, suspirou desanimado e disse:

– Parece que sou ainda muito jovem para esta prova, ou talvez os deuses me tenham negado a força que deram a meu pai. É vossa vez agora. Tomai o arco. Por certo, conseguireis dobrá-lo, pois sois mais velhos e mais robustos do que eu.

Imediatamente, Antino sugeriu que iniciassem a competição pelo homem que se sentava na extrema esquerda da mesa. Todos concordaram. O homem indicado levantou-se e tomou o arco. Usou todas as forças, porém seu esforço foi baldado. Vendo que nada conseguiria, exclamou:

– Amigos, jamais poderei vergar esse arco. Que outro tome meu lugar. Posso garantir-vos, porém, que melhor seria procurarmos noiva entre as jovens da ilha, pois ninguém conseguirá vencer a prova e conquistar Penélope.

Colocou o arco no chão e voltou a sentar-se. Antino zangou-se com a triste previsão, porém já começava a temer que o arco fosse mais inflexível do que pensara.

– Estás louco – disse. Prevês nosso malogro, julgando-nos fracos como tu. Sempre foste medíocre em competições de força. Espera e vê como teus companheiros serão mais bem sucedidos do que tu.

Virou-se em seguida para Melântio e falou:

– Derrete um pouco de cera no fogo e unta o arco para que se torne mais flexível.

Esfregaram a cera e aqueceram a arma. Um por um, os pretendentes tentaram vergá-la, mas ninguém o conseguiu. Enquanto durava a competição, Eumeu e Filécio retiraram-se para o pátio e ficaram conversando sobre as possibilidades dos pretendentes e evocando o tempo de seu amo. Vendo-os, Ulisses foi juntar-se a eles e disse:

– Amigos, se Ulisses surgisse subitamente aqui e os pretendentes tomassem armas contra ele, poderia contar com vosso apoio? Permaneceríeis fiéis a vosso amo, lutaríeis contra ele ou fugiríeis do perigo, afastando-vos do combate?

– Jamais fugiria – replicou Filécio. Conseguiria uma arma e lutaria ao lado de Ulisses até a morte.

– Eu faria o mesmo – ajuntou Eumeu. Se fosse preciso dar minha vida para vingar os ultrajes feitos a meu amo, morreria satisfeito.

Ulisses sorriu ao ver a fidelidade dos servos e não hesitou em revelar seu verdadeiro nome.

– Bons servos de quem me orgulho. Sou Ulisses e eis-me finalmente de volta ao meu lar. Dar-vos-ei oportunidade de provar o que acabastes de falar e estou certo de que não me decepcionarei. Para que creiais em mim,

vede a cicatriz de minha perna. Tu, Eumeu, deves lembrar-te bem da caçada em que fui ferido por um javali.

Os dois homens mudos de espanto e de alegria não sabiam o que dizer ou fazer para comemorar a volta do amo.

Ulisses interrompeu suas manifestações de contentamento dizendo:

– Não podemos prolongar nossa ausência do salão, pois dará motivo para suspeitas. Voltemos. Irei na frente e logo depois entrareis, cada um por sua vez. Vou pedir aos pretendentes que me deixem experimentar o arco. Se recusarem, tu, Eumeu, deverás entregá-lo a mim assim mesmo. Quanto a ti, Filécio, vai dizer a Euricleia que mantenha fechada a porta que conduz aos aposentos das mulheres, pois não quero que penetrem no salão. Depois, fecha os portões do pátio para que ninguém possa entrar ou sair de casa.

Ulisses voltou ao salão e depois entrou Eumeu, logo seguido por Filécio, que antes foi trancar os portões.

Ao chegar a vez de Eurímaco tentar a prova, cresceu a expectativa. Só faltavam ele e Antino. Porém nem mesmo Eurímaco foi capaz de dobrá-lo.

Furioso, entregou o arco a Antino, dizendo:

– Como somos insignificantes, pois não conseguimos realizar a façanha que Ulisses executava facilmente.

Antino encheu-se de temor. Sabia que igual resultado esperava por ele. Por isso sugeriu:

– Hoje é dia dedicado a Apolo e não é justo que nos ocupemos com competições. Vamos suspendê-la e esperar até amanhã. Deixemos os machados preparados e descansemos agora.

Ulisses, então, levantou-se e falou humildemente:

– Nobres senhores, já que adiastes o final da competição para amanhã, tenho um pedido a fazer. Quando jovem, fui excelente flecheiro e desejo ver o que me restou da antiga habilidade, agora que os anos já me roubaram a juventude. Não podeis recusar-me isso, bom Antino e amável Eurímaco.

Estas palavras os deixaram indignados. Temiam ser superados pelo andarilho e seria vergonha que um ancião conseguisse o que eles próprios foram incapazes de fazer. Antino respondeu-lhe brutalmente:

– Ainda estás aqui importunando? Já não te fartaste de comida e vinho? Cala-te a um canto ou some daqui.

Penélope, que estava assistindo ao jogo, ouviu-o e falou indignada:

– Como ousas ser tão descortês com o estrangeiro, Antino? Não cabe a ti resolver se deve ficar ou partir. Ele é meu hóspede e o acolhi com prazer em minha casa. Não lhe recuso o direito de experimentar o arco. Acaso temes que possa competir contigo, tornando-se mais um pretendente para mim?

Eurímaco respondeu-lhe:

– Amável rainha, não tememos que esse pobre mendigo tenha a pretensão de aspirar a tornar-se teu esposo. Porém, se for bem sucedido na prova, em que falhamos, toda Ítaca se rirá de nós, chamando-nos de homens fracos.

Os olhos de Penélope brilharam de cólera e sua voz tremia, quando disse:

– Um homem que penetra insolentemente numa casa, sem ser convidado, aproveita da ausência do dono para dissipar-lhe os bens e atormentar sua esposa não precisa preocupar-se mais com o juízo que o povo faz sobre ele. Eu te asseguro que, se o estrangeiro for capaz de vergar

o arco de meu marido, eu lhe darei roupas novas, uma afiada espada e um escudo para defender-se em suas peregrinações.

Telêmaco percebeu que a luta não ia demorar a começar e achou prudente afastar a mãe, pois ali correria perigo. Voltou-se para ela e disse:

– Boa mãe, o arco pertenceu a meu pai, portanto somente a mim compete decidir quem pode usá-lo. Rogo-te que deixes a meu cargo tal deliberação. Eu o cederei a quem me aprover. Agora, minha mãe, volta para teus aposentos e ocupa-te com o tear e bordados. O manejo de arcos é assunto para homens e não para mulheres.

Sem lhe dar resposta, Penélope levantou-se, chamou as aias e Euricleia para acompanhá-la e deixou a sala. Quando a velha ama passou por ele, Telêmaco pediu-lhe, em voz baixa, que lhe entregasse o molho de chaves, pois naquela noite talvez precisasse dele. Sem deixar os outros perceberem, Euricleia atendeu.

Logo que as mulheres partiram, Eumeu pegou o arco para levá-lo ao amo. Os pretendentes levantaram protestos e o servo hesitou. Porém Telêmaco lançou-lhe olhar encorajador e Eumeu caminhou até Ulisses e deixou o arco em suas mãos. Dirigiu-se depois para a porta que comunicava com os quartos das mulheres, chamou a velha ama e pediu-lhe que trancasse a porta e a mantivesse fechada. Euricleia compreendeu o que ia acontecer. Seu coração encheu-se de temor pela vida de Ulisses. Com mãos trêmulas cumpriu a ordem e retirou-se para junto da rainha. Eumeu continuou as providências. Fechou a porta lateral que se abria para a despensa e todas que davam para o pátio. Finalmente, ele e Filício voltaram para perto de Ulisses.

Com o arco nas mãos, Ulisses observava-o cuidadosamente. Queria ver se a longa permanência sem uso não o tinha estragado. Felizmente, verificou que os anos não tinham prejudicado arma. Os pretendentes

zombavam ao vê-lo compenetrado, dizendo que o mendigo assumia ares de profundo conhecedor da arte de atirar flechas. Alguns gracejavam, afirmando que ele pretendia atirar com os conhecimentos adquiridos naquela noite.

Ulisses, impassível, sem se levantar do banco onde estava sentado, colocando uma extremidade do arco no chão, curvou a outra e prendeu a linha. Experimentou-a com o polegar e ressoou o ruído da vibração por toda a sala. Os pretendentes olhavam-se assustados. Sempre sentado, Ulisses retirou uma flecha do carcás, colocou-a em posição, fez pontaria e a flecha partiu, ligeira, atravessando por entre os machados e encravando-se na porta de madeira.

Ulisses sorriu e chamou Telêmaco, dizendo:

– O estrangeiro a quem oferecete hospitalidade não te decepcionou. Parece-me que os anos não destruíram minha força e agilidade. Mas, agora, continuemos a festa.

Telêmaco, tomando uma espada e uma lança, ficou ao lado do pai, junto à porta do vestíbulo.



A BATALHA CONTRA OS PRETENDENTES

Ulisses levantou-se, apanhou o carcás cheio de flechas e ficou olhando para os pretendentes que bebiam.

– O mendigo é, sem dúvida, vigoroso – comentavam.

– Vamos beber para esquecer que fomos superados em força por um ancião – sugeriu um.

– O vinho é o melhor amigo do homem – gritou Antino, estendendo a mão para pegar uma taça.

Ulisses colocou segunda flecha no arco e, voltando para os homens, falou:

– Acabo de ter uma vitória, porém, urge que consiga outra. Ninguém pôde ainda realizar tal façanha, mas os deuses imortais guiarão minhas setas.

Dizendo isso, mirou em Antino. O jovem aproximava a taça da boca para beber. Segurava-a com ambas as mãos. A flecha atingiu-o na garganta. Ouviu-se primeiro o ruído do copo que rolou pelo chão e em seguida o baque do corpo, que já caiu sem vida. O sangue misturou-se ao vinho, esparramando-se no soalho.

Os pretendentes levantaram-se gritando e voltaram-se para Ulisses com fúria.

– Miserável pedinte, mataste impiedosamente o primeiro dos nobres de Ítaca. Não sairás vivo desta casa e pagarás caro por tua loucura.

Ulisses gritou-lhes em igual tom:

– Homens indecorosos e vis, que ousastes pretender a mão de minha esposa, dissipar meus bens e usar meu palácio, como se vos pertencessem, jamais pensastes que haveria de voltar e vingar tais ultrajes. Tardou o dia de minha volta, mas eis-me novamente em Ítaca e não há salvação para vós.

– É o rei Ulisses – diziam boquiabertos e assustados.

Olhavam ao redor, procurando as armas que habitualmente ficavam no vestíbulo. Porém as lanças, flechas, dardos e escudos tinham desaparecido. As poucas armas restantes estavam em poder de Ulisses e Telêmaco. Outros procuravam com os olhos meio de evadir-se. Correram até as portas e ao encontrá-las fechadas ficaram desesperados. Não tinham para defendê-los senão a pequena espada que carregavam consigo. Ulisses carregava o carcás cheio de setas e postava-se ameaçador sob o portal.

Nenhum deles ousava levantar a voz. Finalmente, Eurímaco, recuperando a calma, tentou o último recurso: dissuadir Ulisses com palavras astuciosas.

– Tens razão, rei Ulisses, de indignar-te com o que fizemos em tua casa. Porém, a homem que nos incitava a permanecer aqui e esbanjar tua fortuna já está morto. Antino alimentava planos de apoderar-se de teus bens e tornar-se rei de Ítaca. Quanto a nós, certos de tua morte, apenas almejamos receber a amável Penélope por esposa. Estamos prontos a indenizar-te largamente, mas poupa nossas vidas.

Ulisses olhou-o com escárnio e respondeu:

– És um fraco, Eurímaco, e até no momento de tua morte procuras enganar-me com mentiras e falsidades. A única indenização que aceito é sangue!

Vendo que não havia esperanças, os homens foram tomados pelo medo. Eurímaco procurou encorajá-los.

– Amigos, somos uma centena de homens e ele é apenas um. Vamos atacá-lo com nossas espadas antes que tenha tempo de atirar contra nós.

Tomando sua espada, deu um grito e investiu contra Ulisses. Porém uma flecha o atingiu no coração e o grito morreu-lhe nos lábios, enquanto caía no chão.

Um terceiro avançou para Telêmaco, que só tinha nas mãos uma espada. O moço gritou para o pai:

– A velha Euricleia deu-me a chave do arsenal. Vou buscar mais armas para mim e para os dois servos, enquanto os manténs com teu arco.

– Apressa-te, filho, pois só posso lutar enquanto me sobrarem flechas.

Telêmaco tomou a chave que estava com Eumeu e atravessou o salão. Os pretendentes não o perceberam, tão confusos estavam procurando livrar-se das flechas e esconder-se atrás de mesas e cadeiras. No arsenal, reuniu oito fortes lanças, quatro escudos e elmos, enfeitados com crina de cavalo. Na ânsia de levar as armas, esqueceu-se de tornar a fechar a porta. Esgueirou-se para o salão e armou-se, bem como aos dois servos, colocando o elmo que cobriu seus longos cabelos.

Enquanto Ulisses teve flechas, rajadas caíram sobre os inimigos, matando a muitos. Quando terminaram, colocou o elmo que Telêmaco trouxera, pegou duas lanças e investiu contra os pretendentes.

Melântio percebera que a porta do arsenal ficara aberta e sussurrou para os amigos que iria buscar armas. Dirigiu-se para lá e sem dificuldades penetrou no quarto. Recolheu doze lanças e escudos e apressou-se a entregá-los aos pretendentes.

Quando Ulisses os viu armando-se, perguntou a Telêmaco se não recolhera todas as armas ao arsenal. O rapaz confirmou-o. Só então Ulisses percebeu a manobra de Melântio. Reconhecendo sua falta, Telêmaco deu um grito e pediu a Eumeu que fosse trancar a porta antes que pudessem retirar mais armamento. Nesse instante, Melântio penetrava novamente no arsenal. Eumeu e Filécio seguiram-no e foram encontrá-lo escolhendo novas lanças. Retiraram corda de uma arca e aproximando-se de Melântio, sem que ele percebesse, amarraram-lhe os pés e as mãos e içaram-no ao alto de uma coluna. Finalmente, fecharam as portas e voltaram a combater ao lado do amo.

Os quatro juntos lutavam bravamente. Os pretendentes tinham como alvo matar Ulisses, pois sabiam que então dominariam facilmente os outros e poderiam fugir. Atiravam lanças contra ele, porém, protegido pelo escudo, Ulisses escapava ileso. Cada vez que atirava, matava um homem. Por seu turno, Telêmaco e os servos também derrubavam inimigos. Aos poucos, foi diminuindo o número de sobreviventes que, acuados, encolheram-se a um canto do salão. Ulisses e os companheiros, entre gritos de vitória, atiravam lanças. Filécio transpassou o coração de Ctesipo, o homem que atirara um osso em seu amo.

Os pretendentes, em pânico, largavam as armas e corriam na esperança de escapar por alguma porta. Mas Ulisses perseguia-os, derrubando um a um, surdo aos seus pedidos de clemência.

Fêmio, o menestrel, assistia, horrorizado, ao morticínio, temendo ter a mesma sorte dos outros. Quando Ulisses se dirigiu a ele, apontando-lhe a lança, Fêmio jogou ao chão a lira e caiu a seus pés, chorando:

– Tem piedade de mim, rei Ulisses. Minha voz é doce e não há igual em toda Ítaca. Os artistas e poetas devem ser poupados, pois fazem falta nas casas dos reis.

– Tu cantaste para meus inimigos. Eu mesmo te ouvi.

– Como poderia furtar-me ao prazer de cantar! Um menestrel não pode calar-se enquanto houver alguém para ouvi-lo. O poeta canta, porque ama a arte. As pessoas que o assistem pouca importância têm.

Com a mão direita segurando os cabelos do cantor e a ponta da espada junto a sua garganta, Ulisses olhou seu rosto jovem e hesitou se deveria matá-lo ou não. Mas Telêmaco gritou:

– Não mate Fêmio, meu pai, pois seu canto traz alegria a esta casa. Poupa também o servo Medonte. Ele servia os pretendentes porque era obrigado. Porém sempre foi fiel. Foi ele quem revelou à minha mãe a trama dos inimigos para matar-me.

Olhou ao redor e continuou:

– Temo que já esteja morto. Não o vejo. Entretanto, era meu amigo. Quando criança entretinha-me com contos e brinquedos.

Medonte estava escondido, envolto num tapete, atrás de uma cadeira. Ouvindo Telêmaco, abandonou o esconderijo, correu para ele e ajoelhou-se a seus pés.

– Não deixes teu pai matar-me, pois sempre desejei bem para ti e, minha rainha.

Ulisses sorriu para ele.

– Vai rapidamente para o pátio – disse – e espera que tudo termine.

Depois, soltando os cabelos de Fêmio, falou:

– O menestrel pode acompanhar-te. Estais livres, os dois.

Fêmio apanhou a lira e saiu com Medonte para o pátio. Quando todos os pretendentes estavam mortos, Ulisses pediu ao filho que fosse chamar Euricleia. Telêmaco correu até a porta e gritou o nome da ama. A velha acorreu logo e ao avistar seu rei são e salvo e os inimigos mortos começou a cantar os brados de vitória.

– Não devemos rejubilar-nos diante da morte – disse Ulisses. Contém tua alegria e dize-me quais os servos que permaneceram fiéis a mim e os que se uniram aos pretendentes.

– Há somente doze escravos infiéis e Melântio – respondeu Euricleia. Foram rebeldes e preferiram acatar as ordens dos pretendentes e desobedecer à rainha.

– Traze os doze à minha presença – ordenou Ulisses.

Os servos vieram e Ulisses mandou que carregassem para o pátio os cadáveres que jaziam no salão. Depois, limparam a sala e recolocaram a mobília em ordem. Finalmente, foram conduzidos ao pátio e Eumeu e Filício receberam ordens de matar todos eles, inclusive Melântio.

A velha ama trouxe enxofre e fogo para purificar a sala e Ulisses pediu-lhe que fosse chamar Penélope. Porém Euricleia protestou:

– Vais encontrar tua mulher vestido com esses trapos? Permitas que traga finas vestimentas, meu filho.

Ulisses riu.

– Apressa-te, ama, e faze a que mando. Haverá mais tarde muito tempo para belas roupas.

Euricleia saiu resmungando. Não podia entender os homens. Achava-os sem juízo e senso prático.

Quando as servas ouviram a notícia da volta de Ulisses, correram e cercaram-no, gritando e chorando de alegria. Enquanto isso, a anciã dirigiu-se ao quarto de Penélope e encontrou-a adormecida.

– Acorda, querida rainha, acorda. Ulisses está de volta e os pretendentes jazem mortos.

Penélope sentou-se e esfregou os olhos.

– Pobre ama – falou. As desgraças tiraram-lhe a razão, ou então tudo é um sonho.

– Não é sonho. Ulisses está lá embaixo e os pretendentes estão mortos. O estrangeiro que acolheste é o nosso rei. Tem aparência de velho, porém não podemos esquecer que as dificuldades, perigos e saudades envelhecem muito um homem. Reconheci sua voz, quando falou comigo, e, ao ver a cicatriz de sua perna, não duvidei mais. Vem, teu marido te espera.

Penélope deu um pulo, abraçou e beijou a ama. De repente, parou:

– Euricleia, as notícias são boas demais para serem verdadeiras. Certamente, um deus imortal tomou a forma de um velho e veio livrar-nos dos inimigos. Ulisses pereceu longe daqui.

– Como estás incrédula, minha filha. Vem comigo e mostrar-te-ei Ulisses.

Cheia de esperança, Penélope desceu. Estava aflita e temerosa, feliz e assustada. Ao chegar à porta, avistou Ulisses, sentado junto à lareira. Hesitou um minuto sem saber se devia correr e abraçá-lo, ou primeiro certificar-se de que era ele. Permaneceu indecisa, pois não podia compreender como Ulisses pudera envelhecer tanto. Cautelosamente, puxou uma cadeira para junto dele e olhou-o procurando reconhecê-lo. Às vezes, encontrava no velho semelhanças com o marido. Porém, logo depois, abandonava a ideia por vê-lo tão alquebrado.

Surpreendido pela estranha atitude da mãe, Telêmaco falou:

– Querida mãe, esperaste e oraste vinte anos pela volta de meu pai. Agora, ei-lo aqui e te tornas uma estátua sem dirigir-lhe palavra. Será esse o comportamento conveniente para uma esposa?

– Meu filho, não sei o que dizer ou no que pensar.

A rapidez com que tudo aconteceu deixou-me sem ação. Só poderei ter certeza de que o estrangeiro é Ulisses, quando o interrogar.

Qualquer homem ficaria decepcionado com tal frieza. A Ulisses, porém, agradou ver como a esposa era prudente e cautelosa. Virando-se para Telêmaco, disse:

– Deixa-me a sós com tua mãe e talvez possa provar-lhe que realmente sou Ulisses. Mas antes farei a vontade da velha Euricleia. Vou banhar-me e vestir-me como rei. Isto talvez ajude nossa rainha a reconhecer-me.

Saiu com Telêmaco, deixando Penélope absorta em seus pensamentos. Atirou fora os andrajos e banhou-se numa tina de água quente. Quando terminava o banho Minerva devolveu-lhe a aparência real. Vestiu alva túnica de linho, cingiu-se com um cinto dourado, sobre os ombros colocou uma túnica cor de púrpura, com frisos verdes e voltou para o salão. Penélope viu-o entrar, como homem garboso de meia-idade, com longas e bastas madeixas pretas em lugar da rala cabeleira cinzenta, os olhos brilhantes e o sorriso que ela amava tanto. Apesar da alegria que sentiu ainda não acreditou e permaneceu calada, observando.

Ulisses sentou-se junto dela, sorriu e disse:

– Como minha esposa é estranha! Depois de longos anos de ausência, volto para casa e me recebe calada. Sempre julguei que as mulheres falassem muito, mas vejo que me enganei.

Virou-se depois para Euricleia e continuou:

– Boa ama, arranja-me quarto e prepara meu leito pois estou exausto. Minha esposa nada tem a dizer-me.

Penélope olhou-o e falou imediatamente para a ama.

– Eis uma boa ideia. Se realmente este é o meu marido deve dormir na cama que construiu para nós. Manda os servos retirá-la de meu quarto e arrumá-la com finas colchas.

Ulisses, intrigado, exclamou:

– O que aconteceu à minha cama? Eu mesmo a construí e usei como suporte o tronco de oliveira que crescia ao lado da casa. Cortei os galhos e ajustei o tronco. Em volta dela, levantei meu quarto. A cama está encravada no tronco. Ninguém pode removê-la a não ser que corte a árvore.

Quando terminou, Penélope lançou-se em seus braços e beijou-o. Finalmente, acreditava que seu marido estava de volta. Ouvindo-o descrever a peculiaridade da cama, não duvidou mais.

– Não te zangues, Ulisses querido, por eu ter duvidado de ti. Tenho sido enganada tantas vezes que aprendi a ser cautelosa.

Ulisses abraçou a esposa, enternecido. Retiraram-se para seu quarto e antes de adormecer ela lhe narrou todas as dificuldades por que passara na sua ausência. Por sua vez, Ulisses contou-lhe as aventuras de sua viagem. Falou dos cícones, dos lestrigões, dos comedores de lótus e da crueldade de Polifemo. Quando Penélope soube da morte dos companheiros do marido, chorou de tristeza. Depois, Ulisses terminou a narração, descrevendo-lhe a ilha de Calipso e a terra dos feaces. Penélope ouvia tudo atentamente até que plácido sono os dominou.



LAERTE

Na manhã seguinte, Ulisses partiu com Telêmaco para a fazenda de Laerte. Os dois homens transpuseram as colinas, quase correndo, ansiosos por chegar a seu destino. A casa da fazenda ficava ao centro de um pomar onde abundavam árvores frutíferas: macieiras, pereiras, oliveiras e grande vinhedo misturavam-se aos canteiros de hortaliças e legumes.

Encontraram Laerte ocupado em trabalhar na vinha. Usava roupas rústicas, sapatos e luvas de couro cru. Mais parecia escravo do que o pai de um rei.

Ulisses gostava de ocultar sua verdadeira identidade, quando falava a conhecidos, para observar-lhes a reação. Aproximando do ancião, disse:

– Quem és tu que possuis plantações tão bem cuidadas e trabalhas com afinco, esquecendo-te da avançada idade? Acaso és um escravo abandonado pelos amos? Teu trabalho te dá direito a melhor tratamento. Parece-me, entretanto, que não és escravo. Veem-se traços de nobreza em ti, apesar das roupas grosseiras. Acaso és homem arruinado pelas desgraças?

O velho Laerte suspirou:

– Estrangeiro – disse. Pela pergunta que fazes sei que és estrangeiro. Chegaste a Ítaca em tempos infelizes. Se meu filho, rei Ulisses, estivesse

aqui, dar-te-ia recepção condigna. Mas ele pereceu em terras longínquas. Mas dize-me quem és e de onde vens.

– Venho de Alibas – respondeu Ulisses – e conheci teu filho.

Ouvindo isto, o ancião não pôde conter as lágrimas. Comovido, Ulisses resolveu poupar-lhe maior dor, e disse:

– Meu pai, olha para mim. Eu sou Ulisses, teu filho. Finalmente, voltei para casa e todos os pretendentes de Penélope estão mortos.

O pobre homem meneou a cabeça e respondeu:

– Já sofri muito e não posso crer facilmente no que dizes. Se falas a verdade, prova-me que és meu filho.

Ulisses pensou um instante.

– Vês esta cicatriz em minha perna? Lembra-te, meu pai, da caçada em que fui ferido por um javali? Se isto ainda não for suficiente, contar-te-ei um episódio de minha infância. Certo dia, passeando contigo pelo pomar, pedi que me desses todas as árvores. Disseste que já eram minhas. Eram, ao todo, treze pereiras, dez macieiras e quarentas figueiras. Lembras-te disso?

O velho Laerte abraçou o filho que julgava perdido.

Por instantes, era tal a alegria que não pôde falar. Finalmente:

– Dize-me, filho, mataste todos os pretendentes?

– Todos, meu pai.

– Os nobres de Ítaca e ilhas vizinhas levantar-se-ão contra ti. Que vais fazer para proteger-te, Ulisses?

– Eu sou o rei. Os homens que matei eram maus. O povo há de compreender. Por agora, entremos em casa para combinar os meios de combater possíveis rebeliões.

Telêmaco ordenou que os servos da fazenda preparassem um banquete para comemorar a volta de Ulisses. Amo e servos sentaram-se e saborearam juntos a excelente refeição, no meio de festa e regozijo.

Ulisses contou ao pai os episódios do dia anterior. O ancião lamentou não ter estado presente.

– Gostaria de mostrar – disse ele – que meus braços são ainda suficientemente fortes para lutar ao lado de meu filho.

Na cidade, o povo de Ítaca reuniu-se no local de assembleia, para deliberar sobre a atitude que deveriam tomar, diante da volta de Ulisses e morte dos pretendentes. O primeiro a falar foi Eupites, pai de Antino. Esse homem devia a vida a Ulisses, pois, quando se meteu em negócios escusos com piratas táfios, o rei livrou-o da morte que o povo lhe preparava. Eupites, levantando-se, falou:

– O crime de Ulisses só poderá ser pago com sua vida.

Medonte, que estava presente, retrucou:

– Vi quando Ulisses matou-os a todos. Somente um homem ajudado pelos deuses poderia realizar tal façanha.

O velho Halitese ajuntou:

– Aos próprios pretendentes cabe a culpa de sua morte. Nós os avisamos, Telêmaco exortou-os a sair. Se tivessem obedecido, não estariam mortos. Ulisses estava no seu direito, ao defender sua casa.

Muitos concordaram com ele. Outros, porém, deram razão a Eupites. Correram a suas casas, armaram-se e, sob o comando do pai de Antino, rumaram para a fazenda de Laerte.

Ulisses viu-os despontar no topo da colina e, imaginando que vinham combater, preparou a defesa.

Do alto do monte Olimpo, Júpiter, deus dos homens e das divindades, observou o que se passava em Ítaca, chamou a filha, Minerva, e disse:

– Deves estar satisfeita, pois Ulisses voltou à sua terra e venceu seus inimigos. Não é minha vontade que corra mais sangue naquela ilha. Vai até lá, dispersa os insatisfeitos e devolve a Ulisses a soberania.

Minerva partiu pressurosa para cumprir a ordem. Chegando ao local onde Ulisses, Laerte, Telêmaco e os servos aguardavam a hora do ataque, encheu de ânimo o coração de Laerte e fortaleceu-lhe os músculos. Quando os inimigos se aproximaram, o ancião lançou certa lança envenenada que derrubou Eupites. Nesse instante, um relâmpago, enviado por Júpiter, riscou o céu e a voz de Minerva ecoou ordenando que cessassem a luta. Imediatamente, os seguidores de Eupites debandaram aterrorizados.

Desde aquele dia, ninguém mais protestou contra a morte dos pretendentes. Ulisses retomou seu lugar de rei, vivendo em concórdia com seus súditos. Sua vida tornou-se tranquila, próspera e feliz ao lado da esposa amada, tal qual predissera o profeta Terésias.

Créditos

© Stella Maris Bortoni-Ricardo

Adaptação de Stella Maris Bortoni-Ricardo

Edição e Diagramação: Lucas Bortoni Dias Miranda

Este livro está disponível em www.stellabortoni.com.br. Reprodução autorizada.

Editado com o software iBooksAuthor em 2017.